



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (MESTRADO)
HISTÓRIA DO POVOAMENTO, DA AGRICULTURA E DO MEIO
AMBIENTE**

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO

**ENTRE TRABALHO E LAZER: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE
IRATI, JARDINÓPOLIS, UNIÃO DO OESTE E SUL BRASIL (1920-1980)**

**CHAPECÓ
2018**

CLAUDIA VALMORBIDA RISSO

**ENTRE TRABALHO E LAZER: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE
IRATI, JARDINÓPOLIS, UNIÃO DO OESTE E SUL BRASIL (1920-1980)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Prof^ª Dra. Samira Peruchi Moretto.

CHAPECÓ
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

R596e Risso, Claudia Valmorbida

Entre trabalho e lazer: as memórias dos moradores de Irati, Jardinópolis, União do Oeste e Sul Brasil (1920-1980) / Claudia Valmorbida Risso. -- 2018. -- 116 f. : il. , fot., mapas.

Orientador: Samira Peruchi Moretto. Coorientador: Valmir Francisco Muraro.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós-Graduação em História, 2018.

1. História – Santa Catarina – Região Oeste. 2. História social – Santa Catarina. 3. Imigração – Santa Catarina 4. Colonização – Santa Catarina – Região Oeste 5. Lazer – Santa Catarina – Região Oeste. 6. Trabalho – Santa Catarina – Região Oeste. I. Moretto, Samira Peruchi, orient. II. Muraro, Valmir Francisco, coorient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

CDD 981.64

Ficha catalográfica elaborada pela
Divisão de Bibliotecas – UFFS
Nelcy T. da Rosa Kegler
CRB – 14/1311

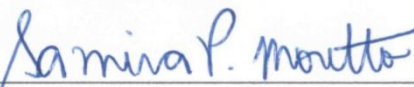
CLAUDIA VALMORBIDA RISSO

**ENTRE TRABALHO E LAZER: AS MEMÓRIAS DOS MORADORES DE
IRATI, JARDINÓPOLIS, UNIÃO DO OESTE E SUL BRASIL (1920-1980)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em HISTÓRIA, defendido em banca examinadora em 05/07/2018

Aprovado em: 05 / 07 / 2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Samira Peruchi Moretto – UFFS
Presidente da banca/orientador



Prof. Dr. João Klug – UFSC
Membro titular externo



Prof. Dr. Marlon Brandt – UFFS
Membro titular interno

Prof. Dr. Delmir José Valentini – UFFS
Membro suplente interno

Chapecó/SC, julho de 2018

AGRADECIMENTOS

Em minha vida, os momentos mais especiais foram marcados por grandes desafios os quais, por sua vez, atribuíram sentido ao que estava realizando. Esta pesquisa não foi diferente. Um sonho em mente que se tornou realidade da forma mais breve que poderia ter sido imaginada. Porém, esta trajetória não foi percorrida sozinha, e, neste momento, deixo meus sinceros agradecimentos a aqueles que foram importantes para a concretização deste objetivo.

A Deus por ter me concedido esta oportunidade, saúde e disposição para superar os momentos difíceis.

A todos os professores que, com seus conhecimentos, fizeram a pesquisa ganhar corpo e alma. Em especial, a minha orientadora professora Doutora Samira Peruchi Moretto, por ter aceitado o desafio, pela paciência, pelos incentivos e suporte nas correções.

Ao meu esposo, Edimar Risso, pelo incentivo desde o início deste processo, pela compreensão nas horas ausentes que eu estive de sua vida. Companheirismo e, acima de tudo, por não medir esforços nos momentos em que eu precisei de seu auxílio. Também à minha pequena Mirela, que sempre com seu sorriso renovava minhas energias para continuar a escrita da pesquisa.

À minha família, Claudiomir e Claudete (pai e mãe), pelo apoio incondicional e preocupação com o meu bem-estar. À minha irmã Francieli, por todas as vezes que me aceitou e acomodou-me em seu pequeno espaço da também vida universitária. Aos demais familiares, sem citar nomes, mas não menos importantes, pela ajuda constante quando eu solicitei.

Aos meus amigos, sem os quais a vida não teria sentido. Aos meus verdadeiros “amigos do tempo”, pelo encorajamento e torcida para que cada etapa fosse realizada com êxito. A aqueles amigos que fiz pelo caminho, essenciais em suas amizades, para a troca de experiências, dúvidas e soluções, as quais me possibilitaram continuar o caminho deste estudo. Acrescento as amigas de minha cidade, pela compreensão quando não estive presente em nossos encontros. Vocês proporcionaram muitas alegrias, tornando o trabalho da escrita mais leve e prazeroso.

A todos os envolvidos da Escola de Educação Básica São Luiz, instituição na qual trabalhei durante o percurso do mestrado, por ajustarem meus horários de trabalho conforme minhas necessidades de estudo. Aos colegas de profissão que atuam na escola e que certamente colaboraram e fizeram a diferença. Aos meus alunos, pela ajuda com a pesquisa, pela compreensão nos dias em que as aulas não estavam bem preparadas, e pelas conversas sobre a experiência do mestrado nos tempos disponíveis, as quais fizeram com que eu tivesse a certeza da continuidade de minha pesquisa.

Enfim, muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a prática do lazer e do trabalho no Oeste de Santa Catarina, entre os anos de 1920 e 1980. Para entender este processo, foi necessário observar a formação política administrativa dos atuais municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati, no contexto da migração e do processo colonizador, buscando entender as especificidades e ações relacionadas aos grupos de migrantes e imigrantes, que habitavam e, posteriormente, fixaram-se na região. Também mencionamos a presença das atuações colonizadoras das empresas responsáveis por este processo de ocupação. Pretendemos entender as questões associadas aos sujeitos formadores da sociedade local, suas práticas em relação ao ambiente e a paisagem enquanto influenciadora e influenciada por esses sujeitos. Mostramos dessa forma, como o trabalho desempenhado no cotidiano, e o lazer enquanto divertimento social e individual dos moradores do oeste catarinense, estavam conectados. Para enfatizar estas questões foram utilizadas como materiais de pesquisa bibliografias, fotografias, mapas e documentos cartoriais. Além disso, utilizamo-nos de fonte oral, que deu suporte a pesquisa ao mostrar as memórias através de depoimentos daqueles que participaram do processo de colonização e interação social, ambiental e econômica da região.

Palavras-chave: Imigração e Migração; Lazer; Trabalho; Colonização.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the practice of leisure and work in the West of Santa Catarina between 1920 and 1980. To understand this process, it was necessary to observe the administrative political formation of the present municipalities of Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis and Irati, in the context of migration and the colonization process, seeking to understand the specificities and actions related to the groups of migrants and immigrants who inhabited and later settled in the region. We also mentioned the presence of the colonizing activities of the companies responsible for this occupation process. We intend to understand the issues associated with the subjects that form the local society, their practices in relation to the environment and the landscape as influential and influenced by these subjects. We showed, in this way, how the work performed in daily life, and leisure as social and individual fun of the inhabitants of the west of Santa Catarina, were connected. To emphasize these questions were used as research materials bibliographies, photographs, maps and documentary records. In addition, we used an oral source, which supported research by showing the memories through testimonies of those who participated in the process of colonization and social, environmental and economic interaction of the region.

Keywords: Immigration and Migration; Recreation; Job; Colonization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - IRATI, JARDINÓPOLIS, UNIÃO DO OESTE E SUL BRASIL	
1.1 - Localização e demarcação de Irati, Jardinópolis, União Do Oeste e Sul Brasil ..	24
1.2 A atuação das empresas colonizadoras e a formação política na região	30
1.3 A presença do indígena e do caboclo: um amalgama cultural	41
1.4 Das matas para a agropecuária	46
CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE, AMBIENTE E TRANSFORMAÇÕES	
2.1 - Organização das famílias no novo espaço: Oeste de Santa Catarina	58
2.2 – O trabalho na sociedade/comunidades e na família.....	64
2.3- A religião na sociedade em formação	68
CAPÍTULO 3 – LAZER	
3.1- O lazer na colônia: momentos de descontração	74
3.2 - O lazer das crianças.....	93
3.3 – O lazer associado ao trabalho	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Localização atual dos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC no meio Oeste do Estado de Santa Catarina.....	25
Figura 02- Atuação das companhias colonizadoras no Oeste e no Extremo Oeste de Santa Catarina.....	29
Figura 03- Confrontação de um lote territorial.....	33
Figura 04 - Área de atuação da Cia. Sul Brasil	34
Figura 05 - Lei de criação do município de União do Oeste	39
Figura 06- Carteirinha de identificação de pertencimento a um time de futebol.....	79
Figura 07- Carteirinha de identificação de pertencimento a um time de futebol.....	80

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 - Companhia Territorial Sul Brasil	32
Fotografia 02 – Colonizadores realizando a abertura de estradas	35
Fotografia 03 – Colonizadores realizando a abertura de estradas	35
Fotografia 04 - Residência do colonizador 1960, no município de Sul Brasil.....	47
Fotografia 05 – Trabalho realizado na lavoura em Linha Barrinhas – Jardinópolis	48
Fotografia 06 - Trilhadeira – 1967 em Sul Brasil.....	49
Fotografia 07 – Carroça sendo utilizada para o transporte de produtos em Jardinópolis.....	50
Fotografia 08- Morador de Aratiba/ RS	51
Fotografia 09 - Colonizador alemão em 1970- Irati	52
Fotografia 10- Colonizador italiano na década de 1960 - Sul Brasil	53
Fotografia 11 – Serraria na região de Sul Brasil – Década de 1990.....	54
Fotografia 12 – Serraria na região de Sul Brasil – 1979	55
Fotografia 13 - Serraria na região de Sul Brasil – 1979	55
Fotografia 14 – Serraria Ferrari em Irati – 1957	56
Fotografia 15 – Serraria Ferrari em Irati – 1957	56
Fotografia 16 – Casamento realizado em Jardinópolis na década de 1970.....	69
Fotografia 17 – Celebração religiosa de eucaristia na década de 1970.....	70
Fotografia 18 - Formação de ministro religioso na década de 1980	71
Fotografia 19 – Casamento em Irati SC na década de 1970.....	77
Fotografia 20 – Torcida para o jogo de futebol na década de 1987 em Sul Brasil.....	78
Fotografia 21 – Time de Futebol de 1975 de colonizadores do Oeste Catarinense	81
Fotografia 22 - Time de Futebol em meados de 1965 de colonizadores do Oeste Catarinense	82
Fotografia 23 - Time de Futebol no final da década de 1960 de colonizadores do Oeste Catarinense.	83
Fotografia 24 – Descendentes de colonizadores e sua forma de diversão- 1981	85
Fotografia 25 – Descendentes de colonizadores e sua forma de diversão -1981	86
Fotografia 26 – Festa em comunidade de União do Oeste.....	87
Fotografia 27 – Festa na comunidade de Alto Tarumazinho, em União do Oeste na década de 1980	88
Fotografia 28 – Descendentes de colonos migrantes em Distrito São Luiz na década de 1978.....	101
Fotografia 29 – Gaiota de colonizadores de União do Oeste	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Colonizadoras e sua área de atuação no Oeste Catarinense	37
---	----

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa como os colonizadores migrantes Sul- Rio-Grandenses e seus descendentes, que se instalaram no oeste de Santa Catarina, entre os anos de 1920 a 1980, organizavam-se no âmbito social, econômico e cultural, religioso e lúdico no território que corresponde, conforme legislação vigente, aos municípios de União do Oeste, Sul Brasil, Jardinópolis e Irati. Para esta análise, constitui-se como questão norteadora: Quais práticas de sociabilidade, vistas como de lazer, as famílias colonizadoras e seus descendentes desenvolveram no Oeste de Santa Catarina frente às dificuldades enfrentadas na região?

Os migrantes, neste processo de colonização da região em estudo, correspondem aos sujeitos descendentes de italianos e alemães que, em sua maioria, saíram da antiga moradia no Estado vizinho do Rio Grande do Sul, para se estabelecerem nas novas terras de Santa Catarina. São colonos que possuíam uma vida considerada organizada e com maneiras próprias, mas que por motivos, principalmente econômicos, catalisados pela falta de terra, buscaram uma possibilidade de continuação da vida em terras catarinenses.

Estes migrantes trouxeram para o oeste catarinense não somente suas bagagens culturais, suas formas de trabalhar, mas também seus familiares, destacando-se numerosos filhos. Em outros casos percebemos o oposto, ocorrendo a vinda somente do casal, com o objetivo de constituir a família no novo espaço conquistado. Assim, essas pessoas aos poucos organizaram e firmaram uma sociedade aos padrões que possuíam quando viviam no Rio Grande do Sul, mas com características peculiares, por estarem em um novo território.

Segundo Bloch (2002, p.90), “assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa”. Nesse viés, muitas narrativas são contadas, de diferentes situações do decorrer da colonização do Oeste Catarinense, mas um número pequeno de narrativas considerou as formas de lazer produzidas pelos moradores do Oeste catarinense. As conversas contadas, na maioria das vezes, remetiam aos hábitos e costumes, as ditas conquistas, as penúrias. Contudo, o que se mostrou mais significativo foram as maneiras simples de divertimento que existiram quando comparadas às práticas da atualidade. A intenção

desta dissertação, além de eternizar algumas histórias, é contribuir para o estudo da região Oeste Catarinense.

Nessa perspectiva, a nossa maior inspiração, se assim possamos descrever, são as práticas de entretenimento que ocorriam simultaneamente ao pleno desenvolvimento da colonização no Oeste Catarinense, e que, posteriormente, continuou com os descendentes das famílias que migraram. Nesta esfera de interpelações, a motivação para este estudo surge ao percebermos o quão prazeroso e alegre os sujeitos em questão recordavam dos momentos nos quais se divertiam. Por isso, era preciso compreender e registrar o que realizavam como entretenimento.

As atividades do dia a dia ocupam espaço significativo na vida das pessoas. Porém, somente em algumas ocasiões especiais, nas quais acontecem as interações com amigos e familiares, as conversas e recordações sobre o passado florescem e tornam-se algo encantador para quem ouve, e para quem relembra e discorre o que viveu há alguns anos. É possível perceber o quão intenso e verdadeiro era aqueles momentos que recordavam, principalmente as diversões. Para descrever o lazer da vida das pessoas, partimos primeiramente para a contextualização do local, da sua história de modo geral, considerando a migração, os movimentos sociais, as relações de convivência com as diferentes etnias, o elemento ambiental, entre outras questões que estão relacionadas ao lazer.

No delineamento da pesquisa, foram analisadas fontes documentais, bibliográficas e artigos de periódicos. Para tanto, consideramos os escritos de Walter Piazza, o qual aborda a história e colonização de Santa Catarina, e de José Carlos Radin, com seus estudos sobre a presença italiana também no referido estado. Além dos dois autores, consideramos os estudos de Giralda Seyferth, por nos fornecer informações e conhecimentos da cultura teuto brasileira da mesma região.

Ao discorrermos sobre o Oeste de Santa Catarina, é necessário mencionar a extrema relevância da Guerra do Contestado, por meio das pesquisas de Paulo Pinheiro Machado como o princípio dos estudos, e posteriormente todos aqueles que se dedicaram a descrever e explicitar este conflito. A Guerra do Contestado resultou em outros rumos ao Oeste Catarinense entre os anos de 1930 e 1980. Foi a partir do final do conflito (1912 a 1916), e conseqüentemente do seu desfecho, que a região passou a ser observada e destinada a migração e colonização das terras, visto que “[i]mediatamente

foram criadas, pelo Estado de Santa Catarina, as condições necessárias para a incorporação e o progresso desta área” (COSTA, 2011, p. 229). Ainda, dentro deste enfoque, ponderamos a presença de outras culturas étnicas presentes na região, por meio do embasamento teórico de Arlene Renk¹ e Eunice Nodari², ao compreender os diversos grupos que formaram a sociedade local.

Discorrer sobre a história regional do Oeste de Santa Catarina requer interpretar os vários elementos que se fizeram presentes no contexto deste estudo. Nesse sentido, a análise de documentos e demais fontes são essenciais para fundamentar o discernimento do assunto, como o estudo do historiador Simon Schama. O autor, ao enfatizar a relação dos sujeitos com o ambiente em sua obra *Paisagem e Memória*, contribui-nos para ampliar a compreensão da relação existente entre o sujeito da história com a natureza, suas dependências mútuas e as lembranças associadas ao ambiente. Outros autores que salientam a importância da história ambiental na organização regional são, por exemplo, Donald Worster, José Augusto Drummond, José Augusto Pádua.

A migração no século XX para Santa Catarina foi intensa, envolvendo diversas motivações e incentivos que partiram desde motivos do governo federal a motivos particulares dos envolvidos. Segundo Nodari (2009, p. 33), “os migrantes que optaram por Santa Catarina tinham entre as suas principais motivações a busca da manutenção do padrão socioeconômico e cultural, e mesmo a melhoria dele”. Um povo que migra leva consigo suas formas de vida, suas características de uma cultura e experiências.

No entanto, essas migrações foram complexas, e a história do Oeste catarinense passou por grandes desafios e conflitos até estar preparada para receber, em maior quantidade, a migração de italianos e alemães. Porém, este período não passou despercebido para quem estuda ou já estudou a região. Esta movimentação de pessoas e suas relações constituíram a base para a sociedade que hoje efervesce. É interessante ponderar a existência do meio ambiente presente nas atividades desenvolvidas pelos migrantes de Santa Catarina em todas as suas esferas. A vinda de diferentes famílias, e em frequentes anos, está fortemente relacionada a terra, seja por questões de valor econômico para quem a vendeu, ou de subsistência, e até mesmo de sobrevivência, de quem a comprou.

¹ NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis : UFSC, 2009.

² Renk, Arlene Anelia. *A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense*. ARGOS, 2006.

Há diversas formas de compreender a história regional do Oeste Catarinense ao considerarmos a vasta produção de escritos relacionados a esta história. Se observarmos as imagens, por exemplo, podemos identificar diversos elementos que descrevem a migração para o Estado. Compreendemos que em toda a história da humanidade houve uma preocupação em registrar expressões e significados. Como afirma Burke (2004, p. 12):

Seria realmente difícil escrever sobre a pré-história europeia, por exemplo, sem a evidência das pinturas das cavernas de Altamira e Lascaux, ao passo que a história do Egito antigo seria imensuravelmente mais pobre, sem o testemunho das pinturas nos túmulos. Em ambos os casos, as imagens oferecem virtualmente a única evidência de práticas sociais tais como a caça.

As percepções mais significativas geradas pelas imagens, ao longo do tempo, segundo o autor, são àquelas em que “o emprego de imagens por alguns poucos historiadores remonta há muito mais tempo” (BURKE 2004, p. 13). Consideramos mais fácil imaginar ou entender os acontecimentos por meio de imagens que mostram o ato/acontecimento na sua essência. Ressalvamos, apesar disso, que precisamos saber também a intenção daquele que está por trás do retrato, para não produzir generalizações de que tudo acontece e se consolida da mesma maneira. Consequentemente, cada vez mais as imagens estão presentes nas tentativas de todas as áreas do conhecimento em explicar suas informações e descobertas.

Há também a necessidade de se utilizar da fonte oral. Entendemos que não é somente a escrita que detém a qualidade e é capaz de descrever a história. É preciso considerar a oralidade como ferramenta que informa ou confirma aquilo que faz parte da vida de uma sociedade e ainda está presente na sua memória. “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p. 250).

É fundamental interpretar todas as fontes disponíveis e escolhidas como objeto de estudo, sem desconsiderar a importância ou relevância de cada uma. Mesmo que haja uma preferência por documentos e/ou fontes escritas, todas as formas de registro se completam e são capazes de gerar mais clareza ao tema estudado.

Realizar uma pesquisa sobre o lazer e o trabalho na colonização do Oeste de Santa Catarina, em uma região específica, possibilitou-nos pensar em: i) como

compreender o que significa cada atividade desenvolvida pelos migrantes; ii) o que estava em torno destes acontecimentos; iii) o que existia ali, naquela hora além do sujeito, quem realizava o trabalho, e em quais momentos acontecia o lazer.

A cultura material, dentro de uma pesquisa relacionada ao lazer de grupos étnicos diferentes que constituem a nova sociedade do Oeste Catarinense, intensifica e enriquece o trabalho do historiador. A região da pesquisa, apesar de recente na sociedade, estava impregnada em meio a um avassalador momento de mudanças, de valores culturais diferentes, bens materiais e patrimoniais com significados distintos. Alguns bens tornaram-se patrimônios, outros permanecem apenas na lembrança, concretizando os valores de cada grupo social. Os pertences de ontem já não atendem a demanda de hoje, e o que permanece, manifesta práticas de uma existência. Burke, (2004, p.233) em relação às imagens, afirma:

Em outras palavras, os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos. [...] Elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam. Seu testemunho é particularmente valioso em casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos [...].

Dessa forma, as fontes utilizadas estão associadas umas às outras. As fontes constituídas de forma oral, escrita e fotográfica colaboram mutuamente para que haja a inter-relação de todas no estudo e entendimento do tema específico. Foi necessário relacionar as fontes, os fatos, as circunstâncias de vida, o ambiente, as relações pessoais, os sentimentos, e o que diz respeito aos sujeitos envolvidos. Além disso, foi necessário pensar em um conjunto de informações interligadas entre si, pois consideramos que História se faz, se constitui em uma contínua conexão.

Ao evidenciar os bens materiais, bem como demais elementos que fazem parte desta relação de migração, colonização, imagem, cultura e história, salientamos o valor das etnias italianas, teuto brasileiras, o modo de vida cabocla, e até dos indígenas presentes na região. Pessoas com seus mais diversos desejos e sonhos integram o desenvolvimento da região a partir de suas ações e atividades desenvolvidas para garantir as suas necessidades. O trabalho, as relações familiares, as amizades, o lazer, além das e dificuldades enfrentadas, transformaram a região colonizada e colonizadora destes sujeitos.

As características próprias da cada cultura não podem ser rejeitadas. Todos os envolvidos, independente do que fizeram, do tempo em que permaneceram no local, fazem parte do que consideramos nesta investigação. O lazer, como objeto principal, constitui-se como algo que ultrapassa o que é específico de cada cultura, pois contempla o que não se apaga facilmente, é o que gera emoção e pertencimento, e altera-se com o tempo. Por meio dessa afirmação, o lazer no Oeste de Santa Catarina entre as décadas de 1920 e 1980 configura-se como aquilo que divertia os sujeitos que viviam naquele espaço no tempo livre limitado que possuíam.

Para entender a origem e a fixação de grupos sociais a um lugar, a uma ação, utilizamos para a pesquisa documentos de cartórios regionais, por meio dos quais está explicitada a compra ou a venda das terras que serviram de base para a construção da sociedade local, e posteriormente a presença do lazer nas famílias e suas futuras gerações, bem como entre as famílias que faziam parte do espaço em estudo. Segundo Pinsky; Luca (2015, p. 23), “[...] o documento pode trazer um dado que nenhum outro traz e criar uma nova visão.” Ou ainda, o documento pode ressaltar aquilo que a fonte oral, por exemplo, já mencionou e que, com o envolvimento das outras fontes, as informações convergem entre si. O autor aborda também que os “registros escritos e documentais relacionam-se com todas as atividades humanas [...]” (PINSKY; LUCA, 2015, p. 312).

As informações e destaques que apareceram nas fontes fotográficas, documentais e orais deram caminho para organizar e fundamentar a história do lazer dos sujeitos envolvidos no processo da migração, na colonização, e subsequentemente a formação de cidades e comunidades locais, possibilitando assim uma organização específica dos capítulos e das informações. Esclarecemos, nessa organização, os divertimentos, quem eram os responsáveis pela realização, quando aconteciam, a relação com o trabalho, entre outras questões especificadas nos capítulos.

O primeiro capítulo abrange a região em estudo, a qual corresponde aos atuais municípios de Irati, Jardinópolis, União do Oeste e Sul Brasil, todos localizados no Oeste de Santa Catarina. Essa região é fruto da colonização e migração iniciada após o término da Guerra do Contestado, em 1916. A paisagem local, a formação ambiental e os aspectos naturais contribuíram para o estabelecimento das pessoas e de suas diversas funções desenvolvidas neste processo de colonização e de tentativas de garantia de sobrevivência e organização social. O capítulo expõe o pertencimento geográfico destes

municípios antes da emancipação e suas principais peculiaridades com relação a venda das terras aos migrantes italianos e teuto brasileiros do Rio Grande do Sul. Os migrantes, por circunstâncias variadas, tentaram a vida nas terras, consideradas por muitos despovoadas, a mercê das colonizadoras, as quais foram importantes para conduzir o amplo povoamento da área.

Ainda neste primeiro capítulo, o ambiente e sua história são apresentados e estão diretamente interligados com a prática de migração e colonização do Oeste de Santa Catarina. O ambiente, antes desprovido da ação dos migrantes gaúchos, que em sua cultura diferenciavam-se dos sujeitos presentes nas terras posteriormente colonizadas, passa a receber influências e a sugerir atividades de vivência aos que chegam ao Estado.

Pensando na presença humana e suas atuações com o ambiente e demais grupos sociais presentes na região, no decorrer das futuras gerações e inter-relações firmadas, há a definição de quem estava presente no local, além daqueles que colonizaram através da interferência das colonizadoras. Essa definição é essencial, visto que a história ambiental considera todos os aspectos existentes como relevantes para entender os grupos humanos e suas ações:

A história ambiental é, portanto, um campo que sintetiza muitas contribuições e cuja prática é inerentemente interdisciplinar. A sua originalidade está na sua disposição explícita de "colocar a sociedade na natureza" e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza- (DRUMOND, 1991, p. 185).

As ações dos grupos que ocuparam a região, por mais que proporcionaram a modificação do local, propuseram também uma ampla caracterização histórica, cultural, econômica e social com a natureza existente no Oeste catarinense. Antes disso, indígenas e caboclos já habitavam a região, de modo que “diversas frentes de ocupação, povoamento e colonização fizeram parte desta trajetória histórica” (VALENTINI et al, 2015, p. 91). Essas diferentes etnias, pertencentes a culturas próprias, passaram por desapropriações locais desde o conflito que assolou o Estado e deixou rastros, os quais podem ser compreendidos quanto à situação e organização social, econômica, política e cultural da região e suas populações.

A Guerra do Contestado definiu os limites territoriais, e também abriu as portas para a ocupação das terras por pessoas que se distinguiam dos caboclos e indígenas locais. Radin (2009, p. 110) afirma que “em Santa Catarina, após a Guerra do Contestado e a Primeira Guerra Mundial, buscou-se incrementar a imigração e migração no intuito de colonizar as terras [...]”. Esta diferença que se insere com a vinda de outros povos, no sentido cultural, de grupos sociais, de formas de vida desigual, não distanciou quem antes estava da convivência com as pessoas que colonizaram o lugar que já era ocupado e de pertencimento de alguém. Assim, nesta história de significativas experiências todos são e fazem parte.

Definindo a localização, observamos os mapas como fonte histórica que esclarecem os limites dos municípios vigentes e anteriormente quando integrados a outras sedes, bem como os locais de colonização e estruturação das famílias. Diante da perspectiva da migração, da história do lazer, a própria história da região permite a análise de conceitos que delineiam a movimentação completa do encadeamento social, cultural, econômico e religioso do oeste de Santa Catarina.

Após os desdobramentos do pós-Guerra do Contestado no Estado de Santa Catarina, houve a definição dos limites territoriais entre os Estados participantes:

Imediatamente foram criadas, pelo governo de Santa Catarina, as condições necessárias para a incorporação e o progresso desta área. [...], dentre outros, era fomentar a ocupação da área anteriormente contestada e fundamentar a conquista do Oeste catarinense (Costa, 2011, p. 229).

Há muitas relações construídas com a decorrência da migração. Foram muitos os desafios, as circunstâncias, os desfechos e os resultados da mescla dos povos presentes naqueles locais. Os protagonistas desta história não estavam sozinhos e nem mesmo estáticos. A migração e as relações entre os que já viviam no local eram constantes. Uma história ligada à migração estabelece profundas relações de convivência com o outro, com o ambiente, assim como com sua forma de lazer. Essa forma de lazer, dependendo da cultura e de sua localização no tempo e no espaço, conduz a hábitos diferentes.

Para dar continuidade ao estudo, o segundo capítulo abrange a sociedade e as famílias da região em pesquisa. Aos poucos, os grupos de migrantes que vieram em

direção ao Oeste de Santa Catarina constituíram o corpo social do século XX. A região se caracterizava pela diversidade de pessoas com o mesmo objetivo: começar uma nova vida de prosperidade, vida esta que se baseia principalmente no uso dos recursos naturais para a sobrevivência, integrando-se a um sistema agrícola implantado na época.

Esses lugares povoados pela colonização, por indígenas e caboclos, avançam seus espaços e interações com centros maiores. As famílias constituídas por considerável número de integrantes precisaram trabalhar e organizar-se por meio do uso de diversas formas de adaptações ao novo e ao desconhecido espaço de vida. Além das atividades que realizavam e construíram para garantir a sua favorável permanência e continuidade a terra colonizada, o entretenimento apresentou-se como uma necessidade rotineira a ser seguida.

As pessoas dispostas a enfrentar e socializar a sua maneira de vida, organizaram-se em comunidade, apresentando uma vida religiosa bastante marcante por todos que no espaço de colonização vivem, sendo nas Igrejas Católicas ou na própria residência familiar. Havia também o compadrio entre as pessoas, relação de amizade mais próxima e de escolha pessoal para um convívio mais amplo, ocorrendo práticas de trocas de favores e ajuda, quando havia a necessidade entre os envolvidos. Era uma convivência relacionada por laços de consideração entre as pessoas e que se atribuía muito valor a essas definições de compadrio, sentimento honrado para esta prática.

Para finalizar a reflexão do percurso de estudo, o terceiro capítulo fundamenta a história do lazer destas comunidades do século XX, no decorrer da colonização em consonância com outros grupos e futuras gerações. Ressaltamos que posteriormente, as comunidades foram transformadas em municípios que fazem parte de Santa Catarina.

Fundamentado na herança cultural de seus ascendentes e em uma vida constituída na antiga terra de origem, os indivíduos ao chegar às terras, encontram alternativas para exercer suas antigas práticas consideradas prazerosas, sendo algumas delas idealizadas por eles no novo espaço de convivência. O lazer criado por estes sujeitos, assim como em qualquer sociedade e tempo, tinha características do lugar e da cultura dos envolvidos. “O lazer também está condicionado ao tempo de trabalho, entretanto é uma opção e possibilidade”- (FERREIRA, 2010). O que era costumeiro, como o trabalho, necessário de ser realizado, também constituía-se como palco de divertimento e momentos de descontração.

As diversas sociedades não se organizam somente em relação ao trabalho, ao simples fato de viverem próximos, ou em função da religião católica, muito presente na região na época que delimitamos à pesquisa. Suas famílias estavam presentes em todas as esferas que compõe uma sociedade da época. No Oeste Catarinense, o lazer além de envolver os mais próximos do convívio, ficou gravado na memória dos moradores como algo necessário para a sobrevivência.

Há múltiplos conceitos que explicam o que seria o lazer e seus motivos. Conforme Pimenta (2013, p. 14), “na visão dos artistas, transparece forte a ideia de lazer como entretenimento puro, alienante, algo que a maioria não quer ter associada as suas produções.” Lazer, nesse sentido, significa algo que não esteja associado a suas obrigações. como o emprego. Nessa mesma relação, Fernandes; Húngaro; Solazzi (2004) afirmam que “ao fazer um resgate histórico do lazer, podemos perceber que a definição do mesmo se confunde com a noção de ócio, [...]”

Acrescentamos ainda os conceitos diferenciados de lazer atribuídos ao longo do tempo e por sociedades específicas. Aquino e Martins (2007, p. 485) corroboram ao afirmar que:

O trabalho e o lazer se intercalavam no cotidiano do indivíduo. O trabalho e o tempo subjetivo eram difíceis de serem percebidos separadamente, pois ambos possuíam intrínsecas relações. É curioso perceber que, em sociedades onde a industrialização não foi hegemônica, essa relação do caráter lúdico e criativo, que hoje se associa ao lazer, está presente em atividades laborais, que não compõem o modelo industrial de produção.

Considerando as definições propostas pelos autores, fomentamos que no local de pesquisa abordado neste estudo, o lazer esteve muitas vezes vinculado ao trabalho na lavoura, aos arredores de casa. Relata-se que, quando crianças, em dias de chuva, de sol, frio, em meio à mata que ainda restava, os migrantes faziam brincadeiras que surgiam na espontaneidade, sem ser algo combinado, simplesmente aconteciam.

A história em seu amplo sentido requer bases concretas para firma-se enquanto informação coerente e de compreensão alheia. Assim, as fontes históricas são o caminho para concretizar aquilo que desejamos descrever e abordar sobre determinado assunto. Independentemente da fonte que utilizarmos tais materiais podem ser utilizados separadamente ou em conjunto, para atribuir ênfase ao tema pesquisado.

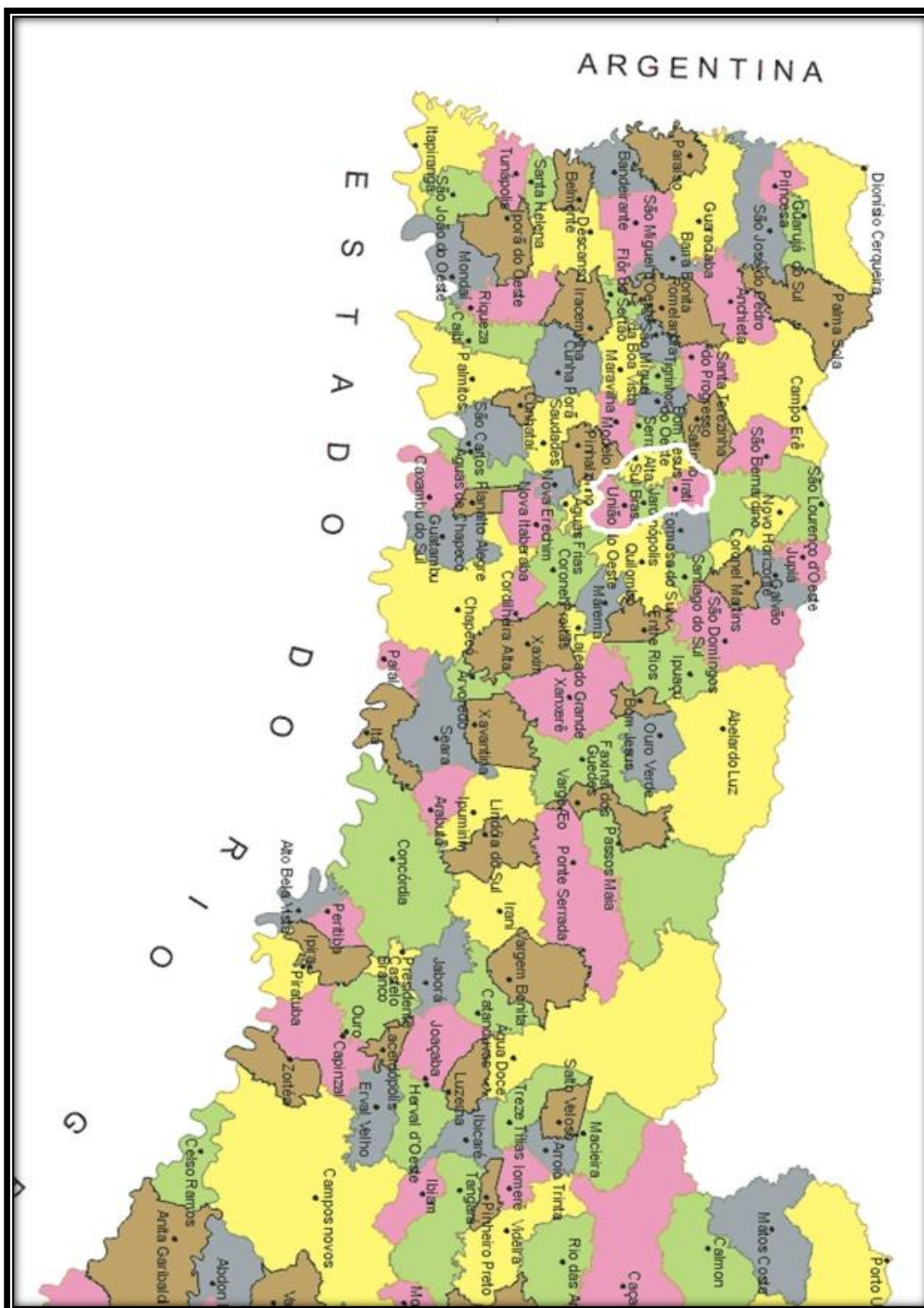
Compreendemos que no decorrer das informações encontradas determinadas fontes se faziam necessárias para legitimar o que se pretendia esclarecer. Como aborda Janotti (2015, p. 10), na obra *Fontes históricas*, “ser historiador do passado ou do presente, além de outras qualidades, sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso”. Portanto, as fontes orais, escritas, documentais, visuais podem e devem estar interligadas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Todas as fontes possuem suas características próprias que nos permitem, em sua essência, definir e argumentar o assunto em estudo, tornando o trabalho repleto de possibilidades de análises e conclusões.

CAPÍTULO 1 – IRATI/SC, JARDINÓPOLIS, UNIÃO DO OESTE E SUL BRASIL

1.1 Estruturação geográfica, política e econômica

O Estado de Santa Catarina (SC) passou por significativas mudanças a partir da migração e colonização iniciada na década de 1920. Neste capítulo, procuramos descrever as características sociais e políticas da região Oeste do Estado, mais especificamente os municípios que atualmente são nomeados como Sul Brasil, Jardinópolis, União do Oeste e Irati/SC. Também buscamos demonstrar a demarcação e organização territorial das terras destes locais decorrentes do processo de colonização, migração e das relações sociais da região. Os lugares estão destacados na figura 01:

Figura 01 – Os municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC na sua localização atual no meio Oeste do Estado de Santa Catarina.



Fonte: SECRETARIA DO ESTADO E DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INTEGRAÇÃO AO MERCOSUL. Estado de Santa Catarina – Divisão municipal 2000. Disponível em: <http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/image/mapasc.htm>. Acesso em: 08 ago. 2017.³

³ Área destacada pela autora.

A paisagem é um elemento de destaque a ser observado para compreender as especificidades locais do Oeste de Santa Catarina. Segundo Corrêa (2004, p. 40), “a descrição das paisagens evidencia a variedade das formas associadas à atividade humana: [...]” Além disso, a descrição das paisagens regulou e definiu a organização social da região, a qual no decorrer dos anos e das gerações passou por modificações no ambiente. Para compreender a sociedade local e suas ocupações é necessário analisar e perceber a natureza na sua essência, a intenção dos ocupantes da terra, e a relação estabelecida entre eles. “Paisagem é cultura antes de ser natureza, um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha” (SCHAMA, 1996, p. 70).

No decorrer da colonização, a região Oeste do Estado, com suas características ambientais peculiares e, de certo modo, similares a todos os municípios destacados anteriormente, conduziu a sociedade. Esta sociedade lentamente compreendia as propriedades da região a uma organização social, econômica e cultural intimamente interligada à paisagem.

O ambiente faz a história de um povo caminhar em direção ao proveito e a exploração dos recursos naturais. Mesmo quando já não há mais o que extrair da terra, o homem transforma ela “[...] em terra arável e em pastagem, reservatórios e rodovias, clubes de campo e favelas [...]” (DEAN 2013, p 365).

Os municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC estão localizados na região Oeste do Estado de Santa Catarina. Nesta região desenvolveu-se o processo de formação do Estado atual a partir dos acontecimentos da Lei de Terras de 1850 e da Guerra do Contestado. De acordo com Renk (2006, p.66), a “colonização ocorreu sob a Lei de Terras, com a venda parcelada, em pequenas propriedades. Por ser pequena propriedade, favorecia a aquisição de terras, permitindo que maior número de imigrantes povoasse o solo. ”

No âmbito da Guerra do Contestado (1912-1916), dentre todos os aspectos que influenciaram o início deste conflito, mencionamos o a disputa pela terra entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. A população que já vivia na região precisou reivindicar a posse da terra, que estava sob tutela da empresa norte-americana Brazil Railway Company, responsável pela construção da ferrovia que interligava São Paulo

ao Rio grande do Sul⁴. As disputas foram intensas e tiveram consequências efetivas na formação e constituição social, política e administrativa da região Oeste Catarinense.

Segundo Valentini (2015, p. 233), referindo-se a estrada de ferro e as serrarias instaladas no local, “a chegada do capital internacional provocou mudanças abruptas no modo de vida dos moradores da região do Contestado”. Essas mudanças foram “sociais, culturais e principalmente econômicas” (VALENTINI, 2015, p. 236).

Embora essa região estivesse sendo palco de tantos conflitos e desavenças pela posse das terras, mesmo ao seu fim, com a assinatura do acordo de limites entre os Estados, o local ainda detinha enfrentamentos entre os posseiros e colonos. Valentini (2015, p. 234), em sua obra *a Lumber e a Guerra do Contestado*, destaca que:

O epílogo da Guerra do Contestado marcou o começo de um novo tempo e a atuação de outros protagonistas. No chão, a umidade era de sangue fresco dos que tomaram na luta. No ar, o cheiro da pólvora que se evaporava e as centenárias árvores que testemunharam o massacre foram golpeadas a machado e serradas no ‘vai-e-vem’ para abrigar as famílias que chegaram e ainda não tinham onde morar.

Nessa perspectiva, Radin (2015, p. 161) salienta que “o processo de colonização foi o grande responsável pela espoliação dos indígenas e dos caboclos”, os quais foram expulsos de suas terras. Já os colonos, aos poucos, eram bem-vindos ao Oeste de Santa Catarina, pois “era visto como um ser livre, que progredia, trabalhava e produzia para alimentar o país, diferentemente dos não colonos” (RADIN, 2015, p.161). A historiadora Arlene Renk reforça essa ideia quando afirma que “havia a tendência em vender pequenas parcelas para a colonização, o que resultaria no preenchimento do ‘vazio demográfico’ [...]” (2006, p. 50). Nesse contexto, a colonização contribuiu para povoar efetivamente a região Oeste com os desejados, e estruturar a formação e permanência de cidades, em torno do trabalho de subsistência gerado com a vinda dos colonos, e posteriormente se estendendo ao maior cultivo e produção agrícola. “Assim,

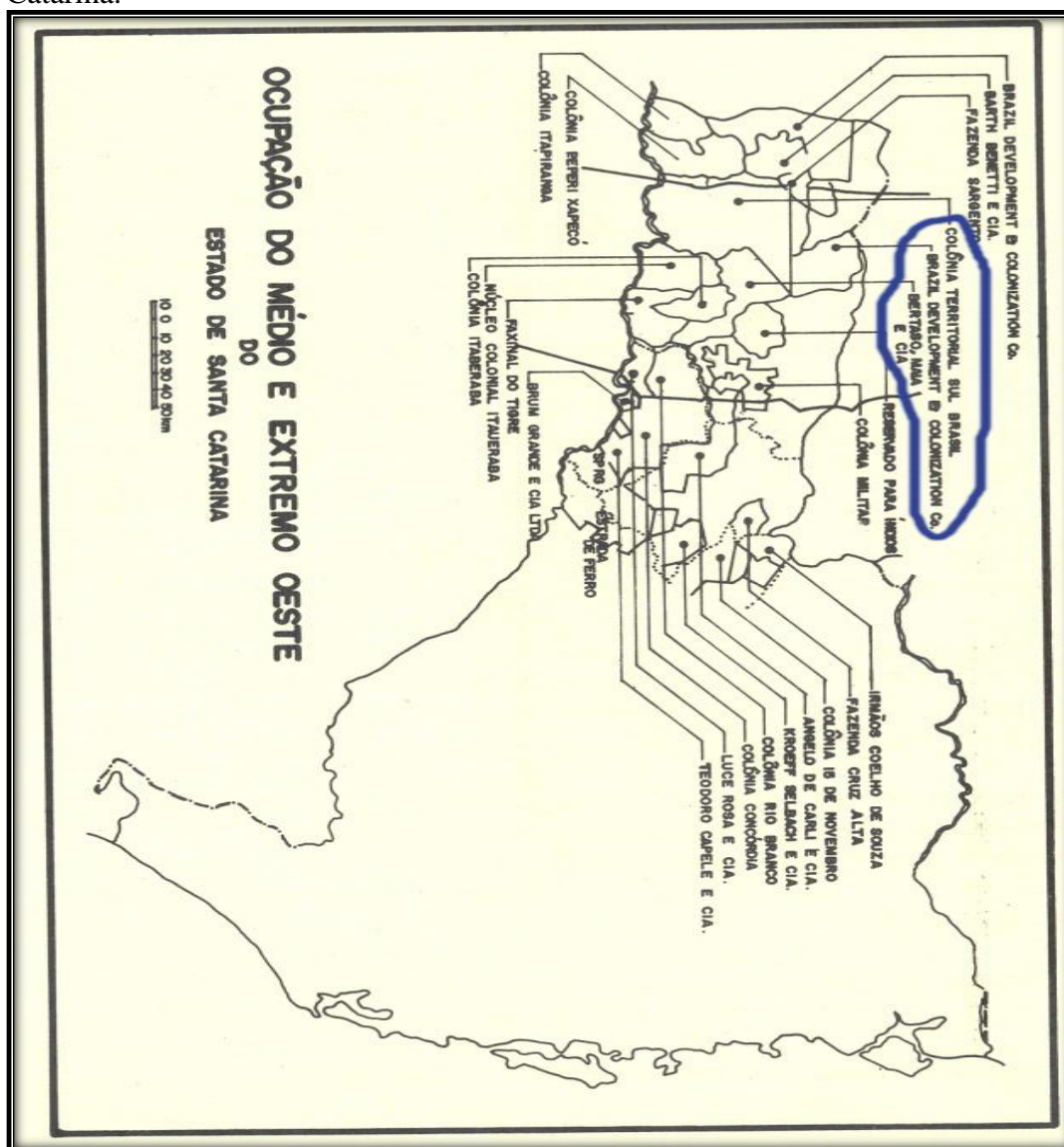
⁴ Além desta disputa interna pelo usufruto e benefício das terras, há ainda de se considerar, no plano externo, a instabilidade dos limites territoriais entre Santa Catarina e Paraná na região Oeste. Este impasse se estendeu por vários anos, não havendo acordo por parte dos dois Estados em relação à definição dos limites para cada um. A região foi muito contestada, sendo palco de sérios conflitos que, coincidentemente ou não, mudaram o rumo regional. O conflito regional do Contestado, em seu contexto de causas e consequências específicas de revolta, aos poucos e oficialmente foi sendo conduzida a pacificação e resolução dos problemas que estavam gerando interferências de várias esferas políticas e administrativas. “Ao chegarem ao fim os conflitos militares do Contestado, também se chegou à solução final da controvérsia entre Paraná e Santa Catarina” (COSTA, 2011, p. 229).

o ato de migrar ao oeste catarinense significaria a superação das dificuldades e a melhoria das condições de vida” (RADIN, 2009, p. 158).

Os municípios que foram abrangidos nesta pesquisa são consequência de todo este processo de conflitos e disputas, e posterior migração e colonização da região, “em grande parte colonizado por gaúchos de origens teuto brasileira e italiana” (KAISER, 2013, p.88). Esta colonização foi incentivada por empresas colonizadoras, responsáveis por vender os lotes de terras a aqueles indivíduos dispostos a enfrentar um novo espaço.

A partir da análise da figura 02, observamos que cada área possuía uma empresa colonizadora autorizada a vender lotes. Compreendemos, a partir de Werlang (2006, p. 29), que “além da criação de municípios, o governo de Santa Catarina tratou de repassar a empresas particulares imensas glebas para fins de colonização”. Durante esse percurso, o autor afirma que não houve “consideração a população indígena e luso-brasileira [...] ”

Figura 02- Atuação das companhias colonizadoras no Oeste e Extremo oeste de Santa Catarina.



Fonte: Piazza (1994, p. 252).

As empresas colonizadoras que vendiam lotes na região eram as nomeadas Bertaso, Maia e Cia, e a Companhia Territorial Sul Brasil (WERLANG, 2006)⁵. A região em destaque, que pode ser observada nas duas figuras, teve a ocupação efetiva de imigrantes. No princípio da colonização, esses municípios eram apenas comunidades ou distritos de outras cidades, tornando-se emancipados somente na final década de 1980 e começo da década de 1990, atualmente fazendo parte do Oeste de Santa Catarina. Nodari (2009, p.19) afirma que:

⁵ WERLANG, Alceu Antonio. Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense – A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Argos: Chapecó. 2006.

No final de 1953 aconteceu o desmembramento de vários distritos da região que se emanciparam, ocasionando o aparecimento de outros municípios, fazendo com que cada um deles tivesse autonomia para construir a sua própria história dentro do Oeste.

Muitas foram as alternativas desenvolvidas para o proveito dos recursos naturais que foram explorados. Por exemplo, podemos citar a instalação de serrarias para a processamento da madeira, e as águas dos rios para o transporte de mercadorias. Segundo Silva; Brandt; Moretto (2017, p. 199), “o empreendimento colonizador promoveu, desde então, um intenso processo de domínio da paisagem ao abrir estradas no sertão, buscando atrair novos moradores descendentes de europeus, vender lotes de terra [...]”.

Nessa perspectiva, salientamos o papel fundamental desempenhado pela paisagem na vida das pessoas que migraram e colonizaram a região. As características da paisagem, seja de floresta ou já com áreas desmatadas, fizeram os moradores locais movimentarem-se e trabalharem em função dos recursos existentes. A natureza, as condições climáticas e do solo, a água, a fauna, a flora e o relevo, foram fortes influências para organizar e formar a sociedade. Essa sociedade, no decorrer dos anos, ganhou espaço e constituiu os futuros municípios do Oeste do Estado de Santa Catarina.

Subsumindo essas afirmações, entendemos que a região Oeste de Santa Catarina foi constituída por um conjunto de práticas coletivas que englobavam tanto os setores políticos quanto a população e suas instituições, que trataram de tornar as terras habitáveis e propícias para a agropecuária. O meio ambiente foi aos poucos sendo transformado e adaptado aos meios de sobrevivência dos colonizadores que desejavam as terras para a prática da agricultura e da criação de animais. Assim, houve a derrubada da mata para que as terras fossem destinadas ao plantio.

1.2 A atuação das empresas colonizadoras e as formações política na região

A formação dos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC está intrinsecamente conectada à presença de colonizadoras na região. A Colonizadora *Cia. Territorial Sul Brasil* tinha terras próprias à colonização, as quais,

atualmente, constituem o município de Sul Brasil. Segundo Werlang (2006, p. 78), os caboclos que viviam na região “vendiam o rancho para os que iam chegando do Rio Grande do Sul e deslocavam-se para Campo Erê e Modelo”.

Sul Brasil, nesse sentido, era distrito de Modelo, e dependente deste município, como destaca a publicação realizada pela prefeitura municipal de Sul Brasil (2015): “foi em 7 de dezembro de 1961, no forte acelerar da colonização, que Sul Brasil passara a pertencer ao chamado "município-mãe": Modelo. Em 8 de dezembro de 1977, a vila foi elevada a Distrito de Sul Brasil. “No entanto, a cidade de Modelo, antes de ser emancipado era, “distrito, integrante do município de São Carlos [...]” (PIAZZA, 1994, p. 327), onde a colonizadora Companhia Territorial Sul Brasil inicia seu processo de venda de terras a migrantes.

A colonizadora responsável pela venda de terras da região exerceu ativamente seu trabalho para colonizar as terras restantes com migrantes do Rio Grande do Sul. Conforme divulgado pela Prefeitura Municipal de Sul Brasil (2017):

Na década de 30 se ampliou o programa de migração dos governos estaduais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul com parceria de empresas. O acordo se resume da seguinte forma: o governo vendia a terra para as empresas - companhias territoriais - com um preço acessível e, em troca, as companhias negociavam as áreas com colonos e eram responsáveis pela abertura de estradas. O recrutamento e povoação do Imóvel Xapecó, incluindo o território de Sul Brasil, foi de concessão da Companhia Territorial Sul Brasil, que durante o fortalecimento do vínculo com a comunidade de colonos foi homenageado emprestando seu nome à localidade, passando por vila, distrito e enfim Município de Sul Brasil.

Os responsáveis pelo trabalho de medição e organização dos lotes de terras para a venda aos migrantes (fotografia 01), marcaram presença na região onde hoje corresponde a Sul Brasil, com equipamentos e acessórios de topografia. A empresa que vendia os lotes aos migrantes era responsável em definir o tamanho e a abrangência das áreas a serem vendidas.

Fotografia 01 - Agrimensores da Companhia Territorial Sul Brasil.



Fonte: Prefeitura municipal de Sul Brasil (2017)⁶.

A Companhia Territorial Sul Brasil exerceu influência efetiva nesta localidade com a venda das terras. Através de escrituras de compra e venda das terras de moradores locais de Sul Brasil, podemos identificar esta intervenção:

Escritura pública de compra e venda que fez a Cia. Territorial Sul Brasil a Francisco Rinzel, Guilherme Rinzel e Maria Rinzel, como segue: Saibam quantos esta escritura de compra e venda verem que no ano de mil novecentos e sessenta e quarto (1.964) [...].⁷

Ressalvamos que, dentre estas conjunturas, algumas das áreas que foram colonizadas pela *Cia. Sul Brasil* foram repassadas para a empresa *Terrapampa Territorial Agropastoril do Sul LTDA*, como afirma Werlang (1992, p.7). A *Terrapampa* foi a empresa que deu continuidade, já na década de 1990, à colonização e revenda das terras de Sul Brasil. É possível observar a atuação da empresa pelas escrituras de compra e venda dos lotes territoriais:

Escritura de compra e venda na forma que segue: saibam quantos esta pública escritura de compra e venda virem, que aos dezesseis dias de março do ano de mil novecentos e noventa e quatro nesta cidade de Modelo, comarca de Pinhalzinho, Estado de Santa Catarina, em Cartório, perante mim, Escrivão de Paz, compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber: de um lado

⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE SUL BRASIL. Nosso Povo, Nossa História. Disponível em: <http://www.sulbrasil.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/8331/codNoticia/336391.Acesso> em: 25 jul. 2017.

⁷ Escritura de Compra e Venda de um lote de terra em Sul Brasil pela Companhia Territorial Sul Brasil, pertencente a Idacir Fabis.

como outorgante (s) vendedor (es) a TERRAPAMPA TERRITORIAL AGROPASTORIL DO SUL LTDA [...].⁸

Para aprofundar nosso entendimento sobre esta questão, podemos visualizar um processo de aquisição de lotes de terras no município de Sul Brasil, pela empresa Terrapampa Territorial Agropastoril do Sul LTDA, na figura 03:

Figura 03- Confrontação de um lote territorial⁹.

TERRAPAMPA
TERRITORIAL AGROPASTORIL DO SUL LTDA.

DADOS E CONFRONTAÇÕES PARA ESCRITURA PÚBLICA

Comprador: CARLOS JOSE BRANDALEZE CPF 503 226 489 04

BRASILEIRO AGRICULTOR SOLTEIRO
Nacionalidade Profissional Estado Civil

SEDE SUL BRASIL - MUNICIPIO DE MODELO SC
Residência

Imóvel: Lote Urbano nº 7 da Quadra 5 do Loteamento Sede Sul Brasil,
com área de 1.440 m2, sem benfeitorias.

C O N F R O N T A Ç Õ E S

NORTE: Com o lote nº 6 pert. a Afonso Kempf - 48 m.

SUL : Com o lote nº 8 pert. a Dorvalino Tozetto - 48 m.

LESTE: Com Rua Presidente Juscelino - 30 m.

OESTE: Com a Chacara - 30 m.

Observações: _____ Entregue ao Cartório de: _____

_____ Escriturado em _____

_____ Livro _____ Folhas _____

Documentos Juntos: Com Procuração de Amelio da Silva.

Sede Sul Brasil, Modelo, 25 de julho de 1984.

TERRAPAMPA - Territorial Agropastoril do Sul Ltda.
Amelio da Silva
MUNICÍPIO DE S. DA CUNHA

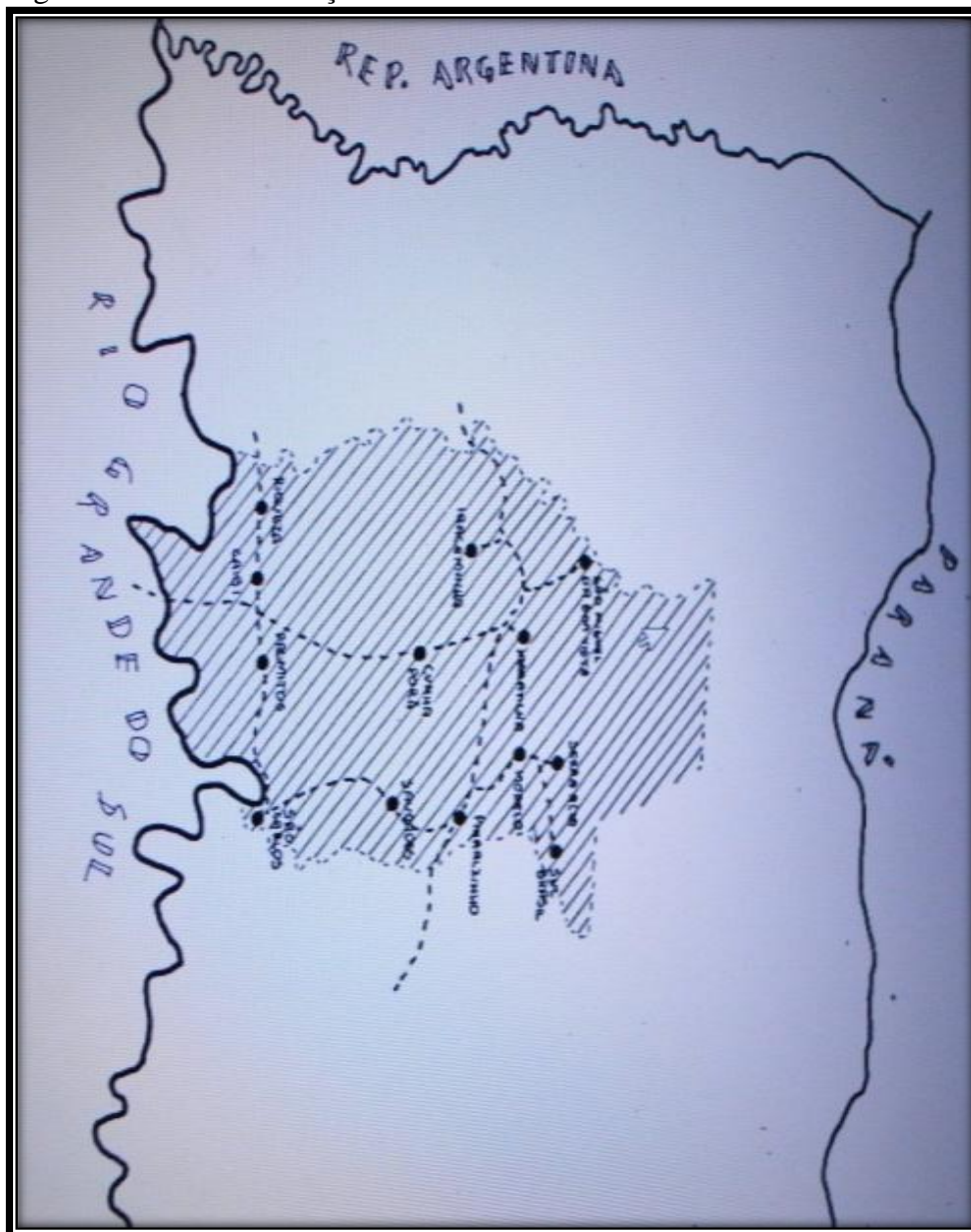
Fonte: Acervo da autora.

⁸ Escritura de Compra e Venda de um lote de terra em Sul Brasil pela Terrapampa Territorial Agropastoril do Sul LTDA, pertencente a um residente local.

⁹ Documento de confrontação de um lote territorial.

Na figura 04, é possível observarmos a área de atuação da Companhia colonizadora na região de Sul Brasil:

Figura 04 – Área de atuação da *Cia. Sul Brasil*.



Fonte: Werlang (1992, p. 160).

Os migrantes colonizadores que residiam na região de Sul Brasil, ainda quando Sul Brasil era um distrito, dependiam da cidade sede para conseguir acesso à assistência médica e hospitalar, comprar alimentos básicos que não produziam, resolver questões legais e, muitas vezes, para frequentar a Igreja de sua religião católica. As fotografias 02 e 03 mostram os moradores locais de Sul Brasil, ainda distrito de Modelo, trabalhando na abertura de estradas:

Fotografia 02 – Colonizadores realizando a abertura de estradas.



Fonte: Colonizador de Sul Brasil no ano de 1974, na época a área era pertencente ao município de Modelo. Acervo pessoal: Valdemar Saugo.

Fotografia 03 – Colonizadores realizando a abertura de estradas.



Fonte: Prefeitura municipal de Sul Brasil (2017)¹⁰.

Segundo Nodari (2009, p. 67), “o desenvolvimento dessas cidades e o surgimento de outras, dependiam do grau de desenvolvimento agrícola e, também, das estradas que davam acesso à região e que serviam de escoamento dos produtos”. O trabalho era braçal, por falta de maquinário apropriado. No entanto, o início da

¹⁰ Prefeitura municipal de Sul Brasil. Nosso Povo, Nossa História. Disponível em: <<http://www.sulbrasil.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/8331/codNoticia/336391>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

colonização, como caracteriza a publicação da Prefeitura de Municipal de Sul Brasil (2017),

Pode ser difícil imaginar, mas foi comum o mutirão entre colonizadores para a abertura de estradas. Inicialmente, o serviço era totalmente braçal e feito com o serrote, picão, enxadão, enxada e facão e logo veio o arado à tração animal para nivelar o solo.

Sul Brasil emancipa-se na década de 1990, desmembrando-se de Modelo. “Depois de muito empenho de lideranças locais, Sul Brasil foi emancipado no dia 26 de setembro de 1991.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SUL BRASIL, 2015). Assim, segundo a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, pela lei nº 8.353, de 26 de setembro de 1991, no “Art. 1º Fica criado o Município de Sul Brasil, desmembrado do Município de Modelo, constituído pela área do Distrito do mesmo nome¹¹”.

Nesta perspectiva de atuação das colonizadoras, destacamos a companhia colonizadora *Bertaso*, a qual teve sua atuação nos “municípios de Chapecó, Coronel Freitas e Quilombo” (WERLANG, 2006, p. 50). Da mesma forma que o município de Sul Brasil, Jardinópolis, União do Oeste e Irati/SC foram de suas antigas dependências político-administrativas nas décadas de 1980 e 1990.

Para dar maior legitimidade a região, cada empresa colonizadora exerceu sua atuação na região Oeste de Santa Catarina, sendo possível observar esta situação na tabela 01:

¹¹ Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – Alesc. Lei nº 8.353, de 26 de Setembro de 1991. Florianópolis, 1991. Disponível em: <http://leis.ale.sc.gov.br/html/1991/8353_1991_lei.html>. Acesso em: 02 Ago. 2017.

Tabela 01: Colonizadoras e suas áreas de atuação no Oeste catarinense.

COLONIZADORA	SEDE	ÁREA DE ATUAÇÃO
Brazil Developmentand Colonization Company	Portland (EUA)	Cruzeiro/Joaçaba e Chapecó
Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia.	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/Joaçaba e Concórdia
Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	Chapecó – sede e outras áreas
Companhia Territorial Sul Brasil	Rio Grande do Sul	Chapecó (Extremo-Oeste)
Sociedade TerritorialMosele, Eberle, Ahrons& Cia. (H. Hacker e Cia.)	Rio Grande do Sul	Chapecó/Joaçaba
Empresa Chapecó – PeperiLtda	Rio Grande do Sul	Chapecó – Mondaí
Volksvereinfur die deutschenKatholiken in Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Chapecó – colônia Porto Novo/Itapiranga
Barth, Beneti & Cia Ltda(Barth, Annoni& Cia.Ltda	Rio Grande do Sul	Chapecó – região de São Miguel d`Oeste
AngelodiCarli, Irmão & Cia.	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Nardi, Bizzo, Simon & Cia.	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Irmãos Lunardi	Rio Grande do Sul	Chapecó
Empresa Povoadora e Pastoril TheodoreCapelle	São Paulo	Cruzeiro/Joaçaba - Concórdia
Estado de Santa Catarina	Santa Catarina	Chapecó – (Itaberaba e Itacorubá)

Fonte: NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades renegociadas: Práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 37.

No que se refere à abrangência da Empresa Colonizadora *Ernesto F. Bertaso*, a área que compreende os municípios de União do Oeste, Jardinópolis e Irati são de sua interferência. Podemos observar, a partir da escritura de compra e venda de terras, a atuação da empresa em questão:

Saibam quantos a presente escritura pública de compra e venda virem, que no ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e sessenta e digo setenta (1970): - as oito (8): - : dias do mês de Janeiro. – nesta cidade de Coronel Freitas, Comarca de Chapecó, neste Estado de Santa Catarina. – por me haver sido esta distribuída, perante mim, Escrivã da Paz e tabelião e as testemunhas adiante nomeadas e assinadas, comparecerem partes entre si justas havindas e contratadas, a saber – De uma parte, como outorgante - vendedora A EMPRESA ENERSTO F. BERTASO LTDA., [...] E de outro lado como outorgado comprador o Snr. ELIO SARAFINI [...].¹²

Mesmo os municípios emancipados política e administrativamente, ainda existia a venda de terras a compradores que se interessavam pelo lugar:

¹² Escritura de Compra e Venda de um lote de terra pela Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso na época cidade de Coronel Freitas, pertencente a um residente local de União do Oeste, Elio Serafini.

Saibam quantos esta pública escritura de compra e venda virem, que aos seis (06) dias do mês de março (03) do ano de mil novecentos e noventa e cinco, neste município de Jardinópolis, Comarca de Chapecó- SC. Estado de Santa Catarina...compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber de um lado, como outorgante(s) vendedor(es) a EMPRESA ERNESTO F. BERTASO LTDA, [...]. E do outro lado como outorgado comprador o Sr. VITORIO SERRAGLIO [...]. (Escritura de Compra e Venda de um lote de terra pela Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso na já cidade de Jardinópolis, por Vitório Serraglio.)

Podemos observar também, no ato de venda de lotes territoriais, hoje correspondente ao município de Quilombo a compra e venda de terras, segundo a Escritania de Paz de Irati (2017)¹³:

[...] SAIBAM quantos esta pública escritura de Compra e Venda, verem que aos nove (09) dias do mês de maio (05) do no de dois mil e quatorze (2014), nesta cidade de Irati, Comarca de Quilombo, Estado de Santa Catarina, nesta serventia, perante mim, Rosangela Aparecida Alberti – Tabelaia, compareceu como outorgante vendedora: EMPRESA ERNESTO F. BERTASO LTDA [...].

Nesse ínterim, sob atuação da *Colonizadora Bertaso*, a cidade de Coronel Freitas se firmava como base para dois distritos. O primeiro, “Jardinópolis, criado distrito do município de Coronel Freitas, pela lei estadual nº. 4.139, de janeiro de 1968 [...]”, e União do Oeste, na época conhecido como” São Luiz, criado distrito do município de Coronel Freitas, pela Resolução municipal nº. 41/66, aprovada pela Lei estadual nº. 4.137, de janeiro de 1968[...]” (PIAZZA, 1994, p. 326).

Sob o enfoque de os descendentes de imigrantes Rio-Grandenses se deterem ao uso da terra, e conseqüentemente à difusão das comunidades, esses dois distritos também conseguira a emancipação. “A Lei Estadual 1.104/88 criou então o Município de União do Oeste. Sua instalação se deu em 1º de junho de 1989” (PREFEITURA MUNICIPAL DE UNIÃO DO OESTE, 2014), como observamos no anexo 02¹⁴.

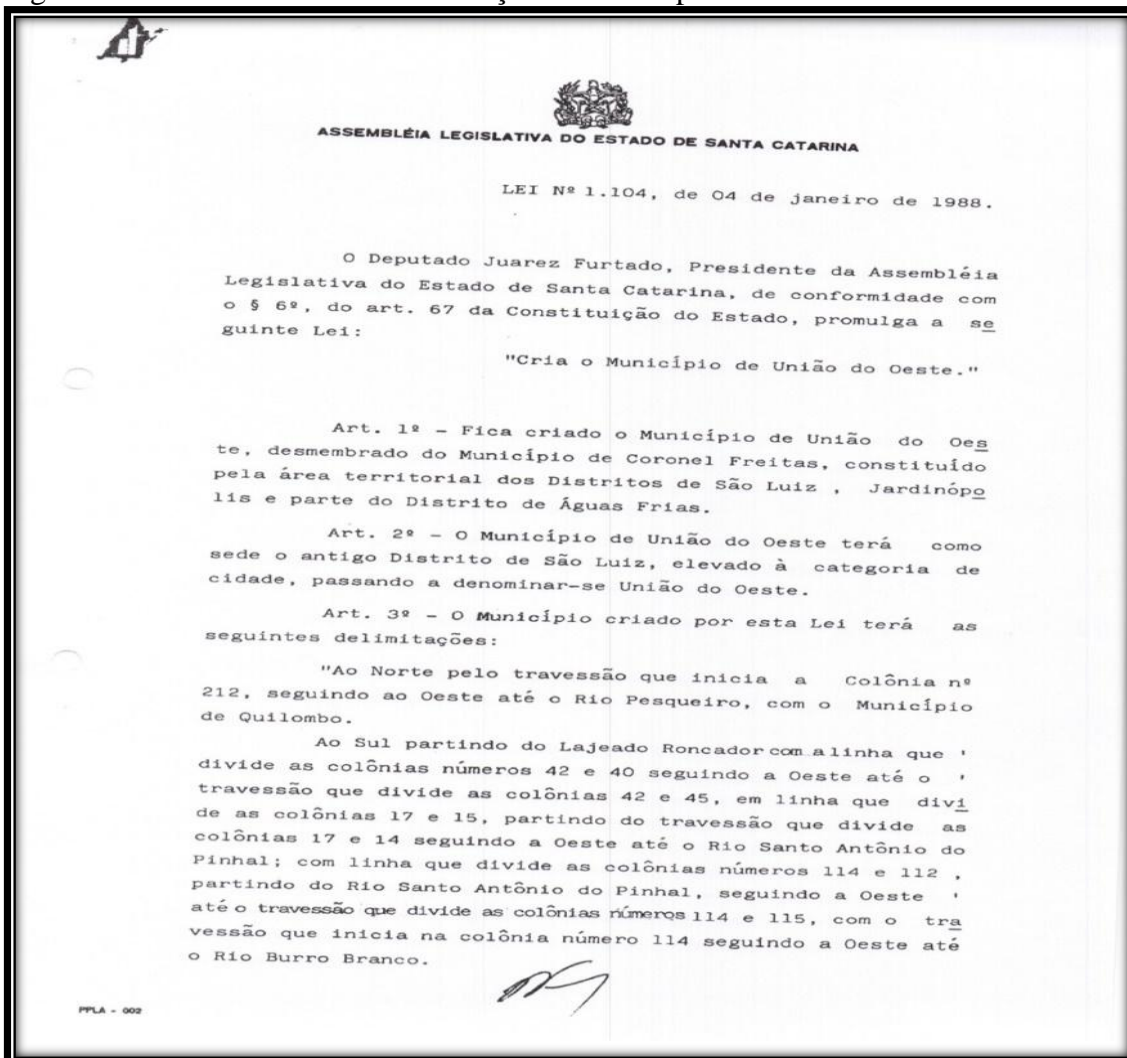
Essa situação também foi encontrada em Jardinópolis, decorrente da colonização por italianos, alemães e poloneses. Podemos observar na figura 05 que o respectivo município pertencia a Coronel Freitas, e é resultante da junção das terras destas três

¹³ IRATI. Escritania de Paz de Irati. 15. Ago. 2017.

¹⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE UNIÃO DO OESTE. Lei de Criação. Disponível em: <<http://www.uniaodoeste.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/37546#.WXednojoyvIU>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

regiões. Após a emancipação de União do Oeste, o distrito de Jardinópolis e uma parte do distrito de Águas Frias passaram a pertencer ao novo município de União do Oeste, como consta na Lei de criação do município, exposta na figura 05.

Figura 05 - Documento da Lei de criação do município de União do Oeste.



Acervo: Prefeitura municipal de União do Oeste, 2014. Disponível em: <http://www.uniaodoeste.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/37546>. Acesso em: 25 jul. 2017.

A relação entre os recém-municípios, e/ou ainda comunidades com características culturais similares, era intensa, pois eram compostos por migrantes do Rio Grande do Sul, os quais desempenhavam as mesmas atividades dos seus antecedentes, às vezes adaptadas a região onde localizavam-se. Aos poucos, desenvolveu-se uma (re)territorialização dos lugares e dos próprios sujeitos envolvidos neste processo de transformações. Compreendemos que novas relações sociais foram

constituídas pelos sujeitos, os quais passaram a identificar-se com o novo espaço de pertencimento e de existência familiar mais próximo a um centro administrativo.

Todo o processo de migração e transformações que se desenvolveu pode definir o aspecto de desterritorialização que ocorreu com os indivíduos que migraram. Isto é, o indivíduo ao deixar sua origem, o seu território para incorporar-se a outro lugar, redefine a sua terra de pertencimento, desterritorializa-se para fazer parte de um novo lugar, deixando suas vivências se firmar a novos espaços. Esse processo aconteceu tanto para migrantes italianos e teuto brasileiros quanto para caboclos e índios, que também tiveram que se adequar a outros espaços.

Por conseguinte, a comunidade de Jardinópolis, envolta de diversos anseios, torna-se na mais um pequeno município da região Oeste de Santa Catarina, no dia 20 de março de 1992. Conforme Lei nº 8.546, “criou-se o município de Jardinópolis, sendo que a instalação oficial aconteceu no início de 1993” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JARDINÓPOLIS, 2013).

Para completar a descrição da criação dos municípios analisados neste processo de colonização, observando mudanças e permanências, recorreremos ao atual município de Irati/SC, que contém traços sociais e culturais em consonância com os municípios já mencionados. Esta comunidade também pertencia a um polo administrativo na qualidade de distrito antes de ser definitivamente uma cidade. Neste caso, Quilombo era o município que integrava a região de Irati/SC.

A comunidade de Irati/SC permaneceu por aproximadamente três décadas como integrante do município de Quilombo. No início da década de 1990, a comunidade foi “elevad[a] à categoria de município com a denominação de Irati, pela Lei Estadual n.º 8.529, de 09 de janeiro 1992, desmembrado de Quilombo” (IBGE, 2016). Com a criação do município, ressaltamos que o nome Irati é designado ao atual nome da cidade, no lugar de Barra Grande. Em consonância com a lei de criação do município, o site da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC, na Lei nº 8.528, de 09 de janeiro de 1992, afirma no “Art. 1º Fica criado o Município de Iratí, desmembrado

do Município, de Quilombo, constituído pela área territorial do Distrito do mesmo nome”¹⁵.

Todos estes municípios correspondem a uma parcela da região Oeste do Estado de Santa Catarina. Essa região foi criada e desenvolvida por meio de uma forma de vida vinculada à propriedade rural e à economia de subsistência. Ao longo do tempo, a produção de subsistência passou a ser praticada para além da necessidade de vivência, tornando a região cada vez mais propícia a diversas interações sociais e culturais, associadas às práticas econômicas e ao ambiente local. Essas atividades foram possíveis a partir da venda das terras que não possuíam ocupação oficial.

É sensato afirmar que, juntamente com a ação das empresas colonizadoras, os sujeitos, que passaram a ser oficialmente donos das terras, empenharam-se em transformar os locais em centros de convivência, trabalho, moradia. Posteriormente, esses mesmos sujeitos esforçaram-se para as comunidades tornarem-se municípios próprios e independentes política e administrativamente.

Nesse sentido, a história desses lugares pode ser percebida a partir da ação conjunta das colonizadoras e dos colonos. Os empreendimentos foram realizados por meio de diferentes mecanismos, sendo que os anseios ao migrar para Santa Catarina, por mais vastos e diversos, certamente fizeram a região tornar-se capaz de acomodar sociedades em constantes transformações e organizações.

1.3 A presença do indígena e do caboclo: um amalgama cultural

Desde que o processo de colonização interferiu na região Oeste de Santa Catarina, o aspecto social foi modificado significativamente. Primeiramente, os índios e os caboclos, que habitavam as terras que atualmente compõe os municípios em estudo, aos poucos foram substituídos por migrantes europeus do Estado do Rio Grande do Sul. Nodari (2009, p. 60), em sua abordagem sobre a presença cabocla na região, afirma que “à medida que os teutos e ítalos avançavam nas terras do Oeste, os caboclos, quando não eram integrados no mercado de trabalho, eram expulsos de “suas” terras e empurrados para “fora” da fronteira econômica.” Radin complementa, ao afirmar que,

¹⁵ SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Legislação Estadual. (Lei nº 8.528/1992). Disponível em: < http://leis.ale.sc.gov.br/html/1992/8528_1992_lei.html>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Em geral, o “sertão” brasileiro era visto como um grande vazio demográfico, e se entendia que sua conquista efetiva faria parte de um projeto patriótico de espírito bandeirante. Assim, nesse período, nas representações construídas no Brasil e no oeste de Santa Catarina, implícita ou explicitamente, convocam-se “os mais corajosos” para a tarefa de efetivar tal projeto. Nelas os colonizadores brancos, descendentes de italianos, alemães e poloneses, na maioria das vezes, apareciam como “ideais” para tal finalidade. (2009, p. 36.)

Em suma, o que se desenvolveu foi a constante migração (1920-1960) das diversas etnias do Estado vizinho para o Oeste catarinense, em busca de novas oportunidades de vida. Essas pessoas, por consequência de sua organização e manutenção cultural do lugar de origem, fizeram na prática o Oeste de Santa Catarina se tornar uma parte do Rio Grande do Sul fora dos limites geográficos gaúchos. Ao que se refere à colonização e migração, Gertz (2011, p. 243) afirma que:

[...] populações descendentes desse processo deram origem a migrações internas e à colonização de novas áreas, muitas vezes, sem que daí resultasse uma configuração social, política, cultural, religiosa totalmente diferente daquela que a originou.

Desta forma, os sujeitos que chegaram ao Estado conseguiram sobrepor-se aos caboclos e indígenas. Esses povos, caboclos e indígenas, não possuíam um documento que comprovasse a posse das terras, sendo compelidos aos poucos a outros locais que ainda não havia alguém com o direito legal pela terra. Assim, o que deu causa a permanência e ao usufruto das terras não foi necessariamente a etnia, mas a capacidade de compra.

Ao considerarmos que os municípios de União do Oeste, Sul Brasil, Jardinópolis e Irati/SC tiveram a sua colonização um pouco mais tardia, quando comparada a outros lugares do Estado, não podemos deixar de enfatizar a formação étnica desses municípios perante o processo de migração, e também a exclusão e/ou esquecimento de outras culturas já presentes na região. Em relação à presença cabocla na região e sua desapropriação das terras, mais precisamente na área de colonização da Companhia Territorial Sul Brasil, Werlang (2006, p. 79) afirma que “como a migração interna era grande, muitos deles já moravam nestas terras [...], o avanço da própria colonização empurrava os posseiros sempre em direção ao norte [...]”

De acordo com a publicação da prefeitura municipal de Sul Brasil (2015), a colonização e integração social do município iniciaram-se a passos lentos na década de 1950, pois:

Na época, o território que compreende o município, pertencia à Companhia Territorial Sul Brasil, que começava a negociar pedaços dessa terra para agricultores oriundos do Rio Grande do Sul. Os desbravadores de origem italiana, cabocla, polonesa e alemã, se misturaram aos nativos que ocupavam esse terreno.

Analisamos que aqueles indígenas e caboclos eram indesejados e impróprios ao sistema de colonização. Aos responsáveis pela venda de terras, e aos olhos dos migrantes, esses dois povos eram constituídos por pessoas de diferentes sistemas de vida e de cultura, mas que não existiam motivos que os impedissem de conviverem próximos e com relações de trocas culturais. Na definição de Machado (2004, p. 48 apud BRANDT; NODARI, 2011, p. 81), o caboclo é descrito como “os habitantes do planalto, ou seja, o habitante pobre do meio rural.” Ainda, segundo o mesmo autor, “não haja uma conotação étnica nesta palavra, frequentemente o caboclo era mestiço, muitas vezes negros.” Dito de outra forma, caboclo indica “uma condição social e cultural, ou seja, caboclos são os homens pobres, pequenos lavradores posseiros, agregados ou peões.”

Nesse viés, caboclo é uma definição atribuída às pessoas que não se identificavam social e economicamente com o imigrante colonizador, “esses brasileiros, pois era assim que eles se autodenominavam, ou caboclos, como são estigmatizados pelos teutos e ítalos [...]” (NODARI, 2009, p. 143). Os caboclos estavam presentes no município catarinense de Irati/SC, antes daqueles que chegaram com a colonização efetiva, mas foram denominados ou identificados de outra forma, segundo afirma o IBGE:

Foram os negros escravos - tanto os alforriados quanto os que fugiam do cativeiro - os primeiros habitantes da região de Irati. Mais tarde, por volta da década de 1940, chegaram os descendentes de italianos e poloneses oriundos do Rio Grande do Sul e do Paraná. Do Rio Grande do Sul vieram os alemães. O nome do município significa “mel em quantidade” na língua tupi-guarani. (IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017).¹⁶

¹⁶ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Histórico: Irati. 2017. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/irati.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Entretanto, desde o início da colonização local pelos imigrantes oriundos do Rio Grande do Sul, e certamente muito antes disso, houve a presença de caboclos já residentes na área, como enfatiza a prefeitura municipal de União do Oeste (2017), ao afirmar que “A descendência dos colonizadores era italiana, alemã e polonesa, porém muito antes, a comunidade era povoada por caboclos.”

Os caboclos que mesmo sendo excluídos da história, se faziam presentes neste percurso de novas sociedades. “Dos que se ‘adaptaram a colonização’, uma minoria ficou com um pedaço de terra escriturada, enquanto os demais continuam servindo de mão-de-obra aos colonos teuto e ítalo-brasileiros.” (WERLANG, 2006, p. 84).

Ainda assim, aquele que detinha sua vida organizada e dependia da terra, mas não possuía comprovação documental da posse da área, era obrigado a sair do local e deslocar-se para outro. Essa situação era sempre um problema: mudar-se para que local se todas as terras estavam sendo adquiridas pelos colonizadores? Os caboclos “foram ‘forçados’ a sair das terras, que consideravam ‘suas’, com a chegada das colonizadoras e dos teutos e ítalos à região e através de efetivas ações governamentais que não reconheciam o direito de posse dos caboclos” (NODARI, 2009, p. 143).

Independentemente dos sentidos estigmatizados para aquele grupo social, por viver diferentemente dos parâmetros da época da colonização, entendemos que esse grupo social foi simplesmente ignorado em sua existência e permanência social e econômica para o território. Entendemos também que a presença do grupo na região acontecia em todos os lugares, e que sua permanência foi bastante complexa e com desafios perante o público que se instalava no local. “A maioria dos núcleos de caboclos existentes nas terras da Companhia Sul Brasil existiam na área colonizada ao norte. Além da proximidade dos Campos do Erê [...]” (WERLANG, 2006, p. 32).

Percebemos a presença destes indivíduos, os caboclos, nos municípios em destaque na pesquisa. Em alguns casos, esses sujeitos permaneciam na área convivendo e realizando funções e atividades que foram a eles incorporados na vida social local, mesmo sendo de culturas e costumes diferenciados daqueles que migraram. Werlang (2006, p. 46) explicita que:

A presença do luso-brasileiro, geralmente denominado de caboclo, favorecia a instalação dos primeiros colonos, pois os caboclos já haviam feito a derrubada de parte das matas. Além disso, o caboclo era utilizado como mão-

de-obra na extração da erva-mate, madeiras, formação de balsas, abertura de caminhos para a demarcação dos lotes, abertura de estradas e derrubada de matas.

Assim, o setor econômico da região apresenta-se com características iniciais muito autênticas, pois a intenção de todos aqueles que chegaram a nova terra de colonização foi tornar a área propícia ao cultivo de produtos agrícolas, garantindo a sobrevivência. Como saliente Lima (1990, p.25 apud RADIN, 2009, p. 77), “a agricultura seria a condição e ao mesmo tempo consequência do repovoamento.”

Quando da chegada dos migrantes às novas terras, a primeira iniciativa foi a abertura de espaços para a organização das moradias, das áreas a serem plantadas e de estradas. Todos contribuía para a efetiva permanência e sobrevivência de suas famílias, sendo que as atividades e trabalhos requeriam muito esforço e força de vontade para não haver a desistência, além de enfrentar as adversidades que lhes esperavam no Oeste. Radin enfatiza sobre o cenário de mudanças e transformações que ocorreu na região:

Um sertão sentado no trono, sonolento, morto, era só matão, morte, faca, revolver, pistola de dois canos; mas os heróis preferiam morrer a abandonar o sonho. O desconhecido não importava medo aos ‘heróis conquistadores do sertão’. Ir ao interior do continente, ao sertão, ‘ao meio de um matão daqueles’, era considerado por muitos uma atitude imprudente, por trocar o seguro pelo incerto. (RADIN, 2009, p. 60).

Nesse sentido, a cultura de cada sujeito não deixou de existir quando eles migraram para o Oeste. O que se desenvolveu foi uma mescla e uma interferência entre as etnias, de modo que aos poucos cada grupo foi entendendo e socializando os seus saberes e aprendizados. Ao mesmo tempo, também percebemos que algumas etnias prevaleceram com mais ênfase do que outras, mas Seyferth (1993) em sua pesquisa sobre os alemães, afirma que:

Há um perfil comum a quase todas as colônias: os imigrantes foram assentados em áreas de floresta, a demarcação de lotes acompanhando os vales dos rios. Em todas elas houve a formação de sociedades camponesas com a economia baseada na pequena propriedade familiar policultora.

A partir dessas profundas adaptações, o ambiente regional apresentou características peculiares e ao mesmo tempo relevantes que se tornaram essenciais para

o estabelecimento e concretização do processo colonizador. Conforme Nodari (2009, p. 115), “é com etnias que possuem traços culturais tão diferenciados que se constituirão as comunidades do Oeste de Santa Catarina inventando e renegociando as suas práticas culturais.”

1.4 Das matas à agropecuária

O meio ambiente da região de União do Oeste, Sul Brasil, Jardinópolis e Irati/SC aos poucos foi modificado, e também influenciou a vida cotidiana de todos os habitantes daquela área. Segundo Drummond (1991, p.180), “a história ambiental revela ligação também com a história regional, pois focaliza processos sociais (e naturais) geograficamente circunscritos, embora tipicamente os limites dessas áreas sejam naturais, e não sociais”. Os colonizadores dos municípios:

Encontraram uma abundância de madeira e passaram a viver da extração da mata nativa e do plantio de grãos. A agricultura familiar, baseada na policultura, recebeu estímulo, por parte dos agricultores, desde o princípio da colonização. Como a exploração da mata não era suficiente para obter a alimentação necessária à sobrevivência das famílias, plantavam diversas culturas de cereais e criavam porcos, galinhas e gado de corte e leite. (PREFEITURA MUNICIPAL DE JARDINÓPOLIS, 2013).

Neste ambiente de descobertas, de tentativas de solidificar a região, o que se modificou foi a localização por municípios/comunidades que surgiram conforme o avanço da colonização, incentivada pelas atitudes das companhias colonizadoras. No entanto, a estrutura, a composição e o sistema que os sujeitos ativos constituíram lentamente apresentam-se muito semelhantes entre si. A fronteira geopolítica existe por uma definição humana, mas as regiões/municípios compõem-se de ambientes comuns, os quais passaram pelo mesmo procedimento na colonização. Como salienta Nodari (2009, p. 59):

Com o deslocamento da fronteira, como é o caso do Oeste catarinense, a partir das primeiras décadas até a metade do século XX, cria-se, nessas áreas, não somente uma história de destruição do antigo modo de vida de seus ocupantes anteriores, de devastação da floresta, mas também uma história de resistência, de protesto daqueles que estão habitando a área, nesse caso os caboclos e, ainda, de sonhos e de esperanças daqueles que estão adentrando na fronteira, ou seja, os teutos e ítalos, que tentam recriar na região a sua cultura étnica.

Ao analisar as diversas particularidades, e considerarmos que todos fazem parte da história, que constrói essa história independente da etnia que pertencem e das condições que chegam ao Oeste catarinense, a sociedade se forma quando há atuação de todos, sem negação às experiências e vivências de outras formas de vida que também dependem do local para a sua existência. “A história de qualquer região é a história de cada grupo que faz parte da sua população. Assim a sua história não é a saga de uma única etnia e sim de grupos diferentes.” (NODARI, 2002.p 34).

Segundo o que está explícito no início da história dos municípios abordados nesta pesquisa, constatamos a grande influência da agricultura, a qual prevalece como característica peculiar da formação das comunidades, e posteriormente da definição dos municípios que são vigentes. As vidas destas famílias tiveram seu começo em meio ao processo de transformação do local, no desafio de conseguir organizar-se em suas residências. Realizaram atividades que englobavam maior parte da família, sempre buscando alternativas para melhorar a sobrevivência.

Podemos observar na fotografia 04 as residências construídas na região, que dispunham das mesmas características daquelas existentes no Rio Grande do Sul (RS). O estado de RS constitui-se como o lugar de origem da maioria dos colonizadores catarinenses, que deixaram sua base de vida para reconstruí-las em um novo espaço.

Fotografia 04- Residência do colonizador 1960, no município de Sul Brasil.



Acervo: Prefeitura municipal de Sul Brasil. 2015. Disponível em: <<http://www.sulbrasil.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/8331/codNoticia/336391>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

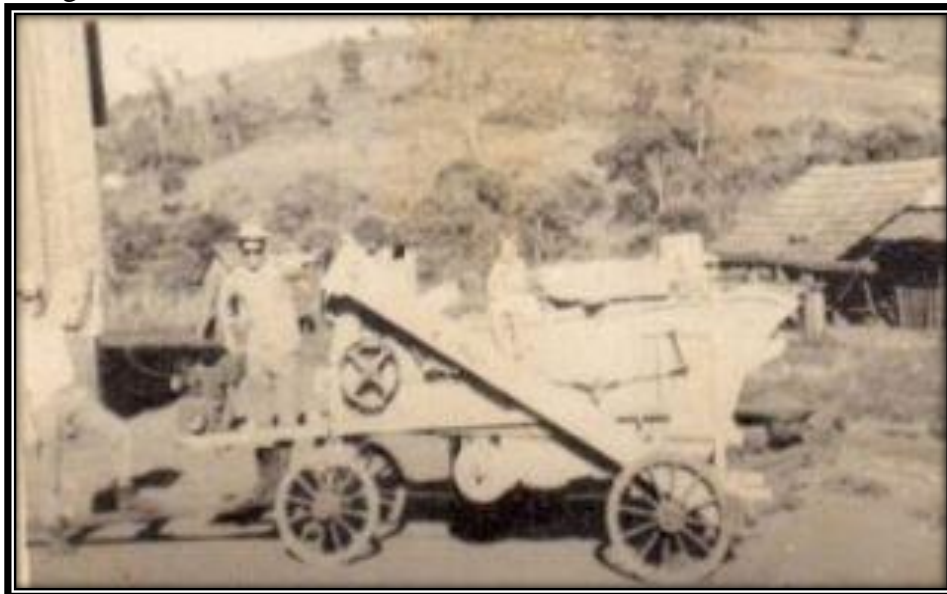
As atividades realizadas na agricultura eram desenvolvidas de forma braçal, sem máquinas avançadas e modernas que facilitasse o trabalho. Na fotografia 05 e 06, verificamos com mais detalhes esta tarefa desempenhada pelos antecedentes dos colonizadores da região. O trabalho em conjunto na lavoura já era feito na sua terra de origem, no Rio Grande do Sul, e posteriormente foi praticado do mesmo modo por pessoas de diferentes origens que migraram para Santa Catarina.

Fotografia 05 – Trabalho realizado na lavoura em Linha Barrinhas, em Jardinópolis.



Fonte: Fotografia pertencente a Antônio Luza, na comunidade de Barrinhas, em Jardinópolis, na década de 1980. Na época, a comunidade pertencia a Coronel Freitas. Acervo: Antonio Luza.

Fotografia 06- Trilhadeira, no ano de 1967, em Sul Brasil.



Fonte: Prefeitura municipal de Sul Brasil¹⁷.

Diante das fotografias, notamos que nesta tarefa da agricultura, desempenhada pelos colonizadores, havia alternativas que com o tempo foram sendo incorporadas ao trabalho diário na agricultura. Exemplificamos o uso da trilhadeira (fotografia 06), utilizada para “trilhar milho, feijão, trigo e outros cereais” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SUL BRASIL, 2015). Essas atividades, baseadas na agricultura em pequena escala, certamente foram determinantes na constituição dos atuais municípios ao propiciar a sustentação econômica.

Neste meio em que a vida era organizada, conforme as condições de cada indivíduo e das terras em que estavam alocados, muitas adaptações sociais e ambientais aconteceram, feitas pelas famílias colonizadoras a fim de facilitar a permanência na região. Além da trilhadeira, que ajudava no trabalho da roça, encontrava-se a presença dos animais para transportar carga e/ou usados ainda para a locomoção. Assim, bois eram utilizados para o transporte de cargas em carroças e gaiotas¹⁸, e os cavalos como meio de deslocamento dos indivíduos, conforme as fotografias 07 e 29:

¹⁷ Prefeitura municipal de Sul Brasil. Disponível em: <<http://www.sulbrasil.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/8331/codNoticia/336391>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

¹⁸ Espécie de carroça em tamanho menor.

Fotografia 07– Carroça sendo utilizada para o transporte de produtos em Jardinópolis, início da década de 1980.



Fonte: Fotografia pertencente a Antônio Luza, na comunidade de Barrinhas, em Jardinópolis, na década de 1980. Na época, a comunidade pertencia a Coronel Freitas. Acervo pessoal: família Luza.

Nesse contexto, precisamos compreender também que nem todas as famílias possuíam seus equipamentos de trabalho e seus animais. Conforme Renk (2006, p.113):

[...] a distinção entre ricos e pobres era unicamente percebida nos apetrechos dos cavalos e no uso de armas, o que era considerado ‘um luxo’. Não só a domaçoão, mas a posse do cavalo fazia parte da rotina da população, utilizando-o para qualquer deslocamento espacial [...].

É importante relacionar a presença predominante do imigrante colonizador e suas práticas diárias associadas a agricultura e suas possibilidades de vivência diante das dificuldades do ambiente em que circulava. O descendente de ítalos, o senhor Wolmyr José Risso, relata que na região:

cavalo todo mundo tinha, porque o cavalo era meio de transporte mais, mais legal que tinha né, então cada família se tinha quatro, cinco cavalo, cada família tinha e se criava muito cavalo né, era comum ter as égua reprodutora [...] por que um dos meio de transporte de se deslocar a Modelo, por tudo, era sempre de cavalo [...] o cara que tinha um cavalo era como uma bicicleta, era carro né [...]. (RISSO, W.J.,2018).

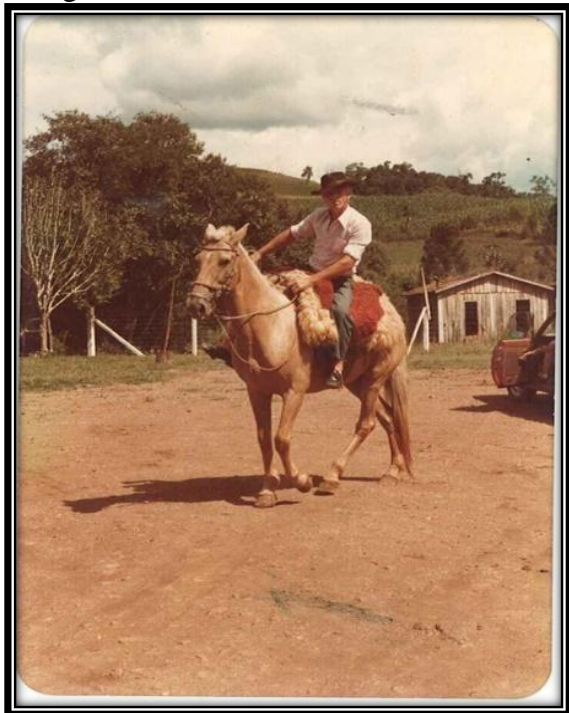
Podemos identificar que quem detinha as posses, possivelmente eram colonizadores e descendentes Rio-Grandenses, incentivados desde a sua origem a esta forma de vida, perpassando para as gerações futuras, como pode ser observado nas fotografias 08. Nessa fotografia, há um enfoque para o animal que o colonizador detinha em seu poder.

Fotografia 08- Morador de Aratiba/ RS, demonstrando a posse do animal que detinha.



Acervo pessoal: Carmem Maté.

Fotografia 09 - Colonizador com seu cavalo, em 1970, em Irati.



Acervo: Leodimar Meurer.

É possível perceber, a partir das fotografias 08, 09 e 10, o sujeito que coloniza, que se organiza de forma a facilitar a sua vida cotidiana e no trabalho com cavalos e armas de fogo para a caça. As outras atividades, que com o passar do tempo e da permanência nas novas terras colonizadas foram incorporadas, diferenciavam o migrante de outros sujeitos já estabelecidos no local. Este, por sua vez, dispunha de armas de fogo para caça e segurança própria, cavalos como meio de locomoção e transporte de produtos, carroças que facilitavam o trabalho e as atividades desenvolvidas.

Fotografia 10- Colonizador com sua arma de caça, na década de 1960, em Sul Brasil.



Acervo pessoal da autora.

Além da prática da agricultura e de cultivos para a sua subsistência, a extração da madeira (canaleta, araucária, cedro, entre outras) foi muito importante para a economia local. Devido ao fato de estas terras comportarem grandes quantidades de essências madeiráveis, a região propiciou tanto a instalação das famílias quanto a instalação de serrarias, posteriormente. Essa atividade foi amplamente desenvolvida no início da colonização por migrantes que viram na matéria-prima a oportunidade econômica, além da prática agrícola. Segundo Werlang (1992, p. 142), “a extração da madeira foi efetuada pelos luso-brasileiros, que faziam desta atividade a sua sobrevivência.”

Ainda, conforme o autor, na área de colonização da Companhia Territorial Sul Brasil:

As serrarias e os moinhos coloniais foram os primeiros estabelecimentos industriais da região. A existência de densas florestas, com árvores de valor comercial, fez proliferar rapidamente o número de serrarias. Em 1930 já havia 7 serrarias na região, número que não parou de crescer até meados da década de 70, quando o governo federal, através do IBAHA, começou a exigir das serrarias uma política de reflorestamento. Outra causa da redução foi a diminuição significativa das matas na região. Isto fez com que algumas fechassem e outras tantas fossem transferidas para outras regiões, principalmente Mato Grosso e Pará, onde a oferta de madeira roliça era abundante. (WERLANG, 1992, p. 152).

As fotografias 11, 12, 13 e 14 mostram as serrarias. Percebemos que esta atividade de exploração da madeira iniciou-se com a colonização. Há a continuidade dessa atividade no decorrer dos anos subsequentes, quando os municípios já estão em processo de emancipação, como é o caso da fotografia 12, referindo-se a serraria instalada em Sul Brasil, na década de 1990.

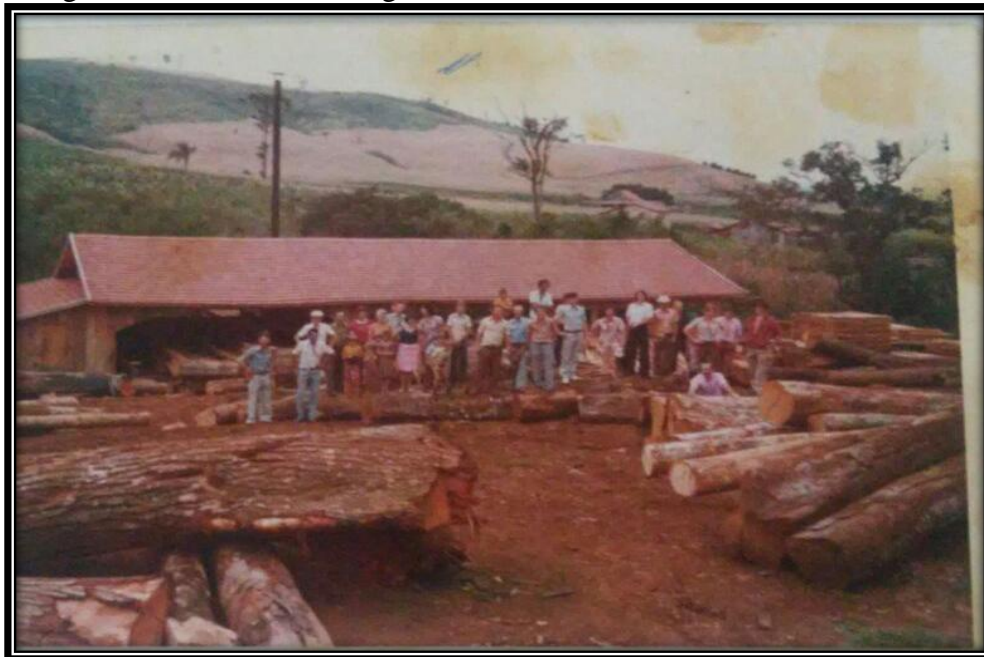
Destacamos, na proximidade das serrarias, a presença de madeira e toras não serradas (fotografia 13 e 15), como também pilhas já transformadas em tábuas (fotografia 11 e 14). Na fotografia 13 e 14 aparecem imagem de pessoas que possivelmente eram trabalhadores. Há inclusive o intuito de enfocar as máquinas responsáveis pelo processo de serrar as madeiras, que demonstravam opulência frente ao corte e processamento braçal.

Fotografia 11 – Serraria na região de Sul Brasil, na Década de 1990.



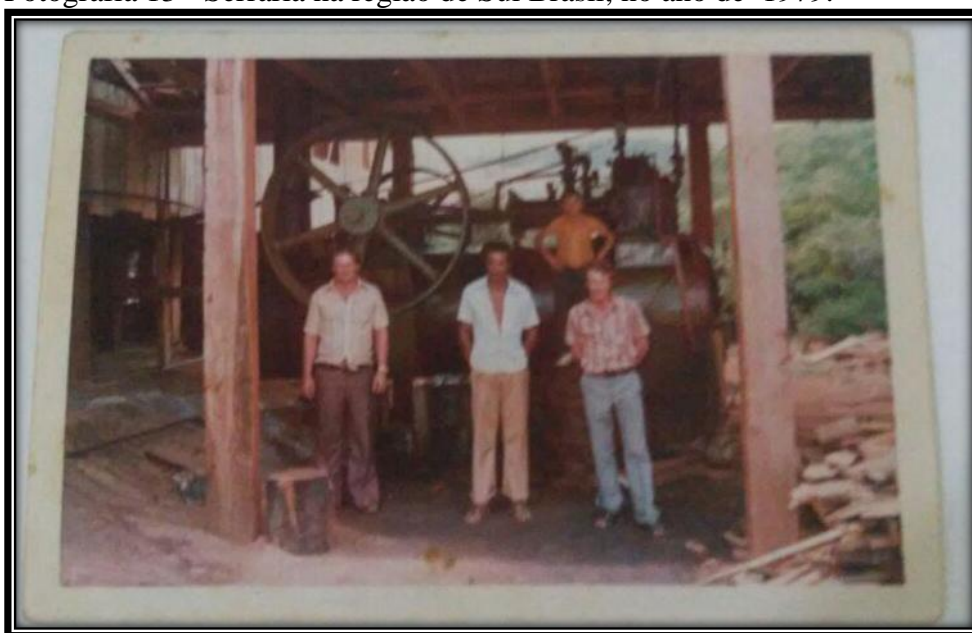
Acervo pessoal: Família Meneghetti.

Fotografia 12 – Serraria na região de Sul Brasil, no ano de 1979.



Acervo pessoal: Família Dal Pizzol.

Fotografia 13 - Serraria na região de Sul Brasil, no ano de 1979.



Acervo pessoal: Família Dal Pizzol.

Da mesma forma que na região de interferência da *Cia. Sul Brasil*, e a sua extensão pela influência da *Cia. Bertaso*, a situação da existência da extração da madeira não foi diferente. Os colonizadores da localidade de Jardinópolis “encontraram uma abundância de madeira e passaram a viver da extração da mata nativa [...]” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JARDINÓPOLIS, 2013).

Fotografia 14 – Serraria Ferrari em Irati, em 1957.



Fonte: FANTE (1994).

Fotografia 15 – Serraria Ferrari em Irati, em 1957.



Fonte: FANTE (1994).

A presença de florestas nativas no início da colonização fez os imigrantes dedicarem seus esforços à extração e processamento da madeira a fim de lucrar com o que a natureza oferecia em abundância. De acordo com Silva; Brandt; Moretto (2017, p. 194), “foram instaladas pequenas serrarias e madeireiras na região do oeste de Santa Catarina, além da construção de vias para escoar a madeira, aumentando os cortes e os lucros entorno desta atividade.”

A extração de madeira foi amplamente introduzida na região logo no início da colonização por alguns imigrantes que iniciaram o trabalho nesta atividade. Ao observar a fotografia 12, na década de 1990, percebemos que houve a continuidade da exploração madeireira. Ao passar dos anos, essa prática expandiu seu desenvolvimento como uma das alternativas econômicas. “As pequenas serrarias, ao contrário, foram crescendo com o aumento do fluxo migratório [...]” (WERLANG, 2006, p. 125) e com a possibilidade de transporte da madeira beneficiada com a presença da característica ambiental na região. Ou seja, “o rio Uruguai se tornou um importante aliado para escoar a madeira desta região” (SILVA; BRANDT; MORETTO, 2017, p. 194).

Ao discorrer as características econômicas e de organização nas terras colonizadas pelos imigrantes por meio do intermédio das Companhias colonizadoras, compreendemos muitas peculiaridades que no decorrer do avanço do povoamento se firmaram e constituíram as especificidades de cada região. Há ainda de considerar o fator efetivo que produziu tanta movimentação de indivíduos para o Oeste Catarinense: a busca por terra. A possibilidade de conseguir a posse legal de uma quantidade de terra para iniciar e constituir vida própria fez a região Oeste do Estado de SC ser o objetivo de muitas famílias Rio-Grandenses. O desconhecido que se apresentava frente às terras foi apenas um detalhe a ser superado.

Dentro deste contexto, de dependência da terra para dar continuidade a forma de vida dos sujeitos imigrantes, o ambiente se concretiza como elemento fundamental e de extrema relevância. O ambiente determinou a possibilidade de desenvolver o sistema agrícola, de serrarias, de criação de animais, entre outras características, como o lazer ou formas de entretenimento.

Nesta conjuntura, de constituição dos municípios e suas transformações, o lazer é extremamente importante para caracterizar a forma como os sujeitos conviviam com outras pessoas em suas comunidades. As formas como divertiam-se regulou as ações em suas vidas, de maneira que muitas de suas práticas na agricultura e no trabalho se entrelaçaram com a diversão que dispunham.

A sociedade vai se constituindo conforme suas culturas e necessidades de sobrevivência. O lazer torna-se indispensável nesta vivência, pois reúne e organiza os sujeitos em práticas coletivas na comunidade e no meio onde vivem. Esse conjunto de relações e vivências individuais e coletivas, ligadas ao trabalho e a paisagem, foi por um

período o caracterizador dos municípios em estudo. Tais municípios formaram-se a partir destas intercalações, sendo hoje possíveis de recordações que marcaram a memória dos sujeitos envolvidos, principalmente as formas como se divertiam.

CAPÍTULO 2 – SOCIEDADE, AMBIENTE E TRANSFORMAÇÕES

2.1 Organização das famílias no novo espaço: Oeste de Santa Catarina

Neste capítulo será abordado algumas das características que formavam os municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC no processo de colonização e desenvolvimento, no que diz respeito ao ambiente, às famílias dos migrantes que integraram a colonização da região, e suas etnias. Ainda, buscamos perceber e descrever a relação estabelecida por estes sujeitos com a paisagem local e com os caboclos que residiam na área de colonização. Entendemos que para uma sociedade se constituir em um ambiente modificado, e ainda em transformação dentro do processo de colonização, muitos foram os esforços para que a permanência acontecesse.

Na região Oeste de Santa Catarina, com o longo e intenso processo de imigração e colonização, as culturas de cada sujeito colonizador aos poucos foram constituindo uma sociedade baseada naquela já existente no Rio Grande do Sul. Existiam algumas adaptações e incorporações, devido à necessidade de começar a construção de uma vida nas terras do Oeste.

O processo de vinda e de estabelecimento na região, ao longo do tempo, abrangeu todos os lugares que correspondem aos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati. Migrantes de diversas etnias compuseram a sociedade constituída pela movimentação da colonização e avanço das atividades voltadas a exploração dos recursos madeiráveis e práticas agrícolas.

Nesse sentido, ter uma família, seja ela de pais e filhos ou de irmãos, tios e parentes próximos, era necessário para que o trabalho no seu amplo sentido se tornasse eficiente e produtivo. Entendia-se que apenas um indivíduo pouco realizava em meio a tantas tarefas a serem executadas em uma região predominantemente de ambiente

natural de floresta e mata fechada. Era de extrema importância ter uma família para que todos contribuíssem no estabelecimento da nova morada. Uma vez que “para os primeiros anos estabelecidos nas colônias, seja por ocasião da imigração ou das migrações posteriores, o trabalho familiar é apresentado como redobrado” (RENK, 2006, p. 86).

Cada migrante, na sua trajetória, trazia consigo que conseguiram e, sobretudo, o que consideravam indispensáveis ao seu novo espaço de vida. Sabiam que teriam uma árdua tarefa até conseguir firmar permanência segura. Assim, ter a presença de mais familiares contribuía para que este ofício fosse menos desanimador. Segundo Sevcenko (1998, p 34):

As condições específicas dos imigrantes levaram sua vida privada, na dimensão familiar, a ter uma carga emotiva e funcional muito forte. A família não só era o ponto de apoio básico e muitas vezes único na terra de recepção, como ainda representava um extenso elo, abrangendo os que emigravam e os que ficaram na terra de origem.

Além da sua própria família, a presença de outros migrantes colonizadores também atribuía sentido para continuar com os afazeres na região. A vida em sociedade acabava por facilitar a permanência neste ambiente pouco povoado, no sentido de os migrantes, que vieram de antigas colônias gaúchas, não serem os únicos na nova terra. Progressivamente as comunidades foram se estruturando e organizando as suas atividades em conjunto com os demais sujeitos presentes na região, sejam eles migrantes ou índios e caboclos.

O esforço dedicado por cada um que se instalava na região deixou características definidas no local. Muitas culturas estavam presentes em Santa Catarina, possibilitando uma heterogeneidade. Porém, nem sempre essas diferenças foram bem aceitas no sistema capitalista de progresso implantado em Santa Catarina, pois esta relação com o capital selecionou os seus integrantes por meio da adaptação e realização das demandas deste processo. Segundo Luca (2016, p.37):

Ao estabelecer seus próprios valores e significados aos locais que ocupa, o ser humano inevitavelmente os transforma, imprime nos elementos nativos a sua marca, seja modificando-os ou criando novos elementos e introduzindo-os no ambiente regional, o que, como consequência, cria novas relações e dinâmicas.

Diversas culturas, com suas mais variadas formas de vida, de socialização e interação com o meio e com outras pessoas, estabeleceram-se e definiram suas características enquanto grupos sociais em adaptação e transformação. No que se refere ao processo de conflitos regionais, especificamente em Santa Catarina durante a colonização inicial, Nodari (2009, p.22) afirma que:

O oeste da Santa Catarina ficou conhecido, nas primeiras décadas do século XX, como terra sem lei, sem dono e sertão bruto, em razão do seu processo histórico de abandono, permeado por disputas e lutas internacionais e nacionais.

Neste processo de transformação do ambiente e interações humanas que se consolidaram na região, e onde a colonização estava em pleno desenvolvimento, houve ao mesmo tempo uma busca por novos anseios e formas de vida. A visão de paisagem acaba mudando dependendo de quem lhe atribui significados. “As paisagens são suscetíveis de serem transformadas, destruídas, melhoradas, recompostas, feitas e refeitas porque esse é o traço marcante da ação humana sobre seu próprio meio.” (LUCA, 2016, p.44).

As pessoas possuíam funções e sentidos diferentes. Cada sujeito a partir da sua relação com a terra estabeleciam relações distintas e a percebiam com um olhar voltado para aquilo que lhe era de interesse. Contudo, as interações não foram isoladas e nem aconteceram por acaso. As etnias e formas de vida eram diferentes, mas a importância atribuída ao lugar, a terra e a paisagem vinculou os sujeitos à sociedade. Como aponta Manfio (2012, p. 42), “a paisagem é um conjunto de elementos que exprimem significados, sentimentos e características sobre o lugar.”

No oeste de Santa Catarina, o contato com os outros núcleos de povoamento foi decisivo para definir as especificidades individuais e conseqüentemente coletivas. Embora a política de povoamento da região estabelecesse a predominância de italianos e portugueses brasileiros vindos do Rio Grande do Sul, a presença de outros grupos e culturas, distintos e bem definidos, imprimiram marcas nos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC.

O que aconteceu entre as etnias presentes na época de transformação da microrregião de Chapecó foi uma mescla cultural, salienta Costa (2011, p. 238), ao apontar que “a ocupação do território catarinense ganhou incremento com o fluxo imigratório europeu, iniciado no século XIX, introduzindo assim uma nova

configuração cultural”, recebendo ainda nesta miscigenação étnica a presença do índio e do caboclo.

Em decorrência destas interações humanas, os sujeitos que se estabeleceram nos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC desenvolveram formas especiais de vivência coletiva. A paisagem sempre esteve norteando os rumos da sociedade local. Uns reiniciaram sua vida, enquanto outros ficaram a mercê das modificações ambientais e de outras culturas. Na concepção de Renk (2006, p. 117):

A colonização representou uma mudança relativamente acelerada. Introduziu valores externos, deixando à população local as alternativas: adaptar-se ou ser excluída, isto por duas razões: a primeira seria a desestruturação do modo de vida anterior à colonização; a segunda, pelo descompasso criado entre o habitus da população e as estruturas econômicas introduzidas pelo colonizador.

Nesse viés, interpretamos que a vida não acontece e modo isolado e sem influências. As famílias estabelecidas, e residentes oficiais das terras catarinenses, elaboraram estratégias de trabalho, de lugar, para instalar a moradia, o espaço para criar animais, para plantar e ainda encontraram meios de se divertirem, considerando o espaço natural em que estavam inseridos.

Nodari (2009, p. 106) afirma, em suas análises étnicas do Oeste de Santa Catarina, “que as fronteiras étnicas, de acordo com os momentos históricos, podem manter-se, apagar-se, reforçar-se, ou mesmo desaparecer.” Nesta perspectiva de que é necessário que as culturas interajam entre si, e que isto aconteceu na região em estudo, ainda havia disparidade e receio com o outro que era diferente.

As diferenças podem distinguir as pessoas, mas não as impedem de manter relações afetivas de convívio, dentro destas distinções culturais. De acordo com Luca (2016, p. 38), “[...] a paisagem é uma estrutura que agrega, articula e se inter-relaciona com as pessoas, o que lhe permite expressar as características e identidade.” Por mais que houvesse uma hostilidade entre os grupos, a paisagem da região onde viviam pode ser considerada o laço que interligou os sujeitos em suas diferenças. Nodari (2009, p. 107) enfatiza que as “novas identidades foram criadas e as existentes exigiam uma renegociação contínua, fazendo com que outras redefinições sobre o que é ser brasileiro surgissem.”

Dentro dessa perspectiva, precisamos considerar as lembranças e recordações de uma determinada sociedade para compreendê-la em sua essência. Especialmente, é preciso entender e perceber a importância da vida em sociedade e o que esta vivência proporcionou a região dos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC. Assim:

a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990).

A sociedade que gradualmente se inseriu neste contexto de migrações e adaptações requer atenção ao estudo de suas atividades desenvolvidas no Oeste Catarinense. O ambiente foi muito influenciador e interferiu nas atividades de trabalho dos indivíduos da região Oeste catarinense.

A prática de atividades voltadas ao trabalho de subsistência, e/ou econômica de cada grupo familiar dentro das suas características culturais e étnicas, era a dinâmica que norteava a vida e as ações das pessoas da região dos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC. Por uma questão de obrigação, de costume e até mesmo de necessidade, todos de uma forma ou de outra se sujeitavam às tarefas diárias da família.

Juntamente com a paisagem, os colonizadores e seus descendentes organizavam-se a fim de conseguir desempenhar as atividades rotineiras, aproveitando todas as alternativas que possuíam. Era de costume que as famílias colaborassem uma com as outras para que a vida em sociedade acontecesse e forma qualificada e produtiva a todos. A ajuda mútua nas atividades cotidianas entre os grupos étnicos era frequente.

Dentre todas as modificações e adaptações dos indivíduos e do ambiente, que também passa por alterações com a presença da colonização, a cultura trazida da antiga origem Rio-Grandense, desde o início do estabelecimento dos grupos ao local de destino, prevalecia entre o cotidiano dos sujeitos. Mesmo prevalecendo a cultura de origem, a vivência das pessoas incorporava as especificidades do novo ambiente, relacionando-as ao que possuíam de costumes e tradições.

A cultural, nas condições da colonização, identifica e define as ações realizadas pelos migrantes e colonizadores, estabelece uma diferença entre outras etnias que

colonizam, bem como do caboclo e do indígena que estavam na região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC. As práticas para a sobrevivência eram baseadas naquilo que herdaram de seus antecedentes e já praticavam no Rio Grande do Sul, como os cultivos agrícolas, a criação de animais, as maneiras de trabalho, a construção das casas, o lazer e a religiosidade. Essas ações culturais podem ser observadas e compreendidas a partir das fotografias as quais, conforme os olhares de Peter Burke (2004, p. 100):

Historiadores da agricultura, da tecelagem, da impressão de papéis, da guerra, da mineração, da navegação e das outras práticas, a lista é virtualmente infinita, têm-se baseado intensamente no testemunho de imagens para reconstruir as maneiras pelas quais arados, teares, máquinas impressoras, arcos, armas de fogo, e assim por diante, eram utilizados [...].

É possível analisar também as interações entre etnias diferentes em um espaço que gradativamente se torna igual daquele do qual saíram para ítalos e teutos. Muitas características, como ambientais e culturais passam por transformações, e são justamente estas mudanças que lentamente fazem surgir uma nova sociedade. Essa nova sociedade constitui-se por pessoas que aprendem a conviver com o diferente e incorporam outras expressões culturais. “A etnicidade está sendo (re)inventada, continuamente, em reação às realidades que se apresentam e se modificam tanto dentro do próprio grupo como na sociedade anfitriã” (NODARI, 2009, p. 109).

Nos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC, surgem novas formas de convivência, reinventadas pelos próprios sujeitos. A região torna-se parte da vida das pessoas que trabalhavam, rezavam, se divertiam, disputavam, transformavam e eram transformados pelos desafios de sobreviverem ao desconhecido, seja este desconhecido a natureza ou os demais indivíduos.

A vida em comunidade, ou mesmo na família, era repleta de atividades que definiam o cotidiano das pessoas. Cada membro da família desempenhava sua função para que, em primeiro lugar, todos pudessem sobreviver. Posteriormente, dedicavam-se a outras práticas como o lazer e atividades religiosas. Por mais que fizessem parte da mesma cultura, ainda assim os grupos familiares possuíam suas especificidades e seu modo de ser.

Nesse sentido, afirmamos que as relações decorrentes do trabalho definiram, em grande parte, a vida da sociedade presente na microrregião de Chapecó, especificamente

nos municípios estudados nesta pesquisa. O turno diurno era destinado à função trabalhista, por parte de todos os membros familiares, de modo que o trabalho desenvolvido era considerado pelos colonizadores tão importante que sua cultura era impregnada pelas características laborais.

2.2 O trabalho na sociedade/comunidades e na família

A partir da descrição de nosso estudo, entendemos que a região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC, configura-se com muitas formas de vida relacionadas às culturas de cada grupo a ao ambiente existente no local em que se fixaram. Nesta seção, abordaremos o trabalho enquanto principal meio de sobrevivência e suas interações com as famílias e com a paisagem local.

O trabalho era muito árduo na região, constituído por tarefas contínuas e diárias realizadas por todos os membros do grupo familiar, sendo eles homens, mulheres e crianças. Dentro das atividades desenvolvidas, cada membro da família possuía sua tarefa, conforme a situação em que se encontravam. As crianças realizavam um trabalho condizendo com o que conseguiam fazer, os adultos desempenhavam as tarefas mais complexas e perigosas. Ainda, “o grande número de filhos era um traço característico entre as famílias de ítalos e teutos por representarem maior número de braços para a lavoura” (NODARI, 2009, p.117).

Cabe mencionar que frequentemente o trabalho que faziam era ligado à agricultura, ao plantio e à colheita de produtos de subsistência, ao manejo de animais, e à construção de espaços para armazenar os produtos, as ferramentas de trabalho ou o que consideravam necessário preservar. Na colonização da microrregião de Chapecó, conforme Radin (2009, p. 171), “predominou a pequena propriedade destinada à agricultura familiar.”

Nesse sentido, no início da colonização, para transformar as áreas de florestas em locais cultiváveis, foi preciso organizar o espaço e definir como cada tarefa seria executada. Por isso, a mata que existia na localidade foi cedendo espaço para a introdução do milho, feijão, arroz, batata, mandioca, entre outros produtos, além de espaço para a criação de animais cercados, como suínos, bovinos e aves. Radin e Vicenzi (2017, p. 91) afirmam que:

Com suas foices, machados, facões e serrotes, transformavam árvores em torras e madeira, que, além de sua comercialização pelo rio Uruguai, eram utilizadas para a construção de habitações, igrejas, escolas, casas de comércio, entre outros.

Acrescentamos ainda o trabalho realizado pelas crianças que, desde muito jovens, já possuíam suas próprias tarefas destinadas pelos pais, neste ambiente em transformações. As crianças tinham suas funções enquanto membros das famílias, as quais possuíam um cotidiano envolto às atividades agrícolas de subsistência. O trabalho dos filhos pequenos não requeria esforço físico ao extremo, mas fazia com que tivessem responsabilidade em realizá-lo. Conforme Winckler; Renk (2017, p. 464), a “infância não se descolava do trabalho”.

Para aprofundarmos a questão do trabalho, o colonizador da região de Linha Barrinhas/Jardinópolis, Wolmyr José Risso, relata as suas experiências de ajudar a família por meio do trabalho, em sua infância:

A madeira era puxada tudo a boi, daí quando não se venciam com uma junta botava duas, três junta numa tora só e ia embora. Eu me lembro e as vezes me pergunto, eu tinha doze, treze anos, de pé no chão no meio daqueles matos lá, eu nunca tinha um calçado e nunca me machuquei nada. Aqueles bois grande, tu ia na frente, a torra enroscava, tu virava os boi pro lado ia lá no meio do mato e vinha de volta. (RISSO, W.J.,2018).

Esta vivência pode ser observada nas fotografias 05 e 07 do capítulo 01 (p. 48 e 49), nas quais observamos crianças inseridas no espaço do trabalho dos mais velhos, auxiliando na armazenagem do que foi colhido pelos adultos, bem como empenhados em conduzir uma carroça cheia de produtos da lavoura. Tais trabalhos eram rotineiros e faziam parte da vida infantil de muitas das crianças ítalas ou teutas na região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC, na época da colonização. “Era comum, no meio rural, o envolvimento das crianças ou adolescentes desde muito pequenos nas atividades produtivas, seja no trato dos animais, seja na lavoura” (ONGHERO; RADIN; CARBONERA; RENK; SALINI, 2017, p.115).

Para fomentar o trabalho que as crianças desempenhavam relacionados à lavoura, Risso (2018) destaca em seu depoimento algumas atividades que lhe cabia quando ainda era jovem: “trilhava muitos sacos de milho e depois puxava todas as palha dentro do paiol para dar pra vaca no inverno, ah que sofrimento”. Relembra ainda outra atividade: “eu detestava esse serviço: empaiolava todo o milho e o que o pai fazia, fazia

na frente da porta fazia uma pilha né, pegava botava uma espiga de cá outra de lá e subia, ficava larga [...]”.

A vida do colonizador, seja ele adulto ou criança, estava associada ao trabalho na lavoura, pois era o que sabiam fazer. Quando chegaram às terras do Oeste de Santa Catarina, possuíam o entendimento de que este lugar seria a continuação do que realizavam na antiga moradia, no Rio Grande do Sul. Para a região que antes da migração não tinha a ação dos colonos, as ações realizadas por eles eram novas e diferentes, trazendo modificações ao novo ambiente.

Ao chegarem às terras vendidas pelas colonizadoras *Cia Sul Brasil* e *Bertaso*, os migrantes logo de início tiveram que se adaptar ao local para desenvolver suas culturas de sobrevivência, visto que a região estava coberta por mata. Os migrantes também precisaram adaptar-se ao ambiente e ao clima, e perceber o melhor lugar para o plantio, para instalarem as casas, para buscar poços e fontes de água, e alocar os animais.

Com o passar das décadas, em meio ao avanço da colonização e com o aumento de migrantes na região em estudo, as comunidades foram se formando, como já era de costume desses sujeitos. Gradualmente, eles foram transformando o ambiente conforme as necessidades de convivência em grupo, e para satisfazer os seus desejos além da sobrevivência. Ou seja, inicia-se a organização e construção de igrejas, espaços para cemitérios, campos de futebol, pavilhões para festas e comemorações comunitárias.

As atividades na comunidade também eram realizadas com o trabalho dos próprios migrantes colonizadores, que se empenhavam dentro de um determinado tempo e espaço para organizar esta parte cultural de suas vidas. Essas transformações ocorrem no ambiente, no indivíduo ítalo, teuto e também no caboclo da região. Conforme Silva; Brandt; Moretto (2017, p. 192), “o avanço da colonização resultou em um processo de ruptura do antigo modo de vida da população cabocla, com a inserção de novas atividades socioeconômicas externas, desestruturando antigas concepções de uso e acesso à floresta e recursos naturais.”

Assim, percebemos que a movimentação em função da colonização não se faz apenas com o colono que migra. Indiretamente, há outros personagens que fazem parte deste processo e que são significativos na formação regional de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC. Outro personagem é a natureza em si que passa a ser transformada pelo colono ítalo e teuto que chega com a migração. O migrante ítalo

Risso (2018) afirma em seu relato que: “Houve um desmatamento de mato muito grande na década de 1970 até 1980. Começou a entrar povo de origem, povo de origem seria italiano, alemão essas coisas, pensavam mais em colonizar, fazer acontecer as lavouras, as coisas”.

Esta transformação pode ser vista como intensa, pois destruiu quase por completo boa parte da floresta natural que existia na região. Compreendemos, assim, que a ruptura maior ocorreu de fato com a paisagem local, exposta às práticas desenfreadas de exploração e derrubada da mata. Para Carvalho (2010, p. 72), “é razoável a afirmativa de que a expansão da agropecuária é o que mais teve impacto na floresta [...]”. Ainda, o mesmo autor afirma que:

As atividades agrícolas dos colonizadores exigiam a eliminação completa da cobertura florestal de áreas amplas, sem que as florestas tivessem chance de se regenerar ao menos até um estágio secundário, como era o caso da coivara indígena.

A partir disso, retomamos o capítulo anterior, no qual mencionamos a existência das serrarias, que podem ser observadas nas fotografias 12, 13, 14, 15 e 16, e sua prática na região em estudo como atividade econômica. A atividade era propícia à época devido à abundância de madeira nas redondezas e nas terras compradas das colonizadoras, em Santa Catarina. Uma atividade pela qual todos os municípios em destaque possuíam pelo menos uma instalação de processamento de madeira, toras e tábuas usadas na região, e também a venda para outras localidades. Podemos fundamentar esta questão no depoimento de Risso (2018), ao manifestar o valor pago pelas serrarias: “o mato tinha muito pouco valor porque era só mato que tinha né, daí os caras das serrarias exploravam, eles pagavam uma micharia”. No entanto, isso não quer dizer que as serrarias não lucrassem, pois a venda da madeira representava alta lucratividade. A ação das serrarias também contribuiu para a destruição da floresta e modificação da paisagem em uma escala mais ampla e avançada. “A indústria madeireira também teve o seu papel na devastação das matas.” (CARVALHO, 2010, p. 165).

É possível salientar que a ampla relação do trabalho realizado pelos ítalo, teutos, indígenas e caboclos com a paisagem local, e suas interferências ao ambiente eram constantes. Foi neste contexto que o cotidiano destes sujeitos foi organizado, com base no que estava disponível na terra em que se firmaram.

Em decorrência desta relação, colonizador, ambiente, trabalho, cultura e transformações, os municípios citados e seus sujeitos se formaram: não eram apenas em função do trabalho, mas com atividades ligadas ao lazer e a religiosidade. Tais atividades estavam bem presentes neste meio e também interacionados com a vivência individual e coletiva. Por isso, apontaremos no próximo item a temática da religião dos migrantes, dando ênfase às suas influências e contribuições na religião dos residentes no Oeste Catarinense.

2.3 A religião na sociedade em formação

Na tentativa de uma melhor definição sobre as principais características e vivências da sociedade, que foi se constituindo em Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC com a colonização, e suas variadas interações, trataremos sobre a religiosidade presente no dia a dia dos moradores locais.

Nas comunidades, além do trabalho como atividade necessária e que ocupava um tempo relativamente extenso das pessoas, havia espaço para uma organização religiosa de forma individual e coletiva. A religião de ítalos e teutos que ocuparam a região estudada configurava-se predominantemente católica, com grande devoção por parte de seus adeptos. A partir do desenvolvimento das comunidades, estas passavam a ter um centro religioso, ou seja, uma igreja aberta aos domingos ou quando necessário para a realização das celebrações em comunidade.

A religião nas comunidades era expressa de forma ampla, muito presente na vida destes colonizadores, pois independente das atividades que precisavam fazer no dia a dia, a reza não era cancelada. Além disso, todos os integrantes da família tinham a obrigatoriedade de participar das horas de oração. Nesta esfera da sociedade, os moradores que residiam nas redondezas se organizavam e faziam as celebrações em conjunto. Independente da origem étnica, a religião reunia pessoas interessadas em celebrar.

Além da prática coletiva, a religião acontecia individualmente e em casa, por meio de orações feitas antes de alguma refeição ou da hora de dormir. Por exemplo, o homem da casa conduzia a reza e todos participaram. Ademais, era muito comum desde a infância iniciar os rituais religiosos e segui-los durante a fase adulta. As crianças eram batizadas e posteriormente seguiam todas as etapas da vida religiosa. Dava-se muita

importância aos segmentos religiosos, tanto quanto ao trabalho. Para Berger (1985, apud Radin, 2009, p. 260), “toda sociedade humana seria um empreendimento de construção do mundo, e a religião ocupa um lugar de destaque nessa construção.”

Como consequência da relação com a religião, os casamentos religiosos, como práticas do catolicismo, eram muito celebrados e recebiam grandes comemorações por todos os envolvidos. Era comum neste momento festivo o registro fotográfico, como podemos observar na fotografia 16.

Fotografia 16 – Casamento realizado em Jardinópolis, na década de 1970.



Fonte: acervo pessoal de Wolmyr Risso.

Na fotografia 17, percebemos uma celebração eucarística da Igreja católica, com um jovem descendente de colonizadores ítalos que pertencia à região de Jardinópolis, na década de 1970. A imagem mostra-nos uma questão fundamental na vida destes sujeitos: a religiosidade. Fazer parte de uma religião era tão relevante quanto pertencer a uma sociedade em formação.

Fotografia 17 – Celebração religiosa de eucaristia, na década de 1970.



Acervo pessoal: Judite Risso.

Da mesma forma que a fotografia 17 está demonstrando o casamento religioso, na fotografia 19 há outra prática religiosa de formação individual. Na fotografia, o sujeito se formava como ministro da comunidade, ou seja, a partir desta formação o sujeito estava apto a realizar celebrações religiosas, quando necessárias.

Interpretamos que os registros fotográficos demonstram a importância da fé e de registrar esses momentos. As “imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (BURKE, 2004, p.17).

Fotografia 18 - Formação de ministro religioso, em 1980.



Acervo pessoal: Jacir Valmorbida.

A partir das fotografias, inferimos que a religião motivava atitudes de vida dos colonizadores ítalos e teutos residentes em Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC. A cultura desses colonos que participaram do processo de colonização da localidade aos poucos vai sendo constituída, e de forma ampla faz relação mútua entre as demais etnias, aos seus costumes e hábitos e à religião.

Nessa perspectiva, consideramos também o padre como uma das lideranças locais. As comunidades possuíam seus ministros, como mostra a fotografia 18, para realizar as cerimônias quando o padre local estivesse ausente. Isto porque o padre era designado a atuar em várias comunidades da região. Mesmo assim, essa liderança exercia muita influência na vida em comunidade, de modo que quando o padre passava para fazer a celebração, todos se empenhavam em se organizar e participar do ato.

Nesta sociedade, muitas são as interferências que os sujeitos recebem e ao mesmo tempo provocam ao que está em seu entorno. Não podemos desconsiderar os segmentos que compõe uma organização social, sejam eles de maior ou menor influência. Quando abordamos uma história de pessoas devemos analisar não somente as individualidades, mas a materialidade que está em seu entorno e em suas interpelações. Não significa que estudaremos e descreveremos a totalidade de suas

vidas. O que queremos dizer é que não podemos separar e/ou ignorar o sujeito como ser que pode modificar ao mesmo tempo em que também é remodelado, dependendo do que se propõe a realizar e do ambiente em que se encontra.

Cabe mencionar neste momento outra questão que precisamos considerar para compreender, com mais clareza e expressividade, a importância atribuída às pessoas que participavam do processo de migração e de colonização de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC, entre as décadas de 1920 e 1980. As relações existentes entre os indivíduos e a ação de registrar determinados momentos fizeram com que muitos acontecimentos de suas vidas fossem eternizados e possíveis de compreender em sua essência a partir das fotografias. Conforme Onghero (2013, p.7), ao estudar o espaço rural do Oeste catarinense, nas fotografias:

[...] são mais comuns os retratos de casamentos, festividades e cerimônias religiosas do que os espaços de trabalho ou as paisagens naturais. Contudo, existem fotografias que exibem viçosas plantações, cenas de trabalho e animais criados ou caçados. O registro destas cenas pelos fotógrafos da época provavelmente relacionava-se ao orgulho dos colonizadores frente aos resultados de seus esforços e até mesmo uma forma de motivar outros conhecidos ou familiares a mudar-se para a região, em busca de melhores condições de vida.

Ao compararmos com o século XXI, constatamos que as imagens são comumente guardadas apenas em formato digital. No geral, as pessoas fazem fotografias de seu dia a dia, mas essas imagens possuem significado um pouco diferenciado do que era o propósito há algumas décadas. O ato de fotografar não era algo comum, rotineiro e fácil de conseguir na época da colonização. Consistia em registrar por meio da fotografia apenas os momentos importantes e que mereciam uma recordação para a pessoa que estava vivendo determinado momento. Pois, segundo o morador regional da época, Wolmyr José Risso:

Quando se fazia uma festa na comunidade ou um casamento, que era comum os casamentos daí se chamava o fotógrafo de fora né, daí ele vinha e se aproveitava, batia quem tinha, porque era cara né, era cara, caríssima e daí nem todo mundo fazia porque custava cara né. (RISSO, W.J. 2018).

Pouquíssimas eram as pessoas que possuíam câmeras fotográficas ou que registravam os momentos. Geralmente, era por ocasião de profissão da época ou por ser de uma família com condições econômicas elevadas. Tinha também o fotógrafo que

vinha de outro município com maior desenvolvimento às comunidades, por haver algum evento ou comemoração. Quem possuía interesse, aproveitava a presença do fotógrafo e registrava o que desejava. Pois, segundo afirma Novello (2018), residente desta região, “quase ninguém tinha máquina de bate foto e se viesse eles tinham que pagar o cara de Quilombo, lá na nossa região, lá tinha que pagar o cara de Quilombo pra vim daí”.

Muitas das fotografias existentes deste tempo em que as famílias estavam se estruturando no Oeste catarinense – microrregião de Chapecó – são bem variadas no sentido de que algumas delas possuem registros de diversas situações, e pessoas. Os sujeitos que possuíam menores condições financeiras apresentam poucas lembranças nesta situação de registros fotográficos. É o que se refere Risso (2018), em suas lembranças sobre os registros fotográficos: “era muito raro porque não tinha fotógrafo. Quando iam bate uma foto era a coisa mais rara, chamava a atenção porque era muito difícil, não tinha ninguém que fazia”.

Sabemos também que o valor atribuído para os momentos poderiam ser diferentes naquele tempo e repleto de particularidades. Isto é, às vezes o que um julgava importante registrar, outros já pensavam diferente e fotografavam diferentes situações. O que podemos compreender é que o registro não era realizado sem ter um significado ou um valor especial, tanto para o individual como para o coletivo. A colonizadora ítala, Filipi (2018), relata que o fotógrafo da região “passava assim nas casas, vinha nas casas para bater foto [...] daí quando tinha casamento essas coisas, onde que a gente casava que ia a Coronel Freitas, que outro lugar não tinha, daí lá mesmo batia as fotos”. Ainda recorda que somente em momentos importantes mereciam a fotografia pois, “era uma crise, não tinha dinheiro a vontade para poder pagar. Uma, duas, três no máximo”.

Convém destacar que o registro fotográfico não era uma prática comum entre a população cabocla como entre os colonizadores ítalos e teutos. Esses povos dificilmente, para não dizer em momento algum, apareciam nas imagens. Não por exclusão ou algum tipo de preconceito, mas por uma questão de costume cultural e também econômico. Assim, os seus hábitos, vivências, afazeres e movimentações são observados a partir de outras fontes e pesquisas que podem da mesma forma informar com serenidade e sem desmerecimento os seus valores.

Referindo-se a este assunto das fotografias, o que nos é relevante não diz respeito ao valor que as pessoas atribuíam a elas, mas a fonte de pesquisa e análise que

elas possuem, para ajudar a entender a organização social da região na sua maior dimensão, relacionando o ambiente, as relações sociais e as suas culturas. Dentre todas as fontes utilizadas, de acordo com Lima e Carvalho (2015, p. 37), “[...] o valor do flagrante está no fato de que só por meio da imagem seria possível obter informações que os textos de época não foram capazes de fornecer [...].”

Neste enfoque, a intenção requer que todos os aspectos de vida dos sujeitos da colonização de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC sejam concretizados e compreendidos em sua conjuntura de adaptações e modificações. As fotografias são úteis para a efetivação das informações com um olhar amplo e conectado às movimentações sociais que aconteciam para a formação futura dos municípios em estudo.

Nesse sentido, para conferir maior sentido e firmeza ao propósito de nossa pesquisa, o lazer será o enfoque da próxima discussão. Esta pesquisa sobre a região Oeste Catarinense, em suas mais variadas relações sociais e ambientais, juntamente com o processo de migração e colonização, e movimentação para se organizar um novo espaço de vida, entre as décadas de 1920 a 1980, o lazer foi parte integrante desses sujeitos ítalos, teutos e caboclos.

CAPÍTULO 3 – LAZER

3.1 O lazer na colônia: momentos de descontração

A partir do que já desenvolvemos em nossa pesquisa, percebemos a intensa relação dos indivíduos, os quais faziam parte do ambiente que estava se formando na região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC, com o lazer. Foram diversas as influências que definiram a estrutura das comunidades, sendo o lazer o foco a ser estudado neste capítulo.

Gomes (2003, p. 79) argumenta que “o lazer é, assim, uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto histórico e social no qual é desenvolvido”. Nesse sentido, é válido considerar que ítalos, teutos e caboclos da região em destaque possuíam sua cultura, com valores e práticas já desenvolvidas e

estruturadas que serviram de base para o que realizavam no seu dia a dia. O lazer esteve vinculado a estas ações, conforme os seus costumes e tradições herdados de uma geração para outra.

Em meio a inúmeras atividades desenvolvidas sempre havia um espaço para a ocorrência de diversões e formas de descontração. O lazer poderia acontecer a qualquer instante, sem planejamento, com os recursos que tinham no momento, partindo de desafios e aspectos naturais. Era nas atividades do cotidiano que a maior parte do divertimento acontecia e “era mais divertido que agora”, no relato de Silva (2018), morador de Linha Barrinhas/Jardinópolis.

Nessa perspectiva, o ambiente no qual estavam inseridos determinou muitas das características dos migrantes. A paisagem que foi modificada pela ação do colonizador para garantir o seu sustento, também definiu muitas condutas e estilos de vida. Assim, a história ambiental contribuiu para compreender as sociedades, e nesta pesquisa também o lazer.

A paisagem onde cada família estava inserida proporcionou formas específicas de práticas do lazer. Cada aspecto natural, como um rio, uma cachoeira, um morro mais elevado, árvores altas, terrenos mais planos, áreas de mata mais abrangentes, vinculava-se às diversões dos indivíduos. Tais aspectos eram transformados em lugares e possibilidades de distração no tempo livre das atividades do trabalho das famílias. “Caçar de bodoque, correr de carrinho, amansar terneiro, pescar, nadar no rio [...] quantas vezes escapava pra ir nadar no rio” são exemplos de divertimento relatados por Risso (2018).

Ainda, é possível definir que as práticas do lazer existentes na localidade de colonização eram ligadas a cultura impregnada nas famílias. O que as pessoas realizavam como hábitos ou costumes consequentemente definiram as formas de lazer. A diversão estava diretamente relacionada aos seus valores culturais e atitudes que herdaram de seus antecedentes. Sendo assim, o lazer que prevalecia entre 1920 e 1990, na microrregião de Chapecó, sofria interferência do ambiente e da cultura, entre outros aspectos.

Além disso, compreendemos o lazer como uma ação/situação construída pelas pessoas. Dependendo das circunstâncias e dos fatores que o influencia, o lazer pode ser diferente e modificar-se. Como relata Novello (2018), “mudou bastante o sistema das

brincadeiras que eu fazia”. O lazer enquanto parte dos indivíduos pode ser alterado a cada nova direção ou aspectos sociais de uma sociedade.

De acordo com Mascarenhas (2005, p.18), “o lazer não é um fenômeno acabado, mas em permanente transformação.” O lazer como uma atitude que acontece de forma desejável ou não, individual ou coletiva, detém a possibilidade de adequações, sendo que constantemente é apresentado como algo que une as pessoas para um entretenimento. A cada novo meio de divertimento, os colonos e caboclos em sua vida cotidiana de migrações, formação das comunidades e miscigenação cultural atribuem sentido maior e específico aos momentos de lazer.

Salientamos que as relações sociais foram ganhando força de expressão e interagindo umas com as outras gradativamente. As culturas com suas características específicas foram em meio às necessidades de adaptações levadas a reestruturações. Desta forma, nos espaços em que as culturas étnicas se dispõem a rever seus hábitos, sem negá-los ou esquece-los, o lazer passa a ser praticado na sua diversidade e pluralidade como parte das atividades cotidianas que recebem a influência destas culturas.

Nodari (2009, p. 140), sobre a prática do lazer no período da colonização e entre as diferenças culturais, afirma que:

[...] no oeste de Santa Catarina essa prática do lazer foi mantida durante o período mais intenso da nacionalização. A nossa hipótese é que a prática se manteve por causa da sua interação, deixando de ser uma identificação exclusiva da etnicidade teuta [...].

Analisando todos os conceitos sobre lazer relacionados, compreendemos o sentido do lazer para as famílias e comunidades da região que compõe atualmente os municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC. Entendemos as características do lazer enquanto forma de divertimento em meio às preocupações e incertezas do lugar onde escolheram permanecer. O divertimento daquela época pode ser considerado “melhor do que agora, ninguém se preocupava em querer ter capital essas coisas, era pra comer, pra vestir e pra se divertir, que nem assim”, segundo relata Novello (2018).

Percebemos que além do divertimento espontâneo, muitas vezes sem hora determinada para acontecer, passou a existir também a religião, mas com maior

organização das comunidades. Essas comunidades formaram-se para que no coletivo as pessoas pudessem expressar e dedicar a sua devoção a religião que possuíam. As comunidades eram formadas de misturas étnicas e se divertiam quando se reuniam no tempo livre dos finais de semana.

Uma das práticas de lazer religioso, muito comum nessas comunidades, era a festa de casamento que reunia a comunidade toda para festejar em torno do casal. O casamento era constituído de cerimônia religiosa, seguido de banquete e muita música, proporcionando aos convidados momentos de dança, festejo, conversas e socialização com as demais pessoas da comunidade. Podemos observar a realização de um casamento na fotografia 19:

Fotografia 19 – Casamento em Irati SC, na década de 1970 ¹⁹.



Acervo pessoal: Irene Forti.

O jogo de futebol também era outra prática de lazer que reunia as famílias e os amigos, entre times de comunidades diferentes. Com uma organização dos próprios colonos, este divertimento era fortemente presente e exigia muita dedicação dos integrantes dos times. Era necessário comprometimento dos jogadores em participar das competições, bem como das famílias que acompanhavam o esportista nesta forma de lazer.

¹⁹ Na época pertencente a Quilombo/ SC.

Cabe mencionar que os jogos de futebol nesta época eram muitas vezes uma forma de competição. Os times deslocavam-se para outras comunidades para disputar a partida de futebol, acompanhados de suas torcidas e famílias (fotografia 20), que também se dedicavam e divertiam-se ao acompanhar o esporte. Esses campeonatos, no relato de Silva (2018), aconteciam em toda a região, pois os times se deslocavam para “Sul Brasil, Modelo, nos ia no Samambaia [...] dai nois ia na Linha Uru”. Segundo Catalan; Carbonera; Onghero; Renk (2017, p. 523), “A plateia era constituída por jovens, homens e mulheres que faziam a torcida. Os times visitantes também traziam torcidas”.

As disputas esportivas recebiam prêmios como troféus e medalhas que ficavam expostas na comunidade que o time representava, como orgulho e exibição em ser o melhor time de determinado campeonato ou região. A vitória representava, para o próximo ano de competição, um favoritismo em ter sido consagrado campeão no ano anterior, sendo respeitado e admirado pelos outros times e torcidas. Existia uma rivalidade sadia e divertida nas competições seguintes, pois os demais times ficavam na expectativa e tentativa de conseguir a vitória.

Fotografia 20 – Torcida para o jogo de futebol, em 1987, na cidade de Sul Brasil.²⁰



Acervo pessoal: família Valmorbida.

²⁰ Familiares e amigos na torcida pelo time de futebol aos fundos da fotografia, na época pertencente a Modelo /SC.

As comunidades se formavam com misturas étnicas notáveis, o que não impedia a presença de pessoas distintas na prática deste lazer. Sendo assim, os times eram compostos por homens colonos ítalos, teutos e caboclos. O futebol era a diversão de maior entusiasmo pelos participantes das quatro linhas. Mesmo sendo jogadores amadores, muitos deles possuíam uma carteirinha que comprovava o pertencimento a determinado time de futebol, como podemos observar nas imagens 06 e 07:

Figura 06- Carteirinha de identificação de pertencimento a um time de futebol - Comunidade pertencente ao município de Sul Brasil.



Acervo pessoal: Claudiomir Valmorbidia.

Figura 07- Carteirinha de identificação de pertencimento a um time de futebol. O jogador era residente da comunidade de Linha Barrinhas, no município de Jardinópolis, mas era jogador do município de Modelo.



Acervo pessoal: Carlos da Silva.

A diversão dos jogos de futebol acontecia também para aqueles que acompanhavam e faziam incríveis torcidas e festejos. A colonizadora Filipi (2018) relata que o deslocamento para assistir aos jogos acontecia inclusive “de cavalo, a pé. Tinha torcida, saía briga também muitas vezes”, e demonstrava-se muito interesse a este lazer.

A expectativa por um jogo ou competição, muito frequente nas comunidades e entre elas, permanecia nos ares antes e depois das partidas. A colonização implantada na região trouxe várias consequências no âmbito cultural. Outros costumes e socializações foram incorporados a esta diversão coletiva. Como podemos observar na fotografia 21, e segundo Catalan *at. al.*, (2017, p. 523), “esses times estavam longe de terem uma profissionalização, mas traziam a identidade de suas comunidades.”

Fotografia 21 – Time de Futebol de 1975, constituído por colonizadores do Oeste Catarinense.



Linha Tarumanzinho, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas. Acervo pessoal: Luiz Novelo.

As pessoas que constituíam a sociedade local possuíam uma organização especial, com diversas tarefas ligadas ao time de futebol. Os envolvidos tinham o fardamento e a identificação de clube esportivo de uma determinada região. Também havia a presença de juizes e treinadores para o comando do time e dos jogos. Quanto ao campo de futebol, este era essencial para a prática esportiva sendo um espaço não muito estruturado para este fim, geralmente “num potreiro [...] não tinha máquina pra fazer, aproveitava o espaço que dava”. A bandeira e a bola presentes no local enfatizavam a prática do futebol pelas pessoas.

Conforme Wolmyr José RISSO, referente ao lazer do futebol nas comunidades e ao campo de jogo, havia:

Três coisas que se preocupa muito com as comunidade quando foram formada [...] era a igreja, o cemitério e o campo, se não tivesse campo não era comunidade, tinha que ter o campo, aí alguém doava o terreno.[...] O primeiro campo foi feito a muque, arrancado as árvore, os toco, feito o campo e nunca me esqueço quando foi no ano setenta e dois a gente conseguiu uma rede da traz da trave, foi a maior alegria do mundo [...](RISSO, W.J.,2018).

A identificação era muito importante dentro de um clube de futebol, pois apesar de toda a diversão envolvida, existia também a rivalidade entre os times. O uniforme era

essencial para distinguir e marcar a identidade dos grupos esportivos. A fotografia 22 demonstra uma equipe: jogadores (de linha e de gol), treinador ou técnico, juizes, uniformes, bola, e destaque também para as meias todas iguais, enfatizando ainda mais o sentimento de pertencimento a um determinado time.

Fotografia 22 - Time de Futebol em meados de 1965, constituído de colonizadores do Oeste Catarinense.²¹



Acervo pessoal: João Tessaro.²²

A comunidade ou os locais de jogos poderiam ser rodeados de vegetação, sem muitas moradias próximas, mas o espaço para o jogo de futebol era sempre reservado e bem cuidado. O gosto pelo esporte era incentivado e presente na vida das crianças, geralmente filhos ou com algum parentesco próximo dos jogadores.

Na fotografia 24 há mais um exemplo da constante presença de jogadores de futebol, com seu time representando uma região ou um clube. As regiões são diferentes, mas a intenção de pertencer a essa conjuntura do esporte era frequente em todos os lugares. Cada localidade formava o seu grupo e passava a compor uma das diversões na época de início de colonização da microrregião de Chapecó. Risso (2018), em seu relato, afirma que “a gente fazia intercâmbio, jogava com o pessoal de Coronel Freitas,

²¹ Linha Santo Antonio do Meio, União do Oeste. Na época pertencente ao Município de Coronel Freitas.

²² Residente e colonizador da região oeste de Santa Catarina: Linha Santo Antonio do meio, União do Oeste. Na época, as linhas eram pertencentes ao Município de Coronel Freitas.

Jardinópolis, União do Oeste ou lá em Modelo, Serra Alta, depois eles vinham devolver.”

Fotografia 23 - Time de Futebol no final da década de 1960, constituído por colonizadores do Oeste Catarinense.²³



Acervo pessoal: Irene Forti.²⁴

Da mesma forma que os outros times de futebol, esta equipe também se organizava com uniformes, bola no centro do time, e todos dentro do campo ainda sem grama, mas não sem jogador. É possível perceber a presença de algumas pessoas presentes no ato da fotografia, que certamente estavam prestigiando o jogo que acontecera ou iria acontecer no local.

A postura dos jogadores é composta sempre na mesma organização, e há aquele que apoia a mão no objeto que possibilita felicidade e divertimento: a bola. Conseguimos diferenciar o jogador de linha e o goleiro do time pelo uniforme que vestem. A presença de um sujeito não uniformizado representa o responsável por coordenar a equipe que joga.

Nesta forma de divertimento, a torcida e o time de futebol se organizavam para o deslocamento até outras comunidades, de forma que a maioria pudesse estar presente no

²³ Município de Irati. Na época pertencente à Quilombo.

²⁴ Residente e colonizador da região oeste de Santa Catarina, em Irati. Na época, o local pertencia ao Município de Quilombo.

momento do jogo. Silva (2018), morador e jogador de Jardinópolis, relata que a maioria das pessoas se deslocavam de “caminhão só de soalho e nois ia em cima, não sei como ninguém caia aquela época”. Já Terezinha M. Novello apresenta-nos outro meio de locomoção:

No começo era o trator e o carretão depois, [...] não tinha alguém com caminhão que nem tinha ali pra baixo, ninguém tinha caminhão. Juntava o time e as gurias que iam pra fazer torcida e só. E o pai que nem, que ia levar com o trator. (NOVELLO,T.M.,2018).

De acordo com Lima e Carvalho (2012, p. 43), “a imagem constitui um discurso”, e esse discurso representa a vida dos colonizadores do oeste de Santa Catarina, para além do trabalho e da fixação nas terras enquanto povoamento e desenvolvimento do local. As imagens revelam situações que ultrapassam nossa imaginação, favorecendo uma visão mais ampla do que se constituía o lazer.

Destacamos que muitas foram as formas de divertimento e lazer, nem tudo era somente sofrimento ou alegrias. Mas “quando pensamos no que recebemos de nossos antepassados, lembramo-nos não apenas dos bens materiais, mais também da infinidade de ensinamentos e lições de vida que eles nos deixaram” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.8).

Nesse sentido, a cultura, as vivências e as formas de vida dos sujeitos que integravam a sociedade local em processo de colonização e descendência familiar, fizeram com que cada sujeito se organizasse econômica e culturalmente da sua maneira. As pessoas procuravam, dentro das diferenças existentes, um convívio harmônico e de paz com os seus companheiros de estrada da vida colonizadora.

Nesta conjuntura, o colonizador Wolmyr José Risso relata um lazer que marcou muito sua memória:

Se fazia muita arte [...]. a gente se juntava dez, doze rapaz e moças e se fazia quatro quilômetro, cinco ir na casa de alguém pra fazer serão e la se ficava até meia noite, se comia amendoim, se chupava laranja, se contava história mas no caminho que tu ía, isso era comum, se tu achasse um arrado tu escondia, achasse uma carroça tombava de perna pra cima [...] e todo mundo levava na maior brincadeira, os cara já se precaviam, sabiam que isso acontecia. Era uma travessura que e fazia com frequência, com frequência. Chegava numa casa e escondia a panela da polenta [...] o machado também, era travessura que se fazia. Era uma coisa que marcava muito. (RISSO, 2018).

Risso (2018) continua recordando que:

Se desse uma seca, uma seca, eles tinham o costume de roubar a panela da polenta porque a panela da polenta se botava sempre no tanque de molho ou roubava o machado pra, diz que provocava chuva, daí quando chovia devolvia né, ma era só uma mania de fazer. Isso se fazia muito e era divertido que ta louco, era engraçado, ninguém levava por mal. (RISSO, 2018).

Assim, destacamos outras formas de lazer praticadas pelos moradores da região oeste do Estado, nos municípios já descritos. Na fotografia 24, analisamos uma roda de conversa, na qual está presente na expressão dos sujeitos da imagem uma alegria ou afeição feliz. Independentemente da temática da conversa, percebemos características de um momento de lazer, pois os envolvidos na conversa não possuíam ferramentas de trabalho e ainda estavam apreciando uma bebida que na época era destinada aos finais de semana.

Nesta vivência em comunidades e lazer em grupos, concordamos com Burke (2004, p. 18) ao afirmar que as “Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras e seu testemunho”. Por isso, é necessário conhecer e compreender todo o contexto da época para interpretar as imagens.

Fotografia 24 – Descendentes de colonizadores e sua forma de diversão-, em 1981.²⁵



Fonte: Acervo do autor.

Burke (2004, p. 99) continua afirmando que as “imagens são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, suas formas de

²⁵ Comunidade de Linha Uru – Sul Brasil. Na época, a comunidade pertencia ao município de Modelo.

habitação, por exemplo, algumas vezes construídas com materiais que eram destinados a durar”. Mas nem todos os materiais, bem como hábitos e costumes permanecem na sociedade como se constituíam em sua origem. Um exemplo disso é a prática do jogo de cartas, um lazer evidenciado na fotografia 25, o qual explora a vivência em comunidade. “Os homens se divertiam caçando e jogando cartas. Essas eram atividades exclusivamente masculinas” (WINCKLER; RENK, 2017, p.473).

A realização dos jogos de carta, como uma forma de diversão, acontecia nos espaços comunitários, salões de festa da época, bodegas ou pavilhões como eram chamados os espaços de encontro de pessoas para rezar e posteriormente para socializar-se. As fotografias constantemente mostravam um momento de diversão, nos finais de semana ou em alguma ocasião especial. É possível essa afirmação ao analisarmos as roupas que os integrantes das fotografias 24 e 25 estão usando. Tais roupas eram vestidas para uma ocasião que remete às características de festividade. As pessoas vestiam-se com as melhores roupas para o momento de ir à igreja ou às festas, confirmando que “o valor de imagens como evidência para a história do vestuário é inquestionável” (BURKE, 2004, p. 99).

Fotografia 25 – Descendentes de colonizadores e sua forma de diversão, em 1981.²⁶



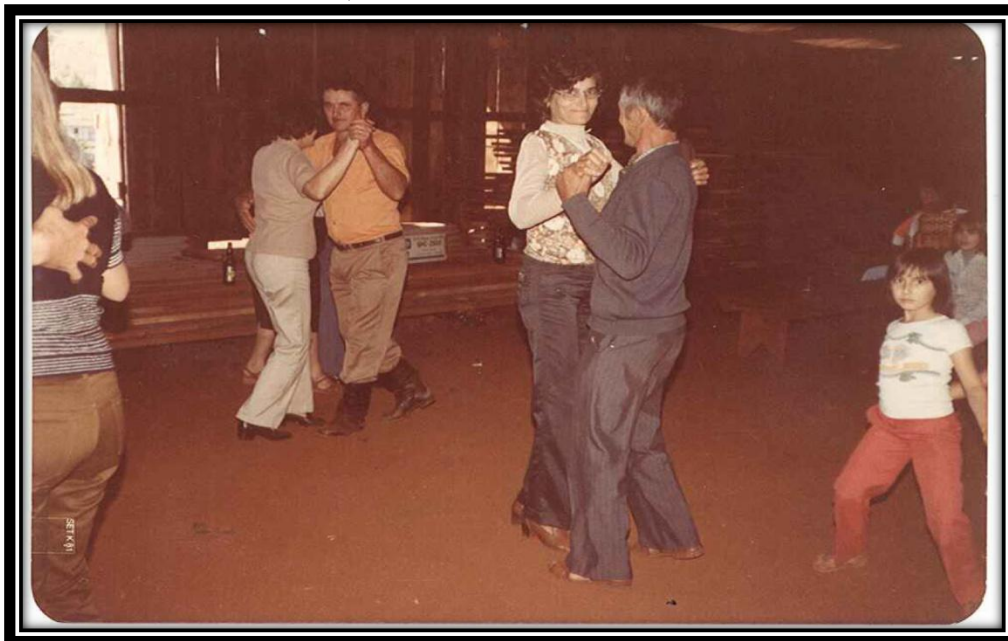
Fonte: Acervo do autor.

²⁶ Comunidade de Linha Uru – Sul Brasil. Na época, a linha era pertencente ao município de Modelo.

Destacamos que o lazer da fotografia 25 era praticado frequentemente por homens, que além de se divertirem com um o jogo de baralho e conversas animadas, sentimento percebido pela expressão alegre dos indivíduos, fumavam um cigarro artesanal da época. Esses eram hábitos e costumes que foram repassados de uma geração para outra, e que eram praticados por seus descendentes como uma forma de lazer em comunidade ou em grupos. A fotografia permitiu-nos analisar esses hábitos e costumes que, segundo Burke (2004, p. 101), “uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo [...]”.

Nesta conjuntura de migração, colonização, lazer e imagens, conseguimos ainda observar nas fotografias outra forma de lazer em grupo. O lazer reunia todos os gêneros e famílias para um divertimento que acontecia nas comunidades recém-formadas neste processo. As fotografias 26 e 27 remetem a este lazer definido por nós como festa de comunidade, comumente composta por almoço, música e dança pela parte da tarde.

Fotografia 26 – Festa em comunidade, na cidade de União do Oeste (época, distrito de São Luiz – Coronel Freitas), em 1980.



Acervo pessoal: Carmen Maté.

Fotografia 27 – Festa na comunidade de Alto Tarumanzinho, em União do Oeste, no ano de 1980.



Acervo pessoal: Luiz Novelo.

A simplicidade dos locais de festa, a mescla das etnias, as crianças e as bebidas faziam parte do divertimento em comunidade. Segundo Risso (2018), “na época a bebida que predominava era a cachaça”. Os casais faziam pares e a alegria era vivenciada ao longo desta prática que passava a ser cada vez mais intensa e ao mesmo tempo espontânea, pois era no ato da festa, da conversa e desses encontros sociais que a diversão acontecia. Referente às festas que aconteciam, Carlos Da Silva relata um costume que realizavam como forma de diversão:

Todo fim de semana nois também fazia um brodo e dançava de violão. Nois... o cara tocava violão e daí fazia o brodo, nois ia dança. Que nem aqui, a casa não tinha sofá, na época não se tinha sofá e tudo de pé no chão pra não risca o soalho, tudo tirava o chinelo, sapato. Festa até na hora do brodo depois tomava o brodo e dançava mais um pedaço. Onze hora, onze e meio no máximo meia noite nois ia embora. Não tinha, era frio, calor nois ia igual (SILVA, 2018).

Em relação às bebidas nas festas, conforme observado na fotografia 28, além de remeter sentidos ao divertimento, enfatizamos que eram destinadas particularmente aos

homens. Porém, nesta ocasião da fotografia, as mulheres estão com a garrafa de bebida em suas mãos demonstrando igualdade perante aos homens quanto ao consumo de bebidas de álcool. Há uma mudança de hábitos e costumes.

Acrescentamos ainda, no meio de toda esta questão referente ao lazer durante o período de colonização e organização das comunidades, a presença dos caboclos nesta localidade e suas contribuições para com a vida diária desse ambiente. Sobre a presença cabocla, Novello (2018) afirma que “era mais, que nem nego, do que italiano naquela época, por que tinha bastante era povoado. Aqui em volta era puro brasileiro, italiano mesmo tinha pouco.” O brasileiro mencionado na fala da colonizadora refere-se ao caboclo, maneira que os colonizadores intitulavam esses indivíduos que viviam na região.

Os caboclos que residiam nestas terras foram lentamente sendo afastados do processo de colonização ítala e teuta. “Com a chegada da colonização, eles passaram a ser denominados de intrusos” (WERLANG, 2006, p. 78). No depoimento de Silva (2018), ao mencionar sobre a sua infância, na região pertencente ao município de Jardinópolis, recorda que “tinha uma maria mola, grande assim e dai tinha um buraco, ele morava lá dentro, um maneco, chamava ele de maneco, um caboclo. Ma ficou anos, ele fazia roça pro pai lá daí.”

Os caboclos que ficaram, ou que insistiram em permanecer onde estavam, passaram a dividir o espaço com os colonos, sem deixar que suas formas de vida fossem extintas por compor organizações diferenciadas dos ítalos e teutos. Essa decisão fez com que aos poucos ítalos, teutos e caboclos estabelecessem relações sociais de aceitação e convivência, principalmente entre as crianças.

Na região de Santo Antônio do Meio, na década de 1970, hoje pertencente ao município de União do Oeste, a moradora ítala do local, Filipi (2018), relata sobre a presença dos caboclos: “Quando que eu morava ali com o pai tinha, acho que dava quase metade por metade. Mais caboclo é, tinha bastante.” Afirma que em sua convivência não havia distinção entre as etnias:

No nosso lugar eles não se distanciavam, eles se misturavam com a gente. Não, eles eram que nem a gente, tanto que se chegasse um italiano, chegasse um caboclo, eu me criei no meio dos caboclos, pra mim eram tudo igual [...] a gente não fazia discriminação. (FILUPI,2018).

Quando criança, Carlos Da Silva reitera que na região de Sul Brasil e Jardinópolis:

Tinha um peão e dai ele roçava mato, derrubava mato e dai no domingo ele ia pra casa, acho morava na Linha Flor, na Linha Nova sei la, no Tatu e nois ia lá e dai o acampamento fica aberto, ate que nois tinha chumbo e pólvora nois dava tiro nos pau, quando terminava o... as espuleta dai fazia um buraquinho na madeira e botava pra ver o estouro [...] chegava no domingo de noite, na segunda de manha não tinha mais nada [...] so não fazia arte, arte não fazia, mas da tiro só [...]. (SILVA,2018).

Outro exemplo disso é a presença dos caboclos em jogos de futebol. Raramente eles aparecem nas fotografias, mas era muito comum os integrantes do time de futebol irem buscar determinado sujeito caboclo que tinha habilidades maiores com o futebol, para compor o time ou jogar algum jogo importante. Nesse sentido, Risso (2018) destaca em seu depoimento que os caboclos, em sua maioria, “eram bom de bola, esses eram bom de bola, eram ligeiro pra caralho, eram bom de bola que ta louco [...] de verdade olha, eles como goleiro ou como, eles tinham um físico assim enorme, [...] jogavam muito bem, bem melhor que gente de origem.”

Quando mencionamos que colonos ítalos e teutos se deslocavam para buscar um caboclo para algum jogo, percebemos que suas relações não eram de distanciamento, havia uma mescla das culturas na região. Risso (2018) destaca que “tinha alemão, tinha italiano e bastante caboclo, grande parte de caboclo.” Nesta sociedade, o entendimento acontecia e a situação unia as diferenças em um objetivo: o lazer.

O caboclo também participava em outras formas de lazer, mas em menor quantidade. A sua presença muitas vezes se restringia às formas de lazer pelo fato de seus hábitos e costumes não condizerem aos de ítalos e teutos, os quais em quantidade maior de pessoas se reuniam para jogar cartas.

Há também de ponderar que pela situação de o caboclo ser um sujeito com rotulações não muito amigáveis, “eram definidos como despreziosos, sem preocupação com o futuro, violentos, intrusos, pobres [...]” (RADIN; VICENZI, 2017, p. 70). Tais características produziram distanciamento entre os caboclos e os colonos que se instalaram na região, Os colonos possuíam formas de vida bem diferentes quando comparadas aos caboclos. O isolamento das culturas no lazer e em outras circunstâncias aconteceu de ambas as partes, por medo, por insegurança ou hesitação, decorrentes de um longo processo de pré-conceitos.

Nesse sentido, compreendemos que houve a convivência entre caboclos e colonos, mas também houve um afastamento gerado pelas diferenças entre as formas de vida desses dois povos. O colonizador italiano menciona em seu depoimento:

Quando começou entra essas pessoas de origem eles, não fechou o sistema de viver. A gente assim, a convivência era boa mas o sistema [...] eles nunca se preocuparam em documentar as terras, eles eram como posseiros e daí quando eles viram que as pessoas entraram dentro, compravam a terra, documentavam, eles iam pra frente, mato a dentro, pra frente, pra outro lugar que não [...] toma posse de um novo pedaço de terra. [...] na parte recreativa a gente era muito amigo, brincava, nadava, fazia o bixo.(RISSO,2018).

Nesta sociedade que se formava ao ritmo da colonização, devemos perceber que, além do caboclo que pouco aparecia nas fotografias e nas horas de lazer juntamente com os colonos, há também as mulheres, ou a figura feminina nestas comunidades. O lazer feminino diferenciava-se do lazer dos homens. Ao observar as fotografias 21, 22, 23, 24 e 25, temos a presença da mulher de forma restrita, representando que as atividades de entretenimento eram apenas para o público masculino.

Desde a infância existia uma divisão na vida de homens e mulheres. Assim como o trabalho e as responsabilidades por tarefas, o lazer era diferenciado entre os gêneros masculino e feminino. Geralmente, as mulheres acompanhavam os homens em suas práticas de lazer, mas não realizavam tais práticas da mesma maneira, apenas participavam como espectadoras ou apreciadoras do que estava acontecendo. Esse fato pode ser observado pela fotografia 20, na qual as mulheres compunham a torcida dos times de futebol.

Em uma época constituída pela diferença entre gênero, acompanhar os maridos, namorados ou pais em suas atividades era algo costumeiro, e também se tornava a forma de lazer encontrada pela maioria das mulheres, pois assim conseguiam sair de suas casas, conhecer e conversar com outras pessoas, passear a lugares diferentes e possuir um lazer. Conforme Novello (2018), na época da colonização e organização da região, “a minha diversão era muito pouca, era só trabalhar em casa, algum pouco nos domingos de tarde jogar vôlei, mas muito pouco”.

Quando esse acompanhamento a eventos não acontecia, o lazer das mulheres era associado a algo mais calmo, sem agitação e empolgação. O lazer passava a ser os encontros com vizinhas/amigas para conversas e troca de experiências com cuidados da casa, da horta e dos filhos. As mulheres jovens tinham lazer apenas quando os pais

saíam de casa ou tinham algum compromisso para que o convívio com outras jovens fosse possível. Risso (2018) relata que “as mulheres acompanhavam o marido na roça além de ter um filho, dois por ano, ou no máximo a cada dois anos, era comum a mulher com um filho enviado no lado e outro na barriga ir na roça o dia inteiro”, aumentando ainda mais a responsabilidade atribuída a elas.

Entendemos que esta separação do lazer entre homens e mulheres, na colonização dos atuais municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC está vinculada aos costumes herdados de suas famílias. Com o passar do tempo, muitos hábitos foram mantidos e aos poucos modificados. A cultura de cada etnia prevalecia entre as famílias e assim foi exercida por várias gerações, como a diferença entre o lazer de homens e mulheres.

Podemos destacar que além do fator cultural, o lazer das mulheres era restrito, visto que exerciam diversas funções, tendo pouco tempo para pensar em entretenimento. Além disso, não havia opção do que fazer ou escolher para se divertir, tudo o que acontecia era resultado da própria criação e disponibilidade.

O lazer acontecia próximo à vida que levavam, algo simples ou sem sentido, praticado com os vizinhos e amigos. Reuniam não somente os que de fato executavam a prática do lazer, mas também, quem quisesse participar somente como expectador ou apreciador do momento. Mascarenhas (2005, p.29) conceitua que:

[...] as manifestações de lazer e divertimento, bem como o arranjo espacial decorrente dessas práticas, permitem a formação de redes de sociabilidade que orientam a produção de determinadas territorialidades [...].

Em suma, o que permanece é a essência da vida que aos poucos foi sendo repassada às gerações futuras, e suas especificidades de certa forma acompanharam os descendentes destes migrantes e colonizadores. O lazer, como objeto deste estudo, também ocupou espaço nas vivências sociais e individuais de crianças. Os pequenos, de uma forma ou de outra, divertiam-se nos espaços em que estavam inseridos, sendo o lazer das crianças o assunto do próximo item.

3.2 O lazer das crianças

No estudo do lazer na região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati /SC, na época da colonização (1920-1980), em suas especificidades, alteridades e influências externas apresentadas nesta pesquisa, podemos ainda destacar o lazer das crianças como possível de compreensão, em meio a este processo de migração, colonização e transformação da região. Assim como os adultos e os grupos familiares ou de amigos possuíam o seu lazer, as crianças da região também destinavam seu tempo para alguma diversão e prática de entretenimento. Não diferente dos demais, esses divertimentos também eram associados ao trabalho que necessitavam realizar, a paisagem em que estavam inseridos e a cultura que pertenciam. Aproveitando de um aspecto natural de um rio próximo, Silva (2018) relata que “quando enchia bastante daí a gente ia reunia umas madeira e fazia balsa.”

É importante considerar que muitas atividades desenvolvidas pelas crianças, nas diferentes conjunturas, aconteciam espontaneamente e com o tempo foram sendo modificadas e/ou adaptadas às suas rotinas e interesses. De acordo com Ferreira (2010, p. 37), “[...] as atividades de lazer transformaram-se ao longo da história; a diversidade aumentou e as suas funções foram sendo modificadas.” Ou seja, as crianças possuíam uma base nos costumes de seus antecedentes, mas conforme a situação em que se encontravam, necessitavam mudar a maneira da diversão.

O lazer, portanto, acontecia a qualquer momento, juntamente com as atividades diárias. As crianças, na sua inocência e vivendo muitas vezes de forma adulta por realizarem diversos trabalhos, aproveitavam as oportunidades para em pequenos instantes fazerem alguma brincadeira ou praticar determinada forma de lazer. Em meio a isso, pensamos no relato de Wolmyr José Risso que com um sentimento de não tristeza, recorda a real vivência de muitas crianças:

Na verdade, eu acho que eles eram privado de muita coisa, por exemplo, pra passear se o pai dizia não, não ia, ficava, alguém tinha que ficar pra tomar conta da casa, alguém tinha que ficar. Não era assim sabe, uma liberdade total e acho que o serviço também é, uma coisa que privou muito as crianças de estudar né, foi tirado a vez de estuda de muitas crianças para ajudar a trabalhar na roça [...] entre oito a dez anos já começavam [...]os mais velhos eram mais penalizados porque além de trabalhar tinha que cuidar dos pequenos. (RISSO, W.J.,2018).

Observamos essas atitudes também pela fotografia 07 (na página 50), na qual o trabalho era acompanhado de diversão. Segundo Burke (2004, p. 129), “o uso de imagens de crianças por historiadores tem objetivado acima de tudo documentar a história da infância [...]”. Por isso, na fotografia 07, a criança ao conduzir a carroça puxada por animais estava ao mesmo tempo em um momento de diversão e de responsabilidade. Para os jovens, poder ter uma dupla de bois a seu comando e encargo era uma diversão, pois conseguiam cuidar e organizar os animais como quisessem, sem ter que receber ordens dos mais velhos.

Ainda, ao analisar as fotografias 21, 23 e 25, compreendemos que as crianças faziam parte do convívio social dos adultos e encontravam nesta relação formas de entretenimento. As ações eram diferentes, pois as crianças não jogavam futebol ou baralho com os adultos, não sendo permitida pelos mais velhos a presença de jovens nesses jogos por uma questão cultural. Mas as crianças aproveitavam dessas oportunidades para estarem próximas e de alguma forma divertirem-se.

Pensando ainda em como e o que as crianças faziam para ter momentos de lazer, neste espaço em transformações e descobertas, sem acesso a brinquedos e a jogos industrializados, mas repleto de criatividade por parte destes indivíduos, passamos a ampliar a nossa compreensão quando observamos com mais atenção às paisagens existentes e também as que foram modificadas. A residente de Irati/SC, Teresinha M. Novello, testemunha que em sua infância:

Era criativo nossos brinquedos nois não tinha, nossas boneca nois se fazia de pano ou de espiga de milho na época de milho por que não tinha. A bola a gente enchia uma meia veia tudo furada enchia daquela barba do milho e depois enrolava ela bem, amarava e jogava bola com aquela, não tinha. (NOVELLO, T.M.,2018).

Por constituir-se de uma área com a prevalência da natureza em suas características próprias, como rios, cachoeiras, mata nativa, fauna e flora em abundância, o lazer acontecia vinculado a esses aspectos naturais. Muitas diversões eram realizadas por existir rios para nadar e pescar, cachoeiras para se banhar, pular e brincar, floresta para caçar, árvores para subir/escalar, enfim, fazer do ambiente a alternativa para uma vida alegre e divertida. Em Jardimópolis, Silva (2018), morador do local, relata que aproveitando dos aspectos naturais “fazia carrinho de correr morro, se balanceia no meio dos mato com cipó isso aí, meu deus do céu. Nós fazia oripuca pra i acha, cata passarinho.”

É importante salientar que a vida de criança nos tempos de colonização da região não significava apenas diversão, havia muitas tarefas relacionadas ao trabalho adulto que as crianças realizavam. Por mais que eles encontravam alguma maneira de durante as obrigações se divertirem ou de viver uma vida correspondente a sua idade, ainda assim, segundo Winckler; Renk (2017, p.463), “para muitas, nunca houve um mundo infantil à parte”.

Nessa perspectiva, na região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati /SC, na época da colonização (1920-1980), as crianças ajudavam os mais velhos nas tarefas da agricultura. Segundo o relato de uma antiga moradora da região em pesquisa, Novello (2018) afirma: “Aqui nos fazia de tudo, na roça: plantar, ajudar a capinar, colher o que tinha nos ia fazer; tirar leite, um pouco de tudo.” Ainda, Carlos Da Silva enfatiza que na Linha Barrinhas/Jardinópolis também participavam dos trabalhos na roça:

Ah nos ajudava, sempre trabalhemo com uma enxadinha pequena nos ia carpi, nos ia...lavar não lavrava por que era muito pequeno mas, carpi nos ia, limpar mandioca, limpar milho, plantar com a máquina ... dai nos pegava por baixo por que por cima nós não alcançava. (SILVA,2108).

A vida das crianças remetia-se muito a de seus pais, pelo fato de ter sido o trabalho a prioridade existente no espaço de colonização. O trabalho era para a sobrevivência, as obrigações relacionadas ao constante e diário esforço serviam para ter os alimentos para a família, e posteriormente organização da sua vida baseada na agricultura. Por conseguinte, as crianças cresciam inseridas em um meio no qual ser criança era apenas para alguns momentos.

Nesse sentido, o mundo infantil mencionado por Winckler e Renk era possível, mas ao mesmo tempo distante de ser algo em que as crianças viviam constantemente, por estarem inseridas no cotidiano de seus pais. Dito de outra forma, as crianças ajudavam nas tarefas de casa e da agricultura para posteriormente, no tempo livre, pensarem em atividades que lhes proporcionassem alguma forma de diversão. Com entusiasmo, Risso (2018) relata:

Era bonito por que gente tinha tudo meio cronometrado, é chegasse o sábado de manha as nove hora, dez hora o pai libera a gente daí a gente ajudava a fazer as tarefa de casa depois a gente, se visitava bastante, daí a gente ia nos visinho, se juntava pra brincar, tinha bastante criança, correr de carrinho de roda de madeira morro a baixo, pescar, brincar de caçador, jogar bola. Bola não tinha, se fazia de uma coisa que marca muito a gente, tinha uma árvore que chamava cidro, ela faz uma fruta graúda bem maior que um limão e dai

tu tirava aquela fruta dela e deixava murcha [...] podia jogar bola meio dia, não quebrava. Era nossa bola. Outra coisa que a gente fazia muito era quando se matava um porco se enchia a bexiga do porco bem cheia de ar e jogava bola.(RISSO,W.J.,2108).

Assim, ser criança e viver esta etapa da vida como criança era um ofício que precisava ser apreendido e descoberto. Não havia um incentivo por parte dos mais velhos para que essa fase fosse vivenciada com princípios infantis, pelo fato da necessidade ser a organização do local para o trabalho e consequente subsistência. O mundo infantil ficava para quando as obrigações não ocupavam o tempo que possuíam com os trabalhos diários. É o que afirma Silva (2018) em seu depoimento: “nos domingos dai nos se reunia com os piazada e durante a semana era só nois dai nois ia joga bola de meio dia, com nossos primo la que nois almoçava e oó corria joga bola pra depois i na roça. Ma sagrado até duas hora nois ia joga bola, depois ia na roça.” Era na espontaneidade e no jeito de criança que o lazer acontecia.

Ao observar as fotografias que têm a presença de crianças, concordamos com Burke (2004, p. 131) ao afirmar que “[...] as crianças costumam ser vistas como adultos em miniatura, [...]”, e mesmo assim o lazer e sua criatividade em pensar e praticar alguma forma de entretenimento estava conjugado aos trabalhos diários da família.

O lazer infantil impregnava características que somente as crianças percebiam como prazeroso e divertido. Em meio às ações simples e rotineiras, a diversão ganhava espaço e acontecia em poucos instantes, sem planejamento. Mesmo inseridos no mundo adulto, sem brinquedos provenientes da indústria, as crianças transformavam ambientes em lugares de diversão, e tarefas em possibilidades de desenvolver brincadeiras. O lazer existia onde menos se esperava que fosse possível estar. Silva (2018) relata que “fazia um arado [...] com uma enxada e um puxava a enxada e outro lavrava. Por nos fazia, piazada né. Até nós pregava duas ripa no cabo da enxada e em cima dai fazia as maleta, pra brincar e pra trabalhar junto.”

O aspecto de diversão não era considerado necessário na vida dos colonizadores, pois havia outras funções com maior valor atribuído por eles, deixando o lazer em segundo plano. As crianças, na maioria das vezes, não vivenciavam a sua infância com características puramente infantis. “Tinha que i na roça, iiii. Nois sobrava pouco tempo pra brincar durante a semana. Nossa brincadeira era sábado de noite, de tardezinho e nem sempre. E nos domingos porque fora isso tinha que i na roça”, declara Novello

(2018). A importância para o lazer para os adultos era quase que inexistente, pelo fato de culturalmente não existirem os momentos de distração e entretenimento como parte essencial para o desenvolvimento social.

Assim, o lazer pode ser considerado muito diferente dos dias atuais, neste período da colonização (1920-1980), principalmente no mundo infantil. A criatividade, as invenções e a alegria estavam presentes nas ações de diversão, pois nada do que realizavam neste âmbito das brincadeiras era por obrigação, tornando especial e sincero o ato que gerava a alegria. É o que enfatiza Wolmyr José Risso em seu depoimento:

Uma coisa que se fazia com frequência era o dito balanço de cipó. Tinha muito cipó nas arvore ne, então a gente se agarrava, cortava o cipó e ia de uma arvore na outra [...] outra coisa era com a folha de coqueiro a gente, é loucura, pegava a folha de coqueiro e se soltava. [...] se usava as flor de coqueiro, casca da flor pra desliza né os morro, senta e se agarra na folha ela descia no doze.(RISSO,W.J.,2018).

A região dos municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC foram formados pela ação dos colonizadores em um processo gradativo e contínuo, com características específicas de cada família. As crianças, por constituírem parte significativa desta construção, merecem atenção quanto à temática lazer, o qual se diferenciava do lazer praticado pelos adultos. O lazer infantil acontecia a qualquer instante e com ferramentas e ideias simples.

A migração, a colonização e as obrigações que as crianças possuíam não impossibilitaram que a diversão das crianças se perdesse por entre as dificuldades existentes. O fascinante mundo infantil se concretizava justamente pelo fato de os jovens conseguirem intercalar a diversão no seu dia a dia de forma instantânea e sem pretensões específicas. Conseguiram transformar o cotidiano em novas oportunidades de entretenimento, sem exclusão de etnias.

Nesse sentido, percebemos que as crianças não diferenciavam ou excluíaam ao outro que era culturalmente diferente. Reafirmando a presença dos caboclos na região, o lazer das crianças também relacionava este convívio entre as culturas. Conforme declara Teresinha M. Novello, eles seguidamente se reuniam com outras crianças caboclas e se divertiam ao:

Fazer bolinho de farinha de milho, fazer casinha coberta de mata campo pra ficar sombra, lá lá nois fazia um pouco de tudo, lá nois fazia boneca com as espiga de mio. O que imaginava de brincadeira de piazada nois fazia la com as neguinha lá.(NOVELLO, T.M.,2018).

Podemos afirmar ainda que existia outro mundo dentro da esfera fundamentada no trabalho e no desenvolvimento regional. As crianças deixaram suas marcas ao fazer do lazer uma atividade natural em meio ao complicado mundo dos adultos. As crianças conseguiam ser mais felizes com um banho de chuva, com uma aposta de corrida, com uma garrafa de refrigerante, segundo relato de Risso (2018), “a gente comemorava muito para fazer [...] se fazia de vez em quando a fogueira de São João, os foguete era com taquara, metia a taquara no fogo, o taquaruçu era [...] um festival. Tu vê, se improvisava né.” Brincadeiras e atitudes que deram sentido e alegria à infância, e foram suficientes para fazer da vida em plena colonização ser conservada e recordada na memória.

Logo, o lazer significa e acontece de forma diferente para cada pessoa. Por isso, discutir a importância atribuída ao lazer é ainda mais complexo. Assim, o lazer como algo que aconteceu e permanece na lembrança dos indivíduos é o suficiente para percebermos o quão fundamental foi para os adultos e as crianças para que a vida realmente tivesse algum significado.

Nem tudo acontecia como o planejado. Na região que passava por mudanças ambientais, sociais, sem planejamento para comunidades e sem muitos recursos econômicos, a vida tornava-se difícil no sentido de possuírem algo estruturado e de longa duração. Nesse sentido, o que lhes trazia alegria era vivido intensamente e possível de ser recordado, como foi o caso do lazer. Em sua memória de colonização, adaptação e transformação, Wolmyr José Risso recorda que as brincadeiras eram boas e saudáveis, pois:

Não havia maldade acho né, as pessoas eram inocentes pra caraio e se respeitavam pra caramba. A gente valorizava muito os amigos, se valorizava de verdade. Olha, se você isse brincar, ninguém ficava fora da brincadeira, se fazia um carrinho [...] aqueles carrinho de correr nos morro, era uma viagem pra cada um não se deixava fora, daí todo mundo gostava né. E daí, sei lá, era valorizado de mais, não é que nem hoje que tem o individualismo [...]. (RISSO, W.J.,2018).

Para muitos, as diversões trazem recordações de outras lembranças que estavam associadas a estes momentos. Portanto, as vivências não aconteciam separadamente, o lazer decorria principalmente de situações nas quais o diferente, o difícil, a paisagem, o

ato espontâneo de ser criança acontecia com entusiasmo e verdadeiramente característico do mundo infantil.

Para esclarecer as diversas manifestações de lazer nesta localidade, relacionando à paisagem, à cultura e suas modificações, abordaremos a seguir o lazer infantil realizado em família, ou em grupos das comunidades que estavam se constituindo perante aos esforços e dedicações sociais dos indivíduos.

Relacionaremos também as ações que desempenhavam em função do trabalho. Tais tarefas eram realizadas por pessoas desde a mais tenra idade, no processo de colonização que se firmava na região.

3.3 O lazer associado ao trabalho

As comunidades de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC estavam em formação, com intensa movimentação. Os hábitos e costumes culturais prevaleciam em suas ações, sendo que aos poucos passaram por modificações e adaptações conforme a necessidade de organização de cada indivíduo. As relações de trabalho eram exercidas diariamente por todos da família, e suas vidas eram voltadas ao ato laborar, pois era a atividade que proporcionava a sobrevivência. Juntamente ao trabalho, é possível perceber o que faziam como diversão em meio a este processo de esforço e dedicação às tarefas obrigatórias.

Subsumindo a recorrente relação entre trabalho e lazer, a partir de nossa análise nesta pesquisa, definimos a prática do lazer vinculada ao trabalho, ação que estava fortemente presente no cotidiano dos sujeitos migrantes, e relacionada à paisagem local.

Desta forma, o lazer também pode ser associado às atividades que envolviam o trabalho diário, principalmente sobre as crianças que desde muito cedo participavam dessa rotina, com tarefas mais simples, mas que lhes cabiam a obrigação e responsabilidade de realizá-las. Wolmyr José Risso relata sobre o trabalho das crianças:

As crianças no primeiro ano nem tanto porque era mato né, mas depois que começou a introduzir a lavoura daí ajudavam a carpi, ajudavam a colher, essas coisas, plantar miudezas que era, porque se plantava de tudo, [...] era abobora, arroz, feijão, se produzia cem por cento, a gente comprava muito pouquinho, o açúcar e sal se comprava. Se produzia até a farinha, queijo, mandioca, tudo essas coisas. (RISSO, W.J., 2018).

Juntamente com a paisagem, o lazer acontecia com facilidade e em momentos de tempo livre em meio às tarefas diárias. “O trabalho e o lazer se intercalavam no cotidiano do indivíduo. O trabalho e o tempo subjetivo eram difíceis de serem percebidos separadamente, pois ambos possuíam intrínsecas relações” (AQUINO; MARTINS, 2007, p. 485).

O próprio ato de realizar algumas das tarefas obrigatórias se tornava motivo para brincadeiras e entretenimento. Muitas vezes, a diversão acontecia de um jeito tão espontâneo que não era nem percebida pelos migrantes colonizadores. Podemos observar a diversão pela fotografia 07 (página 50) representada na face das crianças da região em estudo. Elas estavam desenvolvendo suas obrigações de trabalho, mas ao mesmo tempo divertiam-se ao conduzir uma carroça cheia de produtos.

Destacamos que, na maioria das vezes, guiar um meio de transporte de produtos era ofício de adultos. Quando as crianças obtinham a oportunidade de guiar uma carroça, por exemplo, a atividade era feita com maior euforia, tornando-se uma diversão. Na fotografia 29 (página 103), constatamos este divertimento, com meninos guiando uma pequena carroça com pequenos bois para fins de trabalho, e ao mesmo tempo servindo de lazer e entretenimento às crianças, as quais aprendiam a organizar e a trabalhar com as ferramentas utilizadas na lavoura.

Nesta fotografia é possível perceber também que cada criança possuía os seus animais, sua carroça e os utensílios utilizados para com os bois, sendo que eram responsáveis por todos os materiais. Essa era uma maneira que elas encontravam para diversão, mas que ainda assim colaboravam com os serviços na lavoura, com seus próprios animais e carroças. Segundo relata Wolmyr José Risso em seu depoimento, possuir junta de bois:

Era que nem fosse hoje ter um carro ou uma moto [...] nascesse um terneiro, o pai já dizia ó quando nascer outro já te dou pra fazer a junta e era tua né, porque a gente usava pra trabalhar né. Era comum ter numa propriedade que nem a nossa ter cinco a seis junta de boi porque? Porque as terra eram bruta daí era muita raiz e os boi não aguentavam. (RISSO, W.J., 2018).

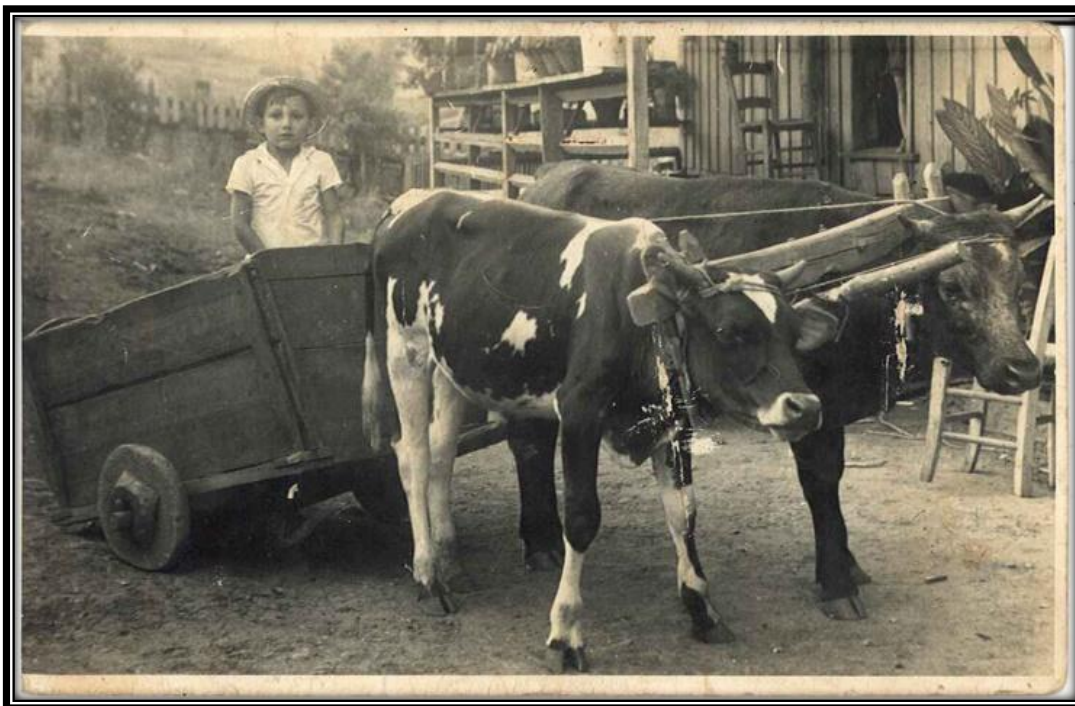
Fotografia 28 – Descendentes de colonos migrantes em Distrito São Luiz, no ano de 1978²⁷.



Acervo pessoal: Carmen Maté.

²⁷ Atualmente São Luiz é União do Oeste.

Fotografia 29 – Gaiota de colonizadores em União do Oeste, no início da década de 1970.



Fonte: Fotografia pertencente a João Tessaro – década de 1970, na comunidade de Santo Antônio do Meio – União do Oeste. Na época pertencente a Coronel Freitas.

Na época da colonização, os jovens que tinham carroças/gaiotas e bois representavam ser responsáveis por tarefas mais complexas, ou seja, passavam de crianças para a vida adulta, transição muito significava para as adolescentes. Essa situação está registrada nas fotografias por meio das quais o lazer estava presente na posse de carroças/gaiotas e bois.

Portanto, nas sociedades de migrantes colonizadores e caboclos de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati/SC o lazer era uma experiência vivida quando dispunham de tempo livre e não necessitavam se ocupar com o trabalho. O lazer constituía-se de momentos intercalados ao trabalho, nos quais poderiam encontrar alegria. Tais acontecimentos que, dentro da árdua tarefa de constituir suas vidas em um ambiente desconhecido e/ou modificado, poderiam proporcionar alegria e ânimo para continuar, sendo possível afirmar que o lazer que possuíam “era melhor do que hoje”, segundo o que relata Filipi (2018), em seu depoimento.

O ambiente que se formava, mesmo que com características sociais e culturais equivalentes aos seus antigos costumes, não era o mais reconfortante e repleto de felicidades. O lazer acontecia na perspectiva de aproveitar o tempo e os recursos que detinham para tornar mais agradável a vida em meio aos desafios que enfrentavam em um espaço que já não se constituía o mesmo de quando chegaram. Conforme enfatiza Ferreira (2010, p. 37), “O lazer é a satisfação de uma necessidade de emoções fortes, podendo ser visto como o complemento das atividades formalmente impessoais, oriundas do mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, as culturas ítalas, teutas e caboclas, dentro da dinâmica do trabalho que exerciam em suas terras, possibilitavam a ocorrência de formas de lazer vinculadas e estruturadas em seus costumes e saberes apreendidos com gerações anteriores. Tudo o que envolve o sujeito em suas ações diárias define as práticas do lazer em suas especificidades. Essas ações seguem uma etnia ao mesmo tempo em que sofrem rupturas por se relacionar com o trabalho e o ambiente. Gomes (2003, p. 60) afirma que “o lazer é desenvolvido por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço específico, estabelecendo relações dialéticas com o trabalho produtivo, as obrigações e as necessidades”.

Sempre que possível, principalmente as crianças, adequavam suas brincadeiras às tarefas que necessitavam realizar no seu cotidiano. Tanto meninos como meninas, desde o início da colonização ao estabelecimento da nova moradia, desempenhavam funções juntamente com os adultos devido à necessidade de mão de obra perante o trabalho existente em organizar o novo espaço para a família sobreviver.

O lazer ganhava espaço mesmo havendo muitas tarefas a fazer, sempre relacionado à paisagem e ao que o ambiente proporcionava. As crianças, com criatividade e imaginação, transformavam o espaço em lugares de divertimento mesmo tendo que trabalhar e ajudar os seus pais. A derrubada do mato para o preparo do solo e para a introdução de lavoura transformava-se em um ambiente de descobertas e desafios. Os mais jovens viam na derrubada das árvores, na uma empolgação e divertimento, Viam as árvores caírem e posteriormente serem puxadas pelos animais, por mais difícil e sofrido que era tal tarefa ao gado.

Com a lavoura, organizada em época de colheita dos produtos de forma manual, sem maquinário que facilitasse o trabalho, a diversão acontecia, por exemplo, com

competições de quem fazia mais rápido o serviço, quem conseguia realizá-lo sem errar. O ambiente regulava o trabalho e também a diversão. Dependendo da situação em que se encontravam, utilizavam dos recursos naturais locais para diversão e para tornar os dias mais alegres.

Em época de frutas da estação, as crianças buscavam diversão na colheita desse alimento, na ação de procurá-las na natureza e subir na árvore para consumi-las. As frutas mais conhecidas eram araticum, laranja e vergamotas, pitangas e cerejas.

Ao pensarmos no ambiente relacionado ao trabalho, podemos mencionar outra diversão que acontecia após o cumprimento das tarefas na roça e que ficava próxima a moradia: a presença de um rio. Com a autorização dos pais, as crianças banhavam-se e brincavam na água.

Outra situação de diversão acontecia entre os irmãos. O trabalho destinado a eles tornava-se uma competição e até mesmo uma negociação. Algum membro da família, com frequência, provocava e lançava algum desafio referente ao que estavam fazendo. Geralmente os pais não ficavam sabendo, pois o que queriam com a competição/negociação era ter o serviço acabado e sem perda de tempo. No entanto, as crianças mesmo assim disputavam alguma coisa para tornar o trabalho menos cansativo e fazer com que o tempo passasse mais rápido.

Atualmente, as pessoas dedicam-se a uma multiplicidade de funções que se compararmos ao significado de lazer da época em estudo, podemos considerá-las muito vazias e vulneráveis a trocas constantes. Hoje é mais difícil satisfazer-se com aspectos simples como anteriormente. Os valores são outros, as culturas transformaram-se, as prioridades ocupam maior espaço na vida dos sujeitos atuais, os quais não estão tão distantes do período estudado, mas que também se divertem com outras práticas e atividades. Ainda, segundo Dumazedier, 1972, apud Aquino; Martins (2007, p. 486),

[...] o lazer é exercido à margem das obrigações sociais em um tempo que varia segundo a forma de intensidade de engajamento do mesmo em suas atividades laborais. O lazer encontra-se submetido a um lugar de destaque, com funções de descanso, desenvolvimento da personalidade e diversão.

Muito se fazia em relação ao trabalho, por meio do qual as pessoas de diferentes culturas conseguiam vivências harmoniosas em um sistema de ajuda mútua. As relações sociais prevaleciam e aprendia-se com o outro.

Destacamos a alegria daqueles que sem recursos tecnológicos que pudessem facilitar o trabalho na região, em pleno e lento desenvolvimento, conquistaram espaço e dedicação para ações regadoras de prazer e entretenimento. “O lazer é um dos fatores mais constantes que tem influenciado no desenvolvimento social da humanidade” (MENOIA, 2000).

Desta forma, a sociedade da região desenvolveu-se com interações de lazer, de ajuda, de relações comunitárias e ao bom convívio com os demais. As culturas presentes eram muitas e diferentes, mas foi por meio desta mistura e destas inter-relações que o lazer foi possível. A presença incessante de hábitos e costumes específicos de cada grupo social, existente na região, contribuiu para a aproximação e interação de diferentes experiências e resistências.

As relações de lazer, de trabalho, de ambiente e de etnias diferentes constituíram a sociedade atual da região. Muitas foram as conquistas e perdas em relação aos seus hábitos e costumes, mas o interessante é que nesta conjuntura de vivências o lazer e suas formas de entretenimento prevaleceram e foram possíveis de serem recordadas ao passar do tempo.

Muitas são as recordações e experiências que as pessoas possuem em sua memória e que merecem destaque. O lazer, como um sentimento de crianças, adultos e sem frustrações, pode ter sido apenas um detalhe na vida de quem o vivia, mas certamente fez a diferença em meio aos constantes desafios que existiram no período da colonização (1920-1980). Naquele período, o trabalho, as questões ambientais não reguláveis, a falta de recursos e os poucos habitantes foram empecilhos para os sujeitos que precisavam ser ativos construtores de suas vidas.

Nessa compreensão, o lazer enquanto parte diária da vida dos sujeitos, em suas mais variadas formas de existir, colaborou para a união e o estabelecimento de contato entre os que estavam nas mesmas condições de migração e colonização. Ao mesmo tempo em que a diversão, e as formas como eram realizadas, fundamentou práticas, tais práticas se firmaram e tornaram-se características das novas comunidades.

Destacamos que todas as atividades realizadas pelos sujeitos da região, independentemente da etnia, estavam relacionadas ao ambiente e ao que a natureza fornecia, como o espaço e a possibilidade para adaptações e modificações da paisagem. Assim, conforme Claval (2004, p.71), “[...] o que se procura compreender são as

relações complexas que se estabelecem entre os indivíduos e os grupos, o ambiente que eles transformam, as identidades que ali nascem ou se desenvolvem”.

Por fim, dentro das possibilidades de estudar e pensar nas práticas de lazer, consideramos que o lazer é uma atitude do ser humano, possível de acontecer por suas relações serem intensas e abranger tudo o que envolve o cotidiano. Os migrantes colonos enfrentaram e realizaram as mudanças no ambiente onde fizeram morada ao passo que também foram modificados pelas circunstâncias daquele espaço social. Não vivemos sozinhos e sem a influência de outros fatores. Portanto, os personagens deste estudo, conforme suas condições e constituições, interagem com o que existia a sua volta, construindo uma vida baseada nos princípios do seu passado e com olhares e construções no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lazer como uma atividade desenvolvida pelos migrantes dos atuais municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati, entre as décadas de 1920 e 1980, articula-se com a paisagem. O divertimento era característica marcante, e muitas vezes, existia sem pretensão de acontecer, principalmente entre as crianças.

Este trabalho analisou o lazer praticado pelos migrantes Rio-Grandenses na região Oeste Catarinense, desde o início do processo de colonização. Vinculado ao trabalho realizado por estes sujeitos e à paisagem local, o lazer esteve presente e regulou muitas formas de vivência de adultos e crianças em um tempo em que a ação principal era trabalhar, para garantir o sustento da família. Estudar os hábitos e costumes nas cidades de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati, entre as décadas de 1920 e 1980, é importante para clarificar as vivências que proporcionavam divertimento. Mostrar que a paisagem, apesar de ser transformada pelos colonos que migraram, foi palco de atividades que ultrapassavam a economia, como a prática de lazer, que marcou a memória das pessoas.

Além disso, este estudo proporciona aprofundamento de conhecimento sobre o Oeste de Santa Catarina, contribuindo para a amplitude de pesquisas afins, com possível abertura para futuros questionamentos. Como afirma Zuleika (1998, p. 256), “os costumes originais desses imigrantes ajudaram a redesenhar a paisagem nos terrenos que recebiam em torno às suas casas ou em lugares destinados à lavoura deles”. Os migrantes Rio-Grandenses também modificaram o ambiente Catarinense que lhes pertencia após a negociação com as colonizadoras.

Nessa sequência, é importante considerar que as terras dos municípios do Oeste Catarinense, mencionados anteriormente, foram alvos das colonizadoras, no início da década de 1920. As empresas colonizadoras negociaram com os colonos do Rio Grande do Sul uma quantia em terras destinadas à lavoura, com a intenção de povoar o Oeste Catarinense com pessoas que transformassem a região em áreas de cultivo agrícola.

Logo no início da colonização, os migrantes ocuparam as antigas sedes dos municípios em estudo, como Coronel Freitas, Quilombo e Modelo. Com o avanço da venda das terras e da constante migração no decorrer dos anos, os gaúchos e até mesmo

os sujeitos que já estavam em Santa Catarina, avançaram a migração para a região de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati, transformando a paisagem local.

De acordo com Luca (2016, p.36), “o estudo da paisagem permite perceber a ação humana sobre o território, sendo fundamental para a interpretação das etapas de tempos posteriores que as sociedades viveram e ainda vivem”. Nessa acepção, identificar e compreender a modificação ambiental desta região permite esclarecer as formas de vida, de hábitos e costumes dos migrantes, bem como a convivência com outras etnias e suas relações com o trabalho que realizavam nas terras colonizadas.

Nesta conjuntura foi observado que, além dos colonos que migraram para os municípios de Sul Brasil, União do Oeste, Jardinópolis e Irati, já residiam nos locais muitos caboclos. No entanto, não foi possível identificar a partir do estudo realizado se nesta região os caboclos e indígenas foram expulsos de forma violenta.

A partir do momento que o colonizador se instalou na região, iniciaram-se intensas transformações na paisagem constituída de floresta, passando-se à introdução da lavoura com cultivo de produtos alimentícios. O trabalho era a principal atividade e todos executavam tarefas que lhes correspondiam diariamente. Essa foi a maneira encontrada para as famílias conseguirem, de forma lenta, mecanismos de sobrevivência.

Além do trabalho exercido para compor a permanência em terras catarinenses, os migrantes trabalhavam para recomeçar a vida cultural que possuíam em suas origens. Trabalhava-se para a construção de igrejas, campos, cemitérios, escolas e espaços para outros entretenimentos. É importante afirmar que, antes de qualquer outra atividade, vinha o cumprimento do trabalho diário para depois ocupar-se o tempo restante com demais atividades.

Dentre as características de vida dos migrantes nas terras do Oeste de Santa Catarina, há ainda que considerar a presença marcante da religião como importante prática dos indivíduos. Depois do trabalho que garantia uma vida com melhores condições econômicas, a religião era uma forma de esperança, de fortalecimento da fé de que o que realizavam iria dar certo. A religião era muito valorizada e era repassada de geração para geração, desde a infância.

As características religiosas, além das fontes documentais e bibliográficas, são percebidas através da observação de fotografias da região em que há a presença da

religião registrada na vida dos colonizadores. Também, há elementos presentes na paisagem que identificam o trabalho que realizavam na região. Conforme Manfio (2012, p. 32):

[...] a paisagem é denominada como o resultado da interação de diversos elementos entre eles: o natural, humano, social, cultural ou econômico e das quais, passa constantemente por um processo de modificação, pelo fato sofrer interferência das atividades humanas.

Nas fotografias, encontramos características que demonstram a forma de vida dos colonos relacionada ao ambiente a às culturas deles, além de exemplos de atividades que envolvem a obrigação do ofício e também as suas diversões. Esses registros esclarecem o estudo das especificidades dos dias que marcaram a vida em movimento, e as ações que lhes faziam felizes dentre as demais ações diárias, sempre reguladas pela paisagem, pelo ambiente que ainda permanecia ou que fora modificado.

Assim, juntamente com todas as questões que envolvem a migração de colonos do Rio Grande do Sul para o Oeste Catarinense, há também de se considerar o que estas pessoas conquistaram e se dedicaram a realizar para entreter-se. O lazer frequentemente ficava reservado para quando houvesse tempo disponível, ou seja, para quando não necessitavam trabalhar. Não havia uma importância para o lazer, que acontecia conforme o que o ambiente e a natureza proporcionavam. As oportunidades aconteciam ao mesmo tempo em que desempenhavam as atividades obrigatórias do cotidiano.

A importância que os colonos migrantes conferiam ao lazer era praticamente inexistente. O trabalho, a possibilidade de alimentarem-se, ter o local para morar e como cuidar dos animais constituíam as ações que interessavam aos colonos migrantes. Também entendemos que o lazer das pessoas pode ser diferente, pois cada povo ou cultura considera condutas diferentes para o divertimento. Por isso, não podemos dizer o quanto se divertiam, se suas ações traziam alegria ou não. São os próprios indivíduos que definem o que lhes proporcionava alegria. Ainda, considerando as diferenças relacionadas ao lazer, havia distinções entre as atividades de homens e mulheres, pois ambos não realizavam as mesmas práticas para se divertirem. Algumas formas de diversão englobavam a todos, já outras, como era o caso do futebol, apenas homens jogavam, e as mulheres faziam parte da torcida como telespectadoras.

As crianças também compunham a prática do divertimento, realizada em meio a tantas atividades dos colonos migrantes. Mesmo realizando as tarefas do dia a dia que seus pais lhes conferiam, as crianças conseguiam encontrar um meio para divertir-se ao mesmo tempo.

Muitas brincadeiras e formas de divertimento das crianças aconteciam durante o momento em que estavam realizando algum serviço relacionado à lavoura ou aos arredores de suas casas. O trabalho que desempenhavam era uma obrigação diária, auxiliando aos adultos com outras tarefas que surgiam no decorrer da organização familiar, e mesmo assim faziam do serviço uma oportunidade para a diversão. Isso porque o lazer das crianças era simples, e muitas vezes, como observado nas imagens e relatos, engenhoso.

Muitas brincadeiras e formas de divertimento infantil estavam relacionadas à paisagem. O ambiente, com suas características naturais ou já modificadas, foi o lugar de oportunidade de lazer de muitos jovens da região. Os aspectos da natureza serviram para a sobrevivência das famílias, do mesmo modo que proporcionaram alternativas de diversão às crianças.

Por isso, o ambiente diz muito sobre determinadas situações. O lazer das crianças era fruto do que havia na paisagem. As interações aconteciam pela ocorrência de fatores naturais que, de uma forma ou de outra, eram aproveitadas para alguma brincadeira infantil. O que relevante era conseguir uma forma de divertimento, não importando com o que ou como fazer.

Apesar de todas as dificuldades existentes, dos poucos recursos financeiros, as ações que proporcionam orgulho e satisfação aos colonos foram os momentos alegres que possuíram e principalmente os meios utilizados para o lazer acontecer. Em um tempo em que a tarefa principal de uma família era trabalhar e conseguir meios para sobreviver ao desconhecido, o lazer se encontra hoje como lembranças boas da vida.

Compreendemos que os desafios foram múltiplos, e o processo de adaptação, de modificação do ambiente e de suas formas de vida foram intensos. Neste meio, impregnado de sentimentos, o lazer/diversão acontecia e é recordado com muito significado àqueles que um dia atribuíram sentido ao que realizaram.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. IN: SEVCENKO, N. **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Companhia Das Letras 1998 OU 2006. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_CjawbpBSh3V196MnRBVXBNUEk/edit. Acesso em: 28 mai. 2018.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e subjetividade** – Fortaleza – vol. VII – Nº 2 – p. 479-500 – set/2007. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1595/3577>. Acesso em: 02 mai. 2017.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2017.

BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória. **Revista Unisinos – História Unisinos**. v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/964/167>. Acesso em: 18 set. 2017.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: imagem e história**. Bauru: EDUSC (2004).

CARBONERA, Mirin; ONGHERO ,André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel (Org). **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017.

CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Org.). **Releituras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Livro-Digital.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **Uma grande empresa em meio à floresta: A história da devastação da floresta com araucária e a Souther Brazil Lumber and colonization (1870-1970)**. Florianópolis, 2010. 313 p. Tese (Doutor em História) - Programa de Pós Graduação em História. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93507>. Acesso em: 09 out. 2017.

CATALAN, Gesélio; CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene. Esporte em Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 521 - 546.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny. Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. Vol 11. Cap. 2. p. 13-75.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL Zeny. **Paisagens, texto e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. Vol 11. Cap. 1. p. 7-13.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina–história, Geografia, Meio ambiente, Turismo e Atualidades**. Florianópolis: Postmix, 2011. Cap.16, pg. 123-229.

DEAN, Warren. **O Valor da Terra Nua**. In _____A Ferro e Fogo: A História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Schwarcz, 2013. 9º ed. Cap. 15, pg. 365 – 380.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos** – Fundação Getúlio Vargas Sistema de Bibliotecas. v. 4, n. 8, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2319> Acesso em: 12 set. 2017.

FANTE, Lourdes Delai. **Assim Nasceu IRATI**. São Lourenço d'Oeste: Cruzeiro, 1994.

FERNANDES; Erick Rogrigo; HÚNGARO, Edson Marcelo; SOLAZZI, José Luiz. **Lazer, Trabalho e Sociedade**: notas introdutórias sobre o Lazer como um direito social. 2004. 13 f. VIII Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Artigo (Centro de Estudos Sociais, Faculdade de economia) Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Erick%20Fernandes_EdsonHungaro_JoseSolazzi.pdf Acesso em: 02 mai. 2017.

FERREIRA, Camila Lopes. **Trabalho, tempo livre e lazer**: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira. Ponta Grossa, 2010. 80 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia da produção) - Programa de pós-graduação em engenharia de produção mestrado em engenharia de produção. 2010. Disponível em: <http://www.pg.utfpr.edu.br/dirppg/ppgep/dissertacoes/arquivos/154/Dissertacao.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Zahar, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KwzuLPDH_DoC&oi=fnd&pg=PA7&ots=QJU3VeeUve&sig=Y98CF8nEdmV0neoLTzKPjX41B_U#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 jun. 2017.

GERTZ, René. A colonização no período republicano–segunda fase. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Org.). **Releituras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Livro-Digital.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). Belo Horizonte, 2003. 322 p. Tese (Doutora em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-5NVJWV>. Acesso em: 24 jan. 2018.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 09-22.

KAISER, Jaksam. Santa Catarina em Síntese. **Cidades e regiões**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: Usos sociais e historiográficos. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. P.29-60.

LUCA, Tania Regina; Carla Bassanezi PINSKY. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LUCA, Virginia Gomes de. **Caráter da paisagem**: foto-grafia do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. 2016. 398 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172360>. Acesso em: 15 mai. 2018.

MANFIO, Vanessa. **A Quarta Colônia de imigração italiana**: uma paisagem cultural na região central do Rio Grande do Sul. Revista Geografia Ensino & Pesquisa. v.16, n.4, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7333/4372>. Acesso em: 28 mai.2018.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer. São Paulo, 2005. 320 p. Tese (Doutor em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física. 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274935/1/Mascarenhas_Fernando_D.pdf. Acesso em: 24 jan.2018.

MENOIA, Thelma Regina Marialva. **Lazer**: história, conceitos e definições. Campinas: Unicamp, 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000325119>. Acesso em: 20 jan. 2018.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis : UFSC, 2009.

NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. **Esboços** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. v.10, n.10, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/23336/21024>. Acesso em: 03 ago. 2017.

ONGHERO, André Luiz. Colonização e constituição do espaço rural no Oeste de Santa Catarina. **Anais do XXVII Simpósio da ANPUH Nacional**. Natal, 2013. Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364480403_ARQUIVO_AndreLuiz_OngheroartigoANPUH2013.pdf. Acesso em: 16 mai. 2018.

ONGHERO, André Luiz; RADIN, José Carlos; CARBONERA, Mirian; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. Nos primeiros tempos... Cotidiano dos colonizadores em Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 107 - 136.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. Universidade de São Paulo – **Estudos avançados**. v. 24, n. 68, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10468/12202>. Acesso em: 12 set. 2017

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

PIMENTA , Gregório Hernández. **Entre arte e lazer: Deslocando sentidos e experiências através da performance**. 2013. 85 f. Dissertação (Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9XRKDD/dissertac_a_o_2015__versa_o_final__digitalizada_2.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 mai. 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009.

RADIN, José Carlos. Um olhar sobre a colonização da Fronteira Sul. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZERTH, Paulo A. **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2015. p. 146-166.

RADIN, José Carlos; VICENZI, Renilda. A colonização em perspectiva no cenário de Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 59-106.

RENK, Arlene Anelia. **A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense**. ARGOS, 2006.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o estado brasileiro**. Minas Gerais, 1993. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/IDENTIDADE-%C3%89TNICA.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.34

SILVA, Claiton Marcio da; BRANDT, Marlon; MORETTO, Samira Peruchi. Transformando a paisagem: uma história ambiental de Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 181-214.

VALENTINI, Delmir; WITTE, Gerson; CARBONERA, Mirian; SALINI, Ademir Miguel; ONGHERO, André Luiz (Orgs). **Revelando o Contestado**: as fotografias na história do centenário da guerra. Chapecó: Argos, 2015.

WERLANG, Alceu. **A colonização a margens do rio Uruguai no extremo oeste catarinense**: Atuação da Cia Territorial Sul Brasil 1 9 2 5 a 1 9 5 4. 1992.224. Dissertação (Mestre em História)- Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1992.

WERLANG, Alceu Antonio. Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense – A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Argos: Chapecó. 2006.

WERLANG, Alceu. Processo de colonização do oeste de Santa Catarina Atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. **Revista Cadernos do Ceom** - Cultura e Sociedade. v. 9, n. 9. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2112/1202>. Acesso em: 03 ago. 2017

WINCKLER, Silvana; RENK, Arlene. Tecendo memórias de mulheres chapecoenses. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel. **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 461- 490.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos** – Fundação Getúlio Vargas Sistema de Bibliotecas. v. 4, n. 8, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324>. Acesso em: 12 set. 2017.

FONTES

Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina - ALESC. **Legislação Estadual**. Lei nº 8.353, de 26 de setembro de 1991. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1991/8353_1991_lei.html Acesso em: 02 ago. 2017

Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina - ALESC. **Legislação Estadual**. Lei nº 8.528, de 09 de janeiro de 1992. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1992/8528_1992_lei.html Acesso em: 02 ago. 2017

Atlas escolar de Santa Catarina. Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, Subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatístico. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1991. P. 87. Disponível em: <http://www.spg.sc.gov.br/mapas/atlas/AtlasBranco.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2017.

CORONEL FREITAS. **Tabelião e Oficial de Registro Civil**. n. 16.393 . 08 Jan. 1970.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO. **História**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/sc/irati/historico>. Acesso em: 25 jul. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO. **Irati**. Santa Catarina. Histórico. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/irati.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.

IRATI. **Escrivã de Paz de Irati**. n. 042. 15. Ago. 2017.

JARDINÓPOLIS. **Escrivã de Paz e Tabela de Jardimópolis – SC**. s/n. 06 Mar. 1995.

MODELO. Registro de Imóveis – Pinhalzinho SC. n. 793. 22 Mar. 1994.

Prefeitura municipal de Jardimópolis. **História**. Jardimópolis, construída por um povo lutador. 2013. Disponível em: <http://www.jardinopolis.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/8890#.WXefMojoyvIU>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Prefeitura municipal de Sul Brasil. **Sul Brasil**, uma história de sucesso. 2015. Disponível em: <http://www.sulbrasil.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/22487>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Prefeitura municipal de União do Oeste. **Lei de criação**. 2014. Disponível em: <http://www.uniaodoeste.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/37546>. Acesso em: 25 jul. 2017.

ENTREVISTAS

Carlos Da Silva, 65 anos. **Entrevista**, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso. Projeto de Extensão: Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

Gema Santa Catarina Filipi, 71 anos, **Entrevista** 09 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso. Projeto de Extensão: Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

Teresinha Maria Movello, 54 anos. **Entrevista**, 07 de fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso. Projeto de Extensão: Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.

Wolmyr José Risso, 60 anos. **Entrevista**, 13 de Fevereiro de 2018. Irati SC. Entrevistador (a): Claudia Valmorbida Risso. Projeto de Extensão: Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades.